



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PAULA AUTRAN NUNES

**“INFÂNCIAS TITÂNICAS”: CENAS DO COTIDIANO NO SERVICULUZ E SEUS
EFEITOS NA PRODUÇÃO DE MODOS DE SER CRIANÇA**

FORTALEZA
2021

PAULA AUTRAN NUNES

INFÂNCIAS TITÂNICAS: CENAS DO COTIDIANO NO SERVILUZ E SEUS
EFEITOS NA PRODUÇÃO DE MODOS DE SER CRIANÇA

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros.

FORTALEZA
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A957" Autran, Paula.
"Infâncias Titânicas" : Cenas do Cotidiano no Serviluz e seus Efeitos na Produção de Modos de Ser Criança
/ Paula Autran. – 2021.
132 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Prof. João Paulo Pereira Barros.

1. infâncias. 2. cartografia. 3. territórios. 4. subjetividades. 5. psicologia social. I. Título.

CDD 150

PAULA AUTRAN NUNES

INFÂNCIAS TITÂNICAS: CENAS DO COTIDIANO NO SERVILUZ E SEUS
EFEITOS NA PRODUÇÃO DE MODOS DE SER CRIANÇA

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Processos Psicossociais e Vulnerabilidades Sociais.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Pereira Barros.

Aprovada em: 28/06/2021.

Prof^o Dr. João Paulo Pereira Barros (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^a Dra. Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^o Dr. Antonio Vladimir Félix da Silva
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES por financiar esta pesquisa.

"o que o poeta (Manoel de Barros) interessa especialmente achar são lugares onde se encontra a infância" (KOHAN, 2007, p. 91).

RESUMO

Na dissertação analisamos processos de subjetivação e enunciação de crianças por meio de cenas do cotidiano no Serviluz, territorialidade periférica da cidade de Fortaleza. Como objetivos específicos, descrevemos cenas do cotidiano de crianças a partir de suas enunciações sobre o Serviluz; discutimos que infâncias têm sido produzidas nessas territorialidades periféricas; problematizamos que Serviluz as infâncias têm desenhado. Os referenciais teóricos metodológicos para tematizar as infâncias, os territórios e as subjetividades estão alinhados à psicologia social, partindo de trabalhos que discutem as infâncias à luz de referenciais pós-estruturalistas. Esta pesquisa pode dar visibilidade a diferentes modos de subjetivação, tensionando o plano coletivo e micropolítico das forças que engendram o cotidiano de crianças que vivem em contextos periféricos de Fortaleza. O enfoque nos processos de subjetivação de crianças periféricas a partir de seus cotidianos nos territórios em que vivem pode produzir deslocamentos das concepções hegemônicas e estigmatizantes sobre tais territórios existenciais, comumente (in)visibilizados pelos signos da violência, do tráfico, da pobreza e da exclusão. A metodologia usada para a produção de dados foi delineada a partir da perspectiva de uma cartografia como método de pesquisa-inter(in)venção, sendo percorrido com crianças cartógrafas-guias. Propondo-se a acompanhar processos de produção de subjetividades destacando o plano coletivo de forças nessa produção e suas diferentes formas, por meio de 2 dispositivos metodológicos: andanças com crianças pelo Serviluz, oficinas em grupo com crianças durante a pandemia e memórias da pesquisadora de cenas de sua inserção como psicóloga naquele contexto. Discutimos, as cenas cartografadas a partir desses dispositivos, a produção de territórios existenciais em cenários de precarização da vida e a construção de práticas e táticas micropolíticas de resistência por crianças em seus cotidianos. São trazidas à tona reflexões sobre como as dinâmicas da violência no Serviluz afetam o cotidiano de crianças que o habitam, assim como quais linhas de fuga as crianças criam para seguir (se) movimentando (n)aquele território existencial. Tecemos também uma análise das mudanças no cotidiano de crianças do Serviluz, advindas do contexto da pandemia de Covid-19. Por fim, das cenas-analisadoras, sejam pelas memórias, pelas andanças ou pelo meio virtual, foram movimentos para compreendermos o esboço do Serviluz traçado por infâncias titânicas. Como conclusão deixo aqui a interrogação “Serviluz as infâncias tem desenhado?”. As infâncias titânicas vem desenhando suas experiências, afetos, fluxos, micropolíticas e cotidianos na cartografia do território. Um desenho coletivo com muitas mãos, maresias, cores e dores. Essas

experiências atravessam o tempo, são ancestrais, continuam e continuarão existindo por meio de outras infâncias e outros modos de ser criança.

Palavras-chave: infâncias; cartografia; territórios; subjetividades; psicologia social.

ABSTRACT

In the thesis, we analyze the processes of subjectivation and enunciation of children through everyday scenes in Serviluz, a peripheral territoriality in the city of Fortaleza. As specific objectives, we describe daily scenes of children from their enunciations about Serviluz; we discuss what kind of childhoods have been produced in these peripheral territorialities; problematize what kind of Serviluz childhoods have drawn. The methodological theoretical frameworks for thematizing childhoods, territories and subjectivities are aligned with social psychology, based on papers that discuss childhoods under the light of post-structuralist frameworks. This research can give visibility to different modes of subjectivation, tensioning the collective and micropolitical plane of the forces that engender the daily lives of children who live in the peripheral contexts of Fortaleza. The approach on the processes of subjectivation of peripheral children from their daily lives in the territories in which they live can produce displacements of the hegemonic and stigmatizing conceptions about such existential territories, commonly (in)visible by the signs of violence, trafficking, poverty and exclusion. The methodology used for the production of the data was delineated from the perspective of a cartography as a research-inter(in)vention method, being covered with child cartographers-guides. Proposing to monitor the production processes of subjectivities highlighting the collective plane of forces in this production and its different forms, through 2 methodological devices: walks with children through Serviluz, group workshops with children during the pandemic and researcher's memories of scenes of her insertion as a psychologist in that context. We discuss the scenes mapped from these devices, the production of existential territories in precarious life scenarios and the construction of micropolitical resistance practices and tactics by children in their daily lives. Reflections are brought to light on how the dynamics of violence in Serviluz affect the daily lives of children who inhabit it, as well as which lines of flight the children create to keep moving (in) that existential territory. We also analyzed the changes in the daily lives of children from Serviluz, arising from the context of the Covid-19 pandemic. Finally, the analyzing-scenes, whether through memories, wanderings or the virtually, were movements to understand the outline of Serviluz traced by titanic childhoods. As a conclusion, I leave here the question "Has Serviluz been drawing childhood?". The titanic childhoods have been drawing their experiences, affections, flows, micropolitics and daily life in the territory's cartography. A collective design with many hands, sea air, colors and pain. These experiences

cross the time, are ancestral, continue and will continue to exist through other childhoods and other ways of being a child.

Keywords: childhoods; cartography; territories; subjectivities; social Psychology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Farol do Mucuripe.....	13
Imagem 2 - Criança participando da reunião sobre as ZEIS.....	22
Imagem 3 - Barquinho navegando na linha 77 (Parangaba/Mucuripe).....	29
Imagem 4 - Crianças e felinos.....	61
Imagem 5 - Praia das Pedrinhas.....	62
Imagem 6 - Rua: Amâncio Filomeno.....	76
Imagem 7 - Titan não se vende	83
Imagem 8 - Escada para o mirante do farol do Mucuripe.....	89
Imagem 9 - Crianças brincando.....	91
Imagem 10 - Juanjo.....	99
Imagem 11 - Comadres na calçada em tempos pandêmicos.....	104
Imagem 12 - Stencil: Cadê a creche?.....	108
Imagem 13 - Tambor de Crioula no Farol.....	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMT	Associação Dos Moradores Do Titanzinho
CCBJ	Centro Cultural do Bom Jardim
CCPHA	Comitê Cearense Pela Prevenção De Homicídios Na Adolescência
CCVH	Centro de Cidadania e Valorização Humana
CDVHS	Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza
CMI	Capitalismo Mundial Integrado
IPLANFOR	Instituto De Planejamento De Fortaleza
ONG	Organizações Não-governamentais
PIRF	Plano Integrado De Regularização Fundiária
TIC	Festival Internacional de Teatro do Ceará
UFC	Universidade Federal Do Ceará
UNICEF	Fundo Das Nações Unidas Para A Infância
VIESES	Grupo De Pesquisa E Intervenções Sobre Violência, Exclusão Social E Subjetivação
ZEIS	Zona Especial De Interesse Social

SUMÁRIO

1	NAVEGANDO NAS ONDAS DO TITAN: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE INFÂNCIAS TITÂNICAS.....	13
1.1	As imagens que criamos.....	24
1.2	Uma breve percepção da sociedade brasileira sobre determinadas infâncias.....	26
2	OBSERVANDO A MARÉ E TRAÇANDO PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	30
2.1	Pesquisa-inter(in)venção e cartografia no estudo sobre cotidianos periféricos e modos de ser criança.....	30
2.2	Serviluz: “beira-mar” das crianças titânicas.....	36
2.3	Infâncias titânicas: táticas e modos de ser criança no Serviluz.....	39
2.4	Cartografando linhas azuis do Titanzinho: dispositivos metodológicos.....	43
2.4.1	<i>Uma cartografia repleta de chão e sal: as andanças como dispositivo metodológico de acompanhamento de trajetos com crianças cartógrafas-guias pelo Serviluz.....</i>	<i>44</i>
2.4.2	<i>Surfando nas ondas da internet: as estratégias no contexto de distanciamento social decorrente da Pandemia de Covid-19.....</i>	<i>48</i>
2.5	Análise de “dados”.....	49
3	PRECARIZAÇÃO DA VIDA DE CRIANÇAS E MICROPOLÍTICAS DE RESISTÊNCIAS INFANTIS.....	51
3.1	“Vamo de pé dois”: andanças no bairro, passando pelo mercantil.....	55
3.2	Bienal (de) fora da bienal: (in)visibilidades de crianças.....	65
4	DEVIR-CRIANÇA E A PRODUÇÃO DE LINHAS DE FUGA ÀS DINÂMICAS DA VIOLÊNCIA NO SERVILUZ.....	71
4.1	“Eu não posso ir lá para cima!”.....	75
4.2	“E essa policia parada, o que eles querem?!”.....	84
4.3	Do Serviluz à Nova Canudos: o encontro com crianças entre os territórios.....	95

5	TECENDO UMA REDE DE PESCA VIRTUAL: INFÂNCIAS DO SERVILUZ EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	102
5.1	Mande notícias do mundo de lá: construindo uma ponte com as crianças por meio de oficinas virtuais.....	105
5.1.1	<i>Fazendo conexão.....</i>	<i>106</i>
5.1.2	<i>Videochamadas com as crianças.....</i>	<i>109</i>
5.1.3	<i>Jogando Gartic.io de modo online.....</i>	<i>110</i>
6	QUE SERVILUZ AS INFÂNCIAS TÊM DESENHADO? REVISITANDO O PROCESSO CARTOGRÁFICO.....	115
7	REFERÊNCIAS.....	120
	ANEXO A - PARECER PLATAFORMA BRASIL.....	128

1 NAVEGANDO NAS ONDAS DO TITAN: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DE INFÂNCIAS TITÂNICAS

Imagem 1: Farol do Mucuripe



Fonte: Davi Pinheiro (2019).

O campo de problematização desta pesquisa se volta aos processos de subjetivação e enunciação de infâncias no Titan, a partir de cenas-analisadoras dos cotidianos de crianças no Serviluz. Meu interesse pela imanente produção de modos de ser criança naquela territorialidade periférica da cidade de Fortaleza, considerando sua imanência à própria constituição micropolítica de infâncias periféricas como territórios existenciais, nasceu em 2014, como frequentadora do território, mas somente em 2016, quando comecei a atuar como

psicóloga no Projeto de Vida Titanzinho, na região do Serviluz, em Fortaleza, que as ações com infâncias temáticas emergiram. Desde 2015, o Instituto TrêsMares, por meio do Projeto de Vida Titanzinho, vem desenvolvendo atividades em grupo com crianças e adolescentes, objetivando potencializar reflexões, discussões e ações em torno de temáticas ligadas ao campo dos Direitos Humanos.

Minha inserção, em 2018, no Grupo de Estudos “Bio/Necropolítica: diálogos entre Mbembe, Foucault e Agamben”, desenvolvido pelo programa de extensão “Vieses: Grupo de Pesquisa e Intervenção sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação”, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), e também no Projeto de Extensão “Maquinarias: Infâncias em Invenção”, em 2019, que tem como objetivo desenvolver ferramentas para problematizar os territórios das infâncias, aprofundaram minha aproximação com a temática, colaborando para a articulação das reflexões teóricas que se seguem.

Desse modo, as referências desta dissertação permeiam três eixos de discussão: territorialidades, infâncias e processos de subjetivação. Sendo desenvolvidos por meio de autores que discutem as infâncias, sobretudo as infâncias periféricas, e teóricos pós-estruturalistas que tencionam a psicologia social. As idas ao território possibilitaram um convívio maior com os moradores do Serviluz e proporcionaram um pensar no sentido que Kohan (2007) coloca:

O pensar é um encontro. Todo encontro que se aprecie como tal não pode ser antecipado, deduzido ou previsto em formato que possa ser utilizado para fins didáticos. É o choque imprevisto com o que nos obriga a pensar, que nos comove inteiramente, que nos deixa perplexos, que nos leva a problematizarmo-nos, a pensar o que até agora não podíamos pensar (p. 232).

Esses percursos e essas incursões teóricas colaboraram para que minhas inquietações se voltassem para os processos de subjetivação de linhas de sujeição e singularização – considerando suas articulações e tensões por aspectos macropolíticos e micropolíticos, linhas duras e molares (opressões estruturais) e linhas moleculares e de fuga (resistências, insurgências, invenções micropolíticas) –, ou seja, para como os cotidianos de crianças no Titan eram engendrados tanto por forças de dominação e subalternização como por forças de criação e invenção de modos heterogêneos de ser criança.

Entre essas forças de criação e invenção, percebemos como há potência de vida naquele local, considerado marginalizado pelo discurso hegemônico na cidade, temos como exemplo: o surf, a presença de projetos sociais, a pesca, a arte, as movimentações de crianças, além da tenacidade de moradores e moradoras que lutam por condições melhores de vida diante

de descasos institucionais, advindos de um histórico de desigualdades sociais, atualmente recrudescidas pelo neoliberalismo vigente.

Apesar da situação adversa ocorrida na primeira visita que fiz ao Serviluz, em outubro 2014, cena essa que emerge das andanças pela memória quando solicitei informações no antigo corpo de bombeiros, que ficava em frente ao antigo Farol do Mucuripe¹ (1840 - 1846), de como chegar à praia do titanzinho que se localiza dentro do território. O bombeiro que me orientou a chegar à praia, alertou que o local era perigoso e que eu provavelmente seria assaltada. Mesmo com esse alerta do bombeiro, o que me convocava naquele território era mais atrativo do que o perigo. Foi o mar e toda sua potência de vida que proporcionou os mais diversos encontros com as infâncias titânicas.

A denominação “titânicas”, que compõe o título da dissertação e faz referência às infâncias do Serviluz, surgiu do nome da praia do titanzinho. A praia ficou conhecida por esse nome por conta do gigante guindaste de aço que, em 1939, chegou para a construção do Porto do Mucuripe. O guindaste contribuiu na construção do quebra-mar das praias, o que tornou as águas do lugar mais calmas — hoje em dia, essas praias são conhecidas como praia mansa e praia do portão. O tamanho e força do guindaste eram tamanhas que as pessoas passaram a usar para se referirem a algo de proporções grandiosas. O Titan acabou desabando naquelas águas com o desgaste do tempo, ficando o nome da praia — titanzinho — em sua homenagem (ESPÍNOLA, 2007).

“A praia do titanzinho é considerada a alma do Serviluz” (NOGUEIRA, 2015, p. 143). A comunidade do Serviluz ficou mundialmente conhecida por conta dos surfistas profissionais que saíram dali, durante a década de 70. Foi por conta do antigo Serviço de Luz e Força de Fortaleza - SERVILUZ, que o território ganhou esse nome. Uma antiga anedota já evidenciava os problemas que o lugar enfrentava e ainda enfrenta: “Aqui é o Serviluz: de dia falta água e de noite falta luz (NOGUEIRA, 2015).

A história do Serviluz possui mais de 50 anos de resistência, tendo uma população com cerca de 25 mil habitantes. Sendo o território da Regional II mais desassistido pela prefeitura. Os moradores do local vivem em condições precárias de infraestrutura urbana, privados do básico para uma vida com qualidade (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2019). Para uma parcela majoritária da cidade, o Serviluz figura como um local de vulnerabilidade socioeconômica, apagado da memória do município, onde os direitos básicos são constantemente violados, tornando maior sua exposição a vários tipos de violências

¹ O Farol do Mucuripe fica localizado na entrada do Serviluz e foi construído por escravos entre 1840 a 1846.

(AGUIAR; SÁ, 2015). Das crianças aos idosos, os moradores vivem em condições de precarização induzida e desigual (BUTLER, 2018). Para Butler (2018), essas são conduzidas e mantidas desse modo pelo desejo de destruí-las.

O Estado apresenta dois posicionamentos diante dos territórios populares: ausentando-se, reforçando a invisibilidade e a precariedade da infraestrutura, como a falta de saneamento, de escolas de qualidade, de postos de saúde, e destinando pouco investimentos à garantia de direitos em favelas e periferias; ou se mantendo presente de forma repressiva com o policiamento excessivo e truculento que faz uso de força contra os moradores desses territórios. Assim, intensificam-se as narrativas que tratam as favelas e as periferias como territórios de carência, composto por pessoas perigosas e vagabundos que não querem trabalhar, ou que apresentam seus moradores como pobres coitados esquecidos pelo Estado (FRANCO, 2018).

Para a Administração Municipal, o Serviluz não se caracteriza como bairro, ou seja, ele não é reconhecido legalmente pela gestão da cidade. Para pesquisar dados² sobre a população e a moradia, é necessário usar os nomes dos bairros Vicente Pinzón ou Cais do Porto, o que torna, muitas vezes, imprecisa a informação pesquisada. O Serviluz está localizado em um trecho estreito à beira mar, banhado pelo Oceano Atlântico, abaixo do bairro Vicente Pinzón e ao lado direito do Cais do Porto. É uma comunidade pesqueira que emergiu (NOGUEIRA, 2006), em 1950, atraída pela construção do novo porto de Fortaleza, em 1940 (ESPÍNOLA, 2007)³.

Já em outro instante, o Serviluz, de modo controverso à não caracterização do território como bairro, passa a ser reconhecido, por lei, como uma área demarcada pelo instrumento urbanístico das Zonas Especiais de Interesse Social - ZEIS, incluída em 2009 na revisão do Plano Diretor, que visa melhorar as áreas públicas e privadas por meio de dispositivos urbanísticos, principalmente no que diz respeito à regularização fundiária dos assentamentos ocupados pela população de baixa renda. A inclusão das ZEIS no Estatuto da Cidade foi conquista advinda da luta popular e proporcionou maior visibilidade para as contradições sociais no que diz respeito ao processo urbanístico brasileiro. Esse instrumento urbanístico se tornou aliado das comunidades que lutam por moradia e para manter os moradores no local onde residem (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2018). A orientação é

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Índice de desenvolvimento Humano (IDH), entre outros.

³ O acesso a essa referência foi possibilitado por uma visita ao Acervo Mucuripe, projeto de memória comunitária dos bairros e comunidade do grande mucuripe, tendo o pesquisador Diego Paula de Araújo como idealizador (Instagram @acervomucuripe).

também investir em políticas públicas de saúde, educação, mobilidade e segurança nesses territórios (SANTOS; ARAUJO, 2018a).

O território não é concebido de modo vazio ou passivo de ações, mas sim possuído por uma racionalidade dominante, produzindo “uma verdadeira esquizofrenia” (SANTOS, 2020, p. 80), ao mesmo tempo em que outros modos de vida emergem. O território, ou o espaço geográfico, expressa, no decorrer de sua história, os atores e as racionalidades mais conscientes, no que diz respeito às intervenções (SANTOS, 2020). Quando se fala em territorialidades, em Psicologia Social, busca-se problematizar espacialidades e o que se produz nelas, a partir da articulação de diferentes elementos nos territórios de vida dos sujeitos, tais como elementos geográficos, políticos, institucionais e simbólicos, cartografando percursos e saberes que engendram formas de viver (HÜNING; GOMES, 2019).

O Serviluz se torna um espaço entre, ora um não lugar no plano diretor da cidade, ora um lugar na ZEIS, espaço esquizofrênico que opera mudanças em relação à cidade. Considerando que a cidade é organizada para funcionar de um determinado jeito, a força da ocupação de espaço, pelas pessoas que ocuparam o Serviluz, foi dando expressão e vida ao local, que emerge como espaço esquizofrênico, em que a desordem faz com que a ordem criada por seus moradores comece a olhar para esse lugar (SANTOS, 2020).

O território do Serviluz foi classificado como ZEIS prioritária, que tem como característica as zonas formadas por ocupação desordenada do solo pela população de baixa renda. As habitações e os assentamentos precários são outras particularidades que classificam as zonas como prioritárias, realidade essa causada pelo processo urbanístico elitista da Cidade (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2018). De acordo com o Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência - CCPHA (2018a), em 2016, os homicídios de adolescentes foram cometidos em 17 bairros, dos 119 que existe em Fortaleza, sendo 44% das mortes em territórios com assentamentos precários (SANTOS; ARAÚJO, 2018).

A vulnerabilidade frequentemente é reduzida à situação de pobreza, contudo, essa se caracteriza por diferentes razões, como a precarização da economia, da infraestrutura, da saúde, da educação, dos direitos à moradia e de ir e vir, entre outros. Os direitos individuais e sociais são fatores que definem a condição de vulnerabilidade da qual o indivíduo, sua família e comunidade estão atravessados. Essa realidade coloca muitos em situação de exclusão social, diminuindo a possibilidade de enfrentamento em relação às precarizações. Paradoxalmente as dinâmicas que produzem vulnerabilidades, proporcionam movimentos de potência de vida e

potência inventiva (PAULON; ROMAGNOLI, 2018), como resistência e re-existência às políticas de precarização induzida e mortificação massiva (PEREIRA, 2014).

Entendo como pertinente, academicamente e socialmente, envidar uma pesquisa voltada à escuta desses segmentos e à cartografia dos processos de produção de subjetivação das periferias e das infâncias periféricas, tomando, como analisadores dos processos de subjetivação e enunciação de infâncias titânicas cenas de seus cotidianos naquele território. Sendo assim, para a Psicologia, a vida social é um movimento incessante que vai impondo, forçando e produzindo outros rearranjos nos modos de existir. A pesquisa em territórios se faz necessária para a produção de novos conhecimentos, pois, diante desses novos rearranjos, outros conhecimentos emergem, outros saberes e questões surgem (HÜNING; GOMES, 2019).

Os processos de subjetivação se referem à produção de modos de ser sujeito, tendo o plano histórico-político como engrenagem dessa processualidade. Ou seja, ao invés de pensarmos sujeitos-criança como interioridade essencial, intrapsíquica e apartada de agenciamentos sociohistóricos e políticos. Partimos da perspectiva teórica segundo a qual o sujeito é produzido a partir desses agenciamentos coletivos. A subjetividade é como uma máquina que produz diferentes modos existenciais, ou seja, o modo de agir, sentir, pensar, de se perceber e de estar no mundo é dirigido a partir do processo de produção vigente. Sendo assim, para analisar os processos de subjetividade de infâncias do Serviluz e seus efeitos na produção de modos de ser criança, “implica em falar do plano onde este processo de produção, este processo de construção do si, ocorre. Como consequência, precisamos considerar o caráter político, as relações de poder que compõem este plano, as relações de forças implicadas no processo de produção” (TEDESCO, 2006, p. 358).

Nesta pesquisa darei preferência aos dados referentes ao Cais do Porto, pois ao pesquisar na internet sobre as escolas das crianças e o nome de algumas ruas, em aplicativos⁴ de mapas por satélite, o bairro aparecia como Cais do Porto. Mesmo que o uso de dados do bairro seja denominado como Cais do Porto, continuarei usando o nome Serviluz para fazer referência ao território, uma vez que os moradores assim o reconhecem. Até a demarcação das ZEIS são consideradas distintas, sendo, o espaço dividido e reconhecido pelo município entre a ZEIS Cais do Porto e a ZEIS Serviluz.

O Serviluz emergiu envolto da Indústria Petroquímica - Petrolusa, que ainda existe nas redondezas, em meio a caminhões que entram e saem carregados de combustível. Esse tipo de mercado é responsável pelo refinamento do petróleo, tratando-o quimicamente para gerar a

⁴ Temos como exemplos os aplicativos Google Maps e Waze.

maior quantidade de matérias-primas possíveis, como a gasolina, o óleo combustível, o diesel, entre outros produtos (PEREIRA, 2020). Muitas das casas foram construídas sobre as tubulações de gás, fazendo com que o cheiro forte da combustão dos materiais e o gosto de querosene na água estejam presentes no dia a dia dos moradores (NOGUEIRA, 2006). É como se a companhia de gás abraçasse sufocando o Serviluz, cercado-o.

A Praia do Vizinho⁵ fica localizada no Serviluz, começando no início da Praia do Futuro. Popularmente, é considerada como a segunda praia com maior maresia do mundo, apesar de não haver comprovação científica. O alto índice de salinidade causa a corrosão de casas, postes e eletrodomésticos (LIMA, 2017).

Acerca dessa realidade, Milton Santos (2020) discute sobre o uso de territórios por empresas, como a companhia de gás que funciona nos entornos do bairro. O autor aponta que as empresas fazem uso do território para seus próprios interesses, assim, quanto mais a ação empresarial for pautada nos próprios objetivos e voltada para a ação individual do lucro, menos a empresa respeitará os interesses e valores econômicos, sociais, políticos, culturais, morais e geográficos do território e dos moradores.

Desconhecemos estudos por parte da empresa e de outros profissionais que avaliem o impacto da combustão dos componentes químicos que a companhia de gás gera na vida dos moradores do Serviluz e na natureza, como os mares e vegetações. Nas palavras de Milton Santos (2020):

“Nesse movimento, tudo que existia anteriormente à instalação dessas empresas hegemônicas é convidado a adaptar-se às suas formas de ser e de agir, mesmo que provoque, no entorno preexistente, grandes distorções, inclusive da solidariedade social” (p. 85) “Como cada empresa hegemônica no objetivo de se manter como tal deve realçar tais interesses individuais, sua ação é raramente coordenada com a de outras, ou com o poder públicos, e tal descoordenação agrava a desorganização, isto é, reduzindo as possibilidades do exercício de uma busca de sentido para a vida local” (p. 86).

A respeito dessa discussão, lembro-me que, em 2017, promovemos cortes de cabelos gratuitos na praça Tiago Dias⁶ para os moradores, juntamente com a Casa dos Barbeiros. Ao conversar com alguns moradores, que elogiaram a ação, foi relatado que a empresa M. Dias Branco, que se encontra bem próxima do território, tinha realizado doações somente duas vezes, com a justificativa de que aquela carga de alimentos estava próxima do vencimento, assim, não poderia ser comercializada.

⁵ O local tem esse nome por ser a praia que fica vizinha a praia do Titanzinho, as duas praias são divididas por uma extensa parede de pedras, conhecida como quebra mar.

⁶ O nome dado à praça é em homenagem ao surfista Tiago Dias, executado com mais de 20 tiros na praia do Titanzinho quando se preparava para surfar.

Em 2009, a luta, iniciada pelos moradores, por moradia de qualidade fez com que o Serviluz fosse reconhecido em 2018, pelo Poder Público Municipal, como Zona Especial de Interesse Social. Esse reconhecimento faz com que o território supostamente receba investimento público para a melhoria dos aspectos socioeconômicos, ambientais, fundiários, de infraestrutura urbanas, de equipamentos urbanos, entre outros.

Foi realizada em agosto de 2018 uma votação para que os moradores do território, elessem quais entidades e movimentos populares, ocupariam as vagas do conselho gestor, que tem como função direcionar os cursos que o Plano Integrado de Regularização Fundiária deve percorrer. Das vagas que compõem os conselheiros, as do Poder Público são indicações e as dos moradores e da organização da sociedade civil é por meio de votação. O Projeto de Vida Titanzinho, antes de se tornar ONG, se candidatou para a vaga de organização da sociedade civil e por meio da eleição teve votos suficientes para atuar como suplente na posição da organização da sociedade civil.

Os percursos vividos são invocados por meio de andanças e de memórias, fornecendo cenas analisadoras diversificadas do cotidiano com as crianças e da forma como produzem lutas e dão continuidade a esses movimentos ao crescer. A relação do Projeto de Vida Titanzinho se estreitou com a luta da regularização fundiária, devido à atuação com as crianças na Associação de Moradores do Titanzinho (AMT). Essa aproximação trouxe outros percursos e modos de estar com as crianças do Serviluz. Além das atividades do Projeto de Vida Titanzinho, os encontros na AMT eram realizados com outros projetos que usufruem daquele espaço com o intuito de elaborar intervenções no território. Desse modo, em uma dessas reuniões, membros da IPLANFOR compareceram com informativos do processo de candidatura e eleição para ocupar um lugar no conselho gestor da ZEIS.

Para tomar posse da cadeira no conselho gestor foi necessário participar de um curso de formação, promovido pelo Instituto de Planejamento de Fortaleza - IPLANFOR, com os objetivos de:

Empoderar os atores envolvidos, capacitando-os para tornarem-se sujeitos ativos no processo de planejamento e implementação das ZEIS; orientar os conselheiros quanto a mobilização dos moradores para participarem na da implantação da respectiva ZEIS; ensinar o contexto da política urbana nacional, incluindo o Estatuto da Cidade, o Plano Diretor, a função social da propriedade, com foco no instrumento das ZEIS; instruir os conselheiros a respeito da regularização fundiária sustentável para acompanhar o processo de elaboração do PIRF em cada uma das ZEIS; auxiliar os membros eleitos no processo de mobilização da comunidade, utilizando para isso o espaço do Conselho como viabilização das ações específicas do PIRF em relação às melhorias urbanísticas e fundiárias nestes territórios. (PREFEITURA DE FORTALEZA, 2018).

Com o curso de formação concluído por todos que foram eleitos para ocupar⁷ as vagas do conselho gestor houve uma cerimônia de posse. É preciso que o conselho seja composto por moradores das Zeis, Município e Entidades e Movimentos Populares que promovam ações no território em questão. Com o conselho gestor montado e empossado nas vagas, algumas reuniões tiveram início em janeiro de 2019. Uma criança participante do projeto fez presença nessa reunião, no dia 4 de fevereiro de 2019, sobre ZEIS. Lembro-me de uma parte do livro *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro:

Misturando as palavras, sem encontrar meio de se exprimir claramente, João Paulo diz que a sua tristeza é de ver tanta pobreza, tanto sofrimento no mundo, sem poder dar jeito a nada. O pai, num tom quase de censura, lhe diz que ele não tem nada a ver com isto. Que ele não tem que pensar nestas bobagens tristes. Que isto não é assunto de menino. É problema de gente grande. E João Paulo se cala, e a conversa morre numa silenciosa incompreensão (Josué de Castro, 1967, p 166).

Para o pai de João Paulo, entendo que assuntos como o da reunião da ZEIS fossem censurados. A partir da fala da personagem — “isso não é assunto para criança” —, trago uma implicação que talvez seja assunto para uma criança. Não seria do interesse de uma criança pensar também sobre os acontecimentos do território que diz respeito à sua vida, os seus sentidos e o cotidiano?

⁷ Os vereadores indicados pelo poder público para compor o conselho gestor da ZEIS do serviluz não frequentaram o curso de formação e também não compareciam às reuniões, sempre mandando um representante que não sabia ao certo porque estava lá “além da obrigação de ter que cumprir aquela função por cumprir”.

Imagem 2: Criança participando da reunião sobre as ZEIS



Fonte: elaborada pela autora (2019).

Ainda nesse contexto, durante atividades realizadas pelo Projeto de Vida com um grupo de crianças de 7 a 16 anos de idade, moradoras do bairro Serviluz, observamos por meio da enunciação de uma criança negra do sexo masculino, que, mesmo sendo tão novo, já tinha vivenciado situação de abordagem ou constrangimento por parte de policiais⁸. Outra questão que surge está relacionada com o território: o bairro é fragmentado, por conta das facções, e as crianças que moram no território da Estiva não podem frequentar a praia do Titanzinho, ou seja, muitas delas crescem sem poder desfrutar da praia (AGUIAR; SÁ, 2015).

⁸ Instagram @vidaprojetotitanzinho - 01 de março de 2018.

As crianças foram e continuam sendo consideradas pela sua negatividade (SARMENTO, 2004) e não como atores sociais. De fato, as crianças continuam a não ter sua existência reconhecida como grupo social com particular agência no mundo. Faz-se necessário desconstruir criticamente a idéia de infância como categoria homogênea e discutir o próprio processo de construção de imagens associadas à infância e às crianças, porque ela é, em si mesma, um processo socialmente construído (SARMENTO; FERNANDES; TOMÁS, 2007).

Santiago (2020), em uma pesquisa desenvolvida na educação infantil reconhece a interlocução da perspectiva de uma criança negra com a narrativa adiante:

“Carolina [menina negra pequeninha] se aproxima de mim com uma boneca negra nos braços e me entrega. Sem hesitar, pergunto para ela: – É a nenê? Vamos fazer ela dormir?; Ela olha pra minha cara e diz: – Não é nenê, ela é preta, se vira sozinha!; ...me deixando com este questionamento: as meninas negras pequeninhas não são nenê? O que representa ser uma menina negra? O que é ser uma nenê negra? (Fragmento do diário de campo, abril de 2016)”.

Mesmo ainda muito nova, a criança já se posiciona socialmente no lugar que fora historicamente determinado para pessoas negras. Essa construção histórica racializada transforma pessoas negras em “coisas”, criando um abismo para o acesso a componentes sociais que as reconheçam como humanos. As vivências produzidas por meninas e meninos negros na relação com o mundo ao redor são marcados por experiências de um contexto histórico colonial. Com isso, os marcadores de raça, classe, gênero, território e geração constroem e reforçam desigualdades (SANTIAGO, 2020).

Assim, as crianças do Serviluz têm também, como marcadores, sua condição de classe social, raça, origem nacional, orientação sexual e são silenciadas devido a sua condição social infantil, ou seja, a idade se apresenta como mais um marcador de subordinação. A autora Nunes (2016), no artigo “Cadê as crianças negras que estão aqui?: o racismo (não) comeu”, desenvolve uma articulação ao final sobre meninas negras e os marcadores sociais que se interseccionam. Para a autora, as meninas negras são tão expostas a intersecções quanto as mulheres negras, e ainda tem mais um agravante opressivo que é a da posição social de criança.

Considerando a minha vivência profissional no Serviluz e o contexto previamente apresentado sobre a realidade do território é importante realizar uma pesquisa voltada para os processos de subjetivação de infâncias no Serviluz, considerando as relações com essa territorialidade, ou seja, que infâncias são produzidas a partir desses territórios e marcadores. Diante disso, novos questionamentos relacionados à infância e às próprias territorialidades periféricas podem surgir. Sendo assim, a questão que guiará este estudo se desenhou da seguinte forma: que processos de subjetivação e enunciação de infâncias são produzidos no cotidiano de crianças no Serviluz?

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar processos de subjetivação e enunciação das crianças e das cenas do cotidiano no Serviluz, territorialidade periférica da cidade de Fortaleza. Já os objetivos específicos se propuseram a descrever cenas-analisadoras do cotidiano de crianças cartógrafas-guias a partir de suas enunciações sobre o Serviluz e do acompanhamento de suas movimentações no território; discutir que infâncias têm sido produzidas nessas territorialidades periféricas; e problematizar que Serviluz as infâncias têm desenhado.

Conforme já apresentado nos objetivos desenhados, as crianças do Serviluz que participaram desta pesquisa ocuparam este trabalho como crianças cartógrafas-guias, pois os analisadores, como podem perceber, emergem como matéria de expressão dos processos de subjetivação e enunciação dessas infâncias no Serviluz, a partir das vozes que as crianças cartógrafas-guias lhes fizeram ouvir, assim, tornando-as guias dos trajetos e dos eventos que produzem diferentes modos de existir e diferentes subjetividades. A expressão “crianças cartógrafas-guias” reflete o processo participativo de pesquisa da cartografia, assim, acompanhar processos implica em se inserir nas processualidades e nas movimentações das crianças em seus territórios de vida.

1.1. As imagens que criamos

As imagens que compõem esta pesquisa sobre produção de subjetividades, infâncias e territorialidades nos tensionam. Por que mostrar as infâncias e suas andanças com proximidade, confiança e afeto, de acordo com o modo que foi construído?

Não pretendemos nos aprofundar sobre o uso de imagens borradas, usando tarjas ou desfigurando, por meio de edições, as identidades das crianças na fotografia original. Temos o intuito de que essas imagens façam parte desta pesquisa como fragmento das cenas do cotidiano sobre essas infâncias no Serviluz, ao invés de como mais um analisador. Assim, em alguns momentos das andanças, relatamos sobre o manuseio do celular com a finalidade de registrar memórias em fotografias. Essas imagens/fotos também tem como interesse ir contra a imagem do pensamento⁹ de um modo de ser criança supostamente autêntico/hegemônico. As imagens mostram os trajetos das andanças, os diferentes interiores e entradas das casas onde as crianças moram, os mares, as ruas, os espaços afetivos e as vulnerabilizações.

⁹ Para Deleuze (2013), “é a imagem do pensamento que guia a criação dos conceitos” (p. 190).

“Acreditamos que fotografias podem ser fontes históricas e etnográficas” (MENDES; PASSOS; CAPUTO, 2016, p. 64). Por que não se molhar nesse mar? Quando compomos a pesquisa com imagens das crianças em suas casas, ruas, mares, becos e singularidades cotidianas, esse acompanhamento cartográfico também se utiliza das imagens. Não somente uma pesquisa etnográfica pode incorporar as imagens na pesquisa. O embaçado ou a tarja nos rostos das crianças em uma imagem se confunde com a ideia de proteção e invisibiliza a historicidade de determinados sujeitos.

O registro fotográfico tem sido percebido na discussão no âmbito da produção de infâncias em intersecção com a raça por diferentes autores (JOVINO, 2008; MENDES; PASSOS, CAPUTO, 2016; BARBOSA, 2018). Um dos trabalhos referenciados elabora uma discussão por meio da análise de imagens de crianças negras no século XIX, reconhecendo a fotografia como possibilidade de “fixar a historicidade de uma linhagem” (p. 10) e de construção de um valor simbólico, podendo propagar para as gerações seguintes os traços físicos, feições e costumes do passado para aqueles que não conviveram diretamente com essas lembranças. A autora parte da proposta foucaultiana de análise, na qual se pressupõe a constituição de uma superfície de inscrição, a partir da qual a experimentação possa fazer visível o que não estava oculto (JOVINO, 2008).

Outro trabalho que aborda essa questão, é a pesquisa de Mendes, Passos e Caputo (2016), que apresenta fotografias como narrativas de crianças estudantes de Guiné Conacri imersas na religiosidade do Candomblé. Para esses autores a fotografia é a expressão de um pensar, tornando-se uma ação política, pois o ato de fotografar é intencionado por aquilo que é fotografado, seja um objeto ou pessoa, e a imagem/foto capturada passar a ser um fragmento dessas narrativas. O(A) admirador(a) da imagem/foto se apropria de algum modo do movimento de pensar/sentir/conhecer do fotógrafo, se tornando um produtor de sentido.

Na pesquisa (BARBOSA, 2018), as crianças moradoras dos territórios conhecidos como Castelo Encantado e Santa Terezinha, que compõem o Vicente Pinzon, bairro ao lado do Cais do Porto, produziram narrativas verbais e visuais sobre os territórios. Sob a perspectiva das crianças foram realizados registros fotográficos com o objetivo de compreender e interpretar o bairro e conseqüentemente a cidade, assim, a pesquisa apresenta um entendimento por meio das narrativas sobre o território. Pode-se afirmar que essa compreensão também diz respeito aos modos de ser crianças, mesmo que essa não tenha sido a proposta da pesquisa em questão.

As crianças que participaram da pesquisa no Serviluz permitiram os registros fotográficos e até se interessaram por eles durante as andanças e em outros momentos. Percebemos mais interesses em compartilhar esses registros fotográficos como um potencializador sobre as existências dessas crianças e não mais como uma ideia protetiva que mais invisibiliza do que efetivamente protege. Desse modo as fotografias são apresentadas no decorrer da pesquisa em seu estado original, ou seja, sem recursos de edição.

1.2. Uma breve percepção da sociedade brasileira sobre determinadas infâncias

No período colonial brasileiro, as crianças não possuíam valor social, por diversas vezes, o destino delas, nas embarcações que vinham de Portugal, era cruel, sendo as primeiras vidas a serem descartadas. Sua condição social não tinha utilidade nos negócios e a sua invisibilidade era agravada quando a criança pertencia a determinada posição social. As crianças que pertenciam à nobreza eram poupadas do trabalho e da prostituição, condições essas que atingiam todas as outras pessoas e crianças em situação de inferioridade/vulnerabilidade” (CASTRO, 2013). Essa representação social sobre algumas infâncias se mantém presente até hoje nas relações sociais no país, sendo um elemento estruturante da sociedade brasileira. As crianças periféricas e negras, atualmente, continuam invisibilizadas e com pouca ou quase nenhuma participação social.

Algumas literaturas colonizadoras posicionam a infância como fase da vida naturalizando-a como se esse conhecimento já estivesse exaurido e não existissem mais questionamentos a serem feitos. Ao contrário disso, tenho procurado entender a partir dos territórios a percepção da criança diante do contexto. É impossível falar sobre determinada criança ou infância de modo mais específico sem antes compreender os processos de subjetivação agenciados nos territórios em que essa criança vive, é preciso pensar as singularidades em relação ao lugar que ela ocupa socialmente (COHN, 2005).

As crianças passaram a ser reconhecidas como um sujeito social durante as últimas décadas, também em função da conquista de direitos, ganhando espaço nos estudos para compreender o papel dessas crianças inseridas na sociedade (COHN, 2005). As representações sociais das crianças de classes subalternas, no século XXI, no Brasil, passaram a habitar o imaginário social e a se expressarem dos seguintes modos: como objeto de proteção social; de controle e disciplinamento; e de repressão social. Os papéis sociais impostos culturalmente a essas crianças, em relação ao pensamento social, ocasionam a desigualdade,

submissão/dominação, exclusão dessas crianças e adolescente, produzindo simbolicamente o papel de objeto (PINHEIRO, 2006)

A sociedade é produzida pelos sujeitos que a constituem, sendo um processo em constante transformação, assim, os indivíduos tornam-se atores sociais. Esses atores produzem seus papéis e mutuamente a sociedade, ou seja, a noção de infância também é uma construção histórica ocidental. Sendo assim, as crianças também são produtoras da cultura, elas não apenas se situam de forma inerte em um sistema de relações antecedente, mas movem-se para desenvolver e manter outras relações sociais. Elas criam sentidos sobre suas relações e movimentos sociais e desempenham suas experiências (COHN, 2005).

Diante da apresentação da dissertação, desenvolveu-se o capítulo sobre os percursos metodológicos e mais três capítulos que foram organizados a partir de teóricos que articulam discussões conceituais atravessadas pela análise de cenas cotidianas do Serviluz, ou seja, por aspectos do campo.

O segundo capítulo, “Observando a maré e traçando percursos metodológicos”, é dedicado aos percursos metodológicos, tendo como objetivo descrever o trajeto que foi percorrido por meio dos dispositivos das andanças e oficinas, reificados durante o acompanhamento de cenas cotidianas das crianças. O capítulo se organiza nos subtópicos “Pesquisa-inter(in)venção e cartografia no estudo sobre cotidianos periféricos e modos de ser criança”; “Serviluz: “beira-mar” das crianças titânicas”; “As infâncias titânicas: táticas e modos de ser criança no Serviluz”, “Cartografando as linhas azuis do Titanzinho: dispositivos metodológicos” — este, se desdobra em “Uma cartografia repleta de chão e sal: a andança como dispositivo metodológico de acompanhamento de trajetos cotidianos, com crianças cartógrafas-guias no Serviluz” e “Surfando nas ondas da internet: as estratégias no contexto de distanciamento social decorrente da Pandemia de Covid-19” — e “Análise de dados”.

No terceiro capítulo, “Precarização da Vida de Crianças e Micropolíticas de Resistências Infantis”, desdobra-se nos subtópicos “Vamo de pé dois”: andanças no bairro, passando pelo mercantil” e Bienal (de) fora da bienal: (in)visibilidades de crianças. Este capítulo, analisa e discute a produção de territórios em contextos de precarização, tanto das infâncias apreendidas como periféricas, quanto do território vulnerabilizado pela relação de poder imposta pelo Estado. O cotidiano que essas crianças constroem nos territórios maquinam micropolíticas de resistências, subvertendo a lógica das precarizações sofridas por habitar o Serviluz, fazendo o corpo-infância presente nas ruas, nos afetos, nas brincadeiras, nos encontros e desencontros, nesse vai e vem do mar.

O quarto capítulo, “Devir-criança e a produção de linhas de fuga às dinâmicas da violência no Serviluz”, é organizado nos subtópicos: ““Eu não posso ir lá para cima!”, “E essa polícia parada, o que eles querem?!” e Do serviluz à Nova Canudos: o encontro com crianças entre os territórios. No capítulo em questão, foram analisadas e discutidas as dinâmicas da violência e seus conflitos no território e quais táticas as crianças criam para habitar aquele e outros territórios existenciais, mesmo que diante das violações e proibições por habitar determinados espaços no Serviluz e outras comunidades — proibições motivadas pela ostensiva presença policial ou pela fragmentação imposta entre facções rivais.

No quinto capítulo, “Tecendo uma rede de pesca virtual: infâncias do Serviluz em tempos de pandemia”, o subtópico que compõe esse capítulo é: “Mande notícias do mundo de lá: construindo uma ponte com as crianças por meio de oficinas virtuais”. Diante do contexto advindo da pandemia causada pelo vírus Covid-19, outras vulnerabilizações se evidenciaram, como outros modos de estar com as crianças foram reinventados.

Por fim, no sexto e último capítulo, “Que Serviluz as infâncias têm desenhado? revisitando o processo cartográfico”, foram discutidas as potencialidade e os desafios dos percursos metodológicos, com o interesse de fazer um apanhado sobre as cenas-analisadores pautadas a partir do problema de pesquisa e seus principais achados.

Imagem 3: Barquinho¹⁰ navegando na linha 77 (Parangaba/Mucuripe)



Fonte: elaborada pela autora (2020)

¹⁰ A logo do Projeto de Vida Titanzinho é um barquinho de papel.

2 OBSERVANDO A MARÉ E TRAÇANDO PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, seguiremos navegando e observando a maré sobre os percursos metodológicos que as águas da pesquisa-inter(in)venção por crianças cartógrafas-guias no Serviluz nos levaram. Desse modo, o capítulo se estruturou em cinco subtópicos, sendo esses: “Pesquisa-inter(in)venção e cartografia no estudo sobre cotidianos periféricos e modos de ser criança”, com o objetivo de fundamentar a partir da pesquisa-inter(in)venção e da cartografia a proposta metodológica; “Serviluz: “beira-mar” das crianças titânicas”, diz respeito ao locus, ou seja, a quais expressões compõem as territorialidades do local; “As infâncias titânicas: táticas e modos de ser criança no Serviluz”, apresentando quem são essas crianças ou sujeitos das experiências; “Cartografando as linhas azuis do Titanzinho: dispositivos metodológicos”, apresenta os dispositivos utilizados: “Uma cartografia repleta de chão e sal: a andança como dispositivo metodológico de acompanhamento de trajetos cotidianos, com crianças cartógrafas-guias pelo Serviluz” e “Surfando nas ondas da internet: as estratégias no contexto de distanciamento social decorrente da Pandemia de Covid-19”; e por último o subtópico 2.5 Análise de “dados”.

2.1 Pesquisa-inter(in)venção e cartografia no estudo sobre cenas do cotidiano de periferias urbanas e seus modos de ser criança

A investigação se delineou a partir da perspectiva da cartografia como método de pesquisa-inter(in)venção. A proposta de tal perspectiva é acompanhar processos de produção de subjetividades, sendo necessário a inscrição no território existencial (BARROS; KASTRUP, 2015). Utilizei dois dispositivos metodológicos elaborados a partir dos atravessamentos dos estudos discutidos no Projeto de Extensão “Maquinarias: Infâncias em Invenção” (VIESES) e os cultivei também ao longo dos anos atuando com crianças e observando cenas cotidianas que tecem os territórios. Conhecer as tramas do cotidiano aponta uma postura de pesquisa que é feita como quem observa a maré, os movimentos das ondas e a melhor hora para usufruir do mar de diferentes maneiras.

Como abordarei em tópico específico mais adiante, a cartografia se deu em dois modos: 1) no acompanhamento de cenas do cotidiano por andanças no bairro, com ênfase nas enunciações das crianças que participam do Projeto de Vida Titanzinho sobre suas relações com o Serviluz. Algumas andanças, enquanto atuei como psicóloga, foram resgatadas de diferentes

memórias que mapearam cenas outras. Além das andanças feitas durante a pesquisa, outras memórias surgiram como uma onda boa para surfar. A partir dessas andanças e memórias, almejamos crescer e diversificar cenas e dados que mostram as pluralidades e complexidades dos cotidianos das crianças e das linhas de subjetivação produtoras de infância que operam no dia-a-dia; 2) nas oficinas em grupo com essas mesmas crianças tendo como tema seus cotidianos no Serviluz. Essas oficinas não foram desenvolvidas por conta da pandemia causada pelo vírus Covid-19. O dispositivo em grupo passou por modificações de acordo com a maré dos acontecimentos sociais, de âmbito mundial, que nossa cidade passou/passa. Uma outra estratégia foi forjada com o intuito de construir uma ponte por meio remoto com as crianças para mantermos o vínculo afetivo, não interrompendo as atividades do Projeto de Vida que já haviam iniciado. Foram desenvolvidas então oficinas em grupo de brincadeiras por meio virtual com as mesmas crianças e as enunciações sobre seus cotidianos em tempo de isolamento social devido à pandemia. Dessa maneira, os efeitos e consequências desta emergência global podem ser entendidos como uma abertura de novos caminhos, pois “a cartografia quer acessar o plano comum, mas os procedimentos que pretendem ser geradores de uma experiência comum podem derrapar para outra direção” (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 268).

O acompanhamento dessas cenas cotidianas e a cartografia dos agenciamentos coletivos de enunciação, tendo crianças cartógrafas-guias do território e suas andanças reinventam os fluxos e as maneiras de apropriação do espaço, assim também como as oficinas em grupo, impulsionando metodologicamente a construção de analisadores (BARROS, 2007) sobre os processos de subjetivação das crianças no território do Serviluz. Esses analisadores seriam as enunciações e os acontecimentos/cenas forjados(as) nas andanças e nos encontros das atividades com as crianças que participam do Projeto de Vida Titanzinho. As mudanças dos fluxos para o desenvolvimento de uma nova estratégia de pesquisa também se caracterizam como forma de atenuar o impacto das adversidades e contingências de uma experiência em processo.

Nas andanças os processos acompanhados foram as movimentações das crianças cartógrafas-guias no território, as relações que elas estabelecem nesses territórios e com esses territórios e os sentidos que elas produzem para os seus cotidianos e para si mesmas nessas relações. Em transversalidade¹¹, as oficinas em grupo deram continuidade aos movimentos ou

¹¹ “A transversalidade é uma dimensão que pretende superar os dois impasses, o de uma pura verticalidade e o de uma simples horizontalidade; ela tende a se realizar quando uma comunicação máxima se efetua entre os diferentes níveis e sobretudo nos diferentes sentidos” (GUATTARI, 1985, p. 96).

demandas, advindas das realidades cotidianas, tendo os processos de subjetivação e enunciações compartilhados.

Pesquisar na perspectiva de um “estar com” as crianças, validando os seus protagonistas como cartógrafas-guias, transformando por si só o processo de produção de conhecimento da realidade. Reconhecendo a distância social e geracional com as crianças, a presente pesquisa busca borrar a hierarquia entre pesquisadora e pesquisados, e também as organizações e conhecimentos das instituições marcadas por uma normatividade (KASTRUP; PASSOS, 2013).

A movimentação que a pesquisa-intervenção propõe ressoa mutuamente em um agenciamento onde pesquisador e pesquisado se constituem diante aproximação com campo e suas implicações (BARROS, 2007). Maquinar ações, andanças, brincadeiras, oficinas, com as crianças, é também reificar políticas de subjetivação. A força analisadora da pesquisa corrobora com a desconstrução de uma infância naturalizada como marginal ou até mesmo de uma não-infância por serem moradoras do Serviluz (KASTRUP; PASSOS, 2016).

Os percursos metodológicos desenvolvidos se constituíram como uma pesquisa qualitativa que tem como proposta investigar as diversidades da vida social, intervindo de forma micropolítica na realidade sociopolítica (ROCHA; AGUIAR, 2003). Para Benicio *et al* (2018), esse tipo de pesquisa participativa, foi uma abertura advinda dos movimentos institucionalistas em meados do século XX e tem como interesse a diversidade de vestígios cotidianos relacionados à qualidade de vida de sujeitos e grupos. Para tal, é preciso vivenciar os problemas do contexto pesquisado, dispondo do interesse de arquitetar transformações micropolíticas.

São por essas razões que os dispositivos metodológicos enviesados em estar com crianças cartógrafas-guias, experimentando os territórios e analisando as cenas cotidianas por meio de suas enunciações, seja nas andanças ou por oficinas em grupo de modo remoto, com o cunho criativo, de potencialidades e invenções, fomentam uma análise coletiva dos processos de subjetivação relacionados aos modos de ser criança no Serviluz, se caracterizando como uma pesquisa-intervenção. Dessa maneira, a pesquisa participativa é compreendida como um tipo de pesquisa-inter(in)venção (BENICIO et al, 2018), buscando irromper socialmente e coletivamente na produção de micropolíticas (ROCHA; AGUIAR, 2007).

O conhecimento desse modo é construído com e não somente sobre o campo pesquisado. As experiências são construídas ao lado das crianças, respeitando limites éticos e elaborando maneiras mais livres de participação, abrindo a possibilidade para encontrar muitas vezes o que não se procurava (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

Desse modo, a produção de “dados” se iniciou em 2014, sendo revisitada nos percursos da memória, mas somente no final de fevereiro de 2020 que as andanças começaram seu movimento. Foi em uma segunda-feira de chuva e sol, com minha ida pela manhã ao Serviluz. O Projeto de Vida Titanzinho ainda se encontrava de recesso de suas atividades, tendo dois recessos durante o ano, nas férias no meio do ano e também no fim de ano, seguindo o calendário das férias escolares. As andanças durante fevereiro aconteceram no dia 18¹² e no mês de Março ocorreram nos dias 02 e 16. A preferência pelas segundas-feiras se deu para manter um distanciamento das atividades que são realizadas pelo Projeto de Vida Titanzinho nas quartas-feiras pela manhã e a escolha do horário se manteve porque as crianças vão para a escola no período da tarde.

Portanto, para percorrer os caminhos metodológicos propostos pela cartografia, por meio da pesquisa-inter(in)venção, se fez necessário estar no território, ou seja, desenhar, tramar movimentações e acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações (KIRST *et al*, 2003).

“Em cartografia o que se faz é acompanhar as linhas que se traçam, marcar os pontos de ruptura e de enrijecimento, analisar os cruzamentos dessas linhas diversas que funcionam ao mesmo tempo. É transformando que se conhece. Logo, não há sentidos para serem revelados, mas para serem criados. É da fecunda tensão das linhas que habitam um plano que será desenhada uma carta. Ela terá acidentes e mutações, intensidades distintas, devires a serem atualizados. As cartografias são multiplicidades que não formam um todo e se algum todo é formado é o das partes ao lado” (BARROS, 2007, p. 234).

De acordo com Barros e Kastrup (2015), a cartografia se diferencia dos métodos tradicionais, pois inverte o percurso da pesquisa. Nos métodos tradicionais, o caminho percorrido tem a finalidade de alcançar metas pré-estabelecidas. Na cartografia, as relações atuantes no contexto estudado e o caminho percorrido vão delineando as estratégias a serem adotadas para acompanhar os processos invocados na pesquisa. O objetivo da cartografia é acompanhar e mapear paisagens subjetivas, desenhando as conexões que a produzem, sem deixar despercebido suas variações e seu movimento contínuo. É uma investigação dos processos de produção de subjetividade. Para atingir essa finalidade é preciso que o pesquisador se abra para o campo de estudo, permitindo que as relações atuantes lhe mostrem o caminho (PASSO; BARROS, 2015). Durante o processo de produção do conhecimento, ou seja, no processo cartográfico, o pesquisador está sempre imerso na experiência coletiva do campo,

¹² O primeiro dia de andança aconteceu numa terça-feira, como uma exceção, pois na segunda-feira o dia amanheceu com fortes chuvas.

produzindo agenciamentos coletivos. A prática se transforma em intervenção e a ação por si só modifica o pesquisador e o objeto de estudo (PASSO; BARROS, 2015).

“O cartógrafo não se quer neutro, quer-se justamente desimpedido e tensionando pelo encontro com o mundo através da pesquisa” (KIRST et al, 2003, p. 91) O aprendizado sobre essas infâncias, suas enunciações e os processos de subjetivação compreendidos cotidianamente no território foram elaboradas durante o processo de pesquisa-inter(in)venção. O pesquisador passa a construir mutuamente com essas infâncias as experiências habitando o território existencial. (ALVAREZ; PASSOS, 2015). Ele imerge no meio dos fluxos, entra durante a movimentação dos processos, não existe um começo ou um fim, entra na densidade do mar em meio a suas tempestades, jangadas e pescadores, ou até mesmo entre a rede de pesca que é puxada três vezes ao dia na Praia do Vizinho, entre “cardumes de gaivotas”, os surfistas e suas ondas, povos do mar e infâncias titânicas.

As andanças e oficinas em grupo foram os caminhos percorridos para a composição do território existencial, cultivado e construído em uma transversalização de forças que constituem os processos de subjetivação, entre pesquisador, pesquisado e território. “Operar na transversalidade é considerar esse plano em que a realidade toda se comunica” (PASSOS; BARROS, 2015, p. 27). O mar é um objeto em transversalidade, é um comunicador que está dentro de cada criança e das infâncias daqueles que habitam os territórios do Serviluz.

Quando me coloco a disposição das crianças nas andanças, que elas conduzem como cartógrafas-guias, escolhendo o que vamos fazer, como ou o que elas gostam de fazer no dia-a-dia do Serviluz, quais as brincadeiras e lugares favoritos, me colocando à disposição da experiência ao mesmo tempo que cultivando uma receptividade do território existencial que ali experimentaremos (ALVAREZ; PASSOS, 2015). Esse posicionamento de habitar os territórios com crianças como cartógrafas-guias comportam uma transversalização, causando fissuras de modo singular para as experiências dispostas, tendo como horizonte a aprendizagem coletiva e a composição de um conhecimento comum (KASTRUP; PASSOS, 2016).

Dessa relação de abertura e disposição à experimentação no Serviluz, o *ethos* de confiança foi sendo tecido das possibilidades que surgiram ou não desse experimentar. A confiança é a ação ética da pesquisa cartográfica em consonância com os aspectos metodológicos (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2016). A confiança pode ser percebida por meio das autorizações em diferentes ocasiões dos responsáveis das crianças para tomar um banho de mar ou para os passeios realizados externos ao território. Essa concordância também por parte

das crianças que cobram esses passeios e como Isaac que veio em algumas ocasiões por meio do *whatsapp* confirmar a minha presença para as andanças que havíamos combinado.

O ato de experimentar o que o *ethos* da confiança possibilita é como se abrir para uma ação entendendo que experiências não planejadas irão emergir no campo, pois sempre podem surgir imprevistos. É uma potência de ação que contempla o inesperado, sem enxergar a priori o que pode vir a ser, ou seja, sem saber objetivamente quais serão as possibilidades nesse itinerário (LAPOUJADE, 1997 *apud* SADE; FERRAZ; ROCHA, 2016).

Trago para essa discussão um trecho do poema “Naus e Nós”, de Ana Maria Machado (2009), que alude ao inesperado: “Lonas e telas; pranchas e cascos; cordas e cabos; rangem e puxam; fazem e desfazem nós” (p. 41). Em meio aos movimentos da maré que não cessam, “fazem e desfazem nós” e, dessas trocas de experiências, emergem novos territórios existenciais e modos de subjetivações (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2016). A experiência não é mera presença, mas é o acontecimento que nos toca, que é cultivado na arte dos encontros, sendo um território de passagem. Ela produz efeitos, marcas, afeta, “rangem e puxam” (LARROSA, 2015).

Diante disso, são atravessados pela abertura do que há por vir o sujeito da experiência (LARROSA, 2015) e o *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2016). Pois, “o *ethos* da confiança tem o sentido de abertura ao plano da experiência e de aumento da potência de agir” (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2016p. 69), fazendo-se necessário refletirmos sobre o saber da experiência. Para Larrosa (2015), o saber da experiência está relacionado com o sentido que damos ou até mesmo do sem-sentido que experienciamos. A experiência, então, seria o acontecimento e o saber da experiência, os conhecimentos que elaboramos de um acontecimento. Sendo assim, o estudo sobre os processos de subjetivação e enunciação de infâncias no Titan, a partir das cenas-analisadoras do cotidiano periféricos e modos de ser criança no Serviluz, foram se traçando nessas idas e vindas alicerçadas pelas experiências produzidas nos territórios existenciais.

2.2 Serviluz: “beira-mar” das crianças titânicas

Acordei com os pensamentos sobre a pesquisa que vem se esboçando nas minhas ideias há um certo tempo. Muitos devaneios e leituras que vem produzindo energia para que meu corpo comece a navegar. Penso no Serviluz e de como meus pés chegaram até o território, minha chegada foi pelo mar, como surfista, me equilibrando em uma prancha pelas ondas da

praia do Titanzinho¹³. Cheguei no Serviluz com os pés de mar, como no vídeo “Pensar com os pés”¹⁴, de François Tosquelles, e sua fala: “Você tem que saber onde põe os pés...são os pés. São eles os grandes leitores do livro do mundo da geografia. Não é sobre a cabeça que você anda. Tenho que saber onde ponho os pés. Os pés são o lugar de recepção...”.

Imaginei o vai e vem das ondas, a maré que enche, a maré que seca e revela as pedrinhas antes imersas pelas águas salgadas. Nas pedrinhas, enxergamos os corais, algumas vidas marinhas, como pequenos caranguejos, polvos, em algumas ocasiões, peixes e sempre as crianças, que são quase seres do mar. A partir da memória e do afeto, posso descrever a Orla do território de dentro do mar e também de fora com os pés na areia. Posso sentir o cheiro de maresia e imaginar uma onda vindo e se jogando em uma grande pedra do quebra mar que forma o espigão que divide a Praia do Titanzinho da Praia do Vizinho, formando uma fumaça de sal e gotas d'água. Vislumbro então o início da Praia do Futuro, pois ela começa ali, também no Serviluz, sendo uma extensão da Praia do Vizinho e tendo no caminho a Praia Boca do Golfinho que muda de nome no decorrer. Tem também a grande rede de peixe conhecida como três mares, que se esconde dentro da intensa e hipnotizante massa de mar ainda na Praia do Vizinho. Rede essa puxada três vezes ao dia sendo o peixe compartilhado entre todos os esforçados que ajudaram arrancando parte desse corpo-mar. Como elucidado por Lins (2008):

“O mar é um imenso corpo, mas esse corpo é antes de tudo um agenciamento de elementos coordenados, nutridos por uma dupla natureza: humana/inumana, sem dualidades, porque é pura potência. O corpo é o corpo da terra. A terra é o mar, a ressaca, ondas gigantes, tubos indescritíveis, onda gorda, larga, difícil de pegar quando se está muito perto do início da mesma, ou merrecas, ondas péssimas, sem nenhum vento, no olhar brilha uma luz, nos lábios a pureza de um sorriso pronto a eclodir” (p. 63).

As descrições de cenas como essas existem por conta da partilha dos territórios existenciais, ou seja, foram possíveis a partir do acompanhamento, escutas de enunciações e construções com crianças cartógrafas-guias sobre os processos de subjetivação do que é ser criança no Serviluz. É a produção de uma coexistência co-determinada pelo sujeito e pelo objeto da pesquisa, implicando-se com esses territórios e se comprometendo com a sua produção. O território significa para as crianças os lugares afetivos e os de acessos restritos também, as memórias boas e ruins das experiências nas ruas da comunidade (ALVAREZ; PASSOS, 2015).

“É preciso considerar simultaneamente dois aspectos do território: ele não só assegura e regula a coexistência dos membros de uma mesma espécie, separando-os, mas torna

¹³ A Praia do Titanzinho é reconhecida por esse nome, por conta das máquinas titans que ajudaram a construir o quebra mar de pedras,

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=plR9t3fA3QQ&t=26s> .

possível a coexistência de um máximo de espécies diferentes num mesmo meio, especializando-os” (DELEUZE, GUATTARI, 1997, p. 135). São os hábitos, costumes, as ações, comportamentos e funções territoriais que dão expressão ao lugar e a seus moradores, compondo e recompondo singularidades. Esse movimento de forças entre os personagens e as paisagens, se inventam mutuamente em uma coemergência do território existencial (ALVAREZ; PASSOS, 2015). O mar, assim como as infâncias/crianças do território criam movimentos, um ritmo marítimo.

Dos encontros dentro no mar, da ebulição de ideias no intervalo entre as séries de ondas¹⁵, dos cardumes de pássaros e de ser mar por incansáveis vezes, quem está dentro do mar tem o Serviluz como uma miragem, o lugar de ondas perfeitas. A esquerda, seus ventiladores¹⁶ gigantes, o antigo farol do Mucuripe, que também compõe esse lado da paisagem; ao ir passando o olhar para a direita, temos as casas marítimas — não saberia dizer se são elas que invadem o mar ou o mar que as invade. A sensação dos pés molhados e da areia com seus bichos geográficos¹⁷ querendo marcar a geográfica do lugar no corpo (sim, já peguei sete bichos geográficos em um pé só).

E as crianças, essas que vejo na pele, nos cabelos, no cheiro e na vida, sinais de mar, pequenos pontos brancos formados pela salina e misturados com areia que faz um caminho nos pelos do corpo, como uma poeira branca. “É a vida sem sal que te enferruja”¹⁸. Até suas roupas estendidas, muitas vezes colocadas para secar no muro de casa ou na própria rua, ganham uma textura de maresia, uma umidade constante de sal. Então, as crianças correm e pulam do paredão em um mergulho certo no mar, sendo essa cena corriqueira na minha incursão ao lugar. Algumas vezes fui com amigas e em outras fui levada pelas crianças. Das luas que vi nascendo e renascendo, sempre um diferente luar. Em uma das idas, depois que a lua nasceu, fizeram uma fogueira à noite. As crianças colocavam e tiravam pedaços de pau na fogueira, transformando pequenas brasas no vento em vagalumes. Em seguida, a voz de um adulto é escutada pedindo para que elas parassem de fazer aquilo, pois alguém poderia se queimar.

¹⁵ É o período quando as ondas se formam em uma frequência maior de modo harmonioso, como um conjunto de ondas em um determinado tempo, vindo uma atrás da outra.

¹⁶ Energia eólica.

¹⁷ Larva Migrans é um tipo de dermatite popularmente conhecida por bicho geográfico causado por parasitas oriundos do intestino delgado de gatos e cachorros. Esse tipo de parasita migra pelo corpo deixando marcas na pele parecidas com um mapa (WIKIPÉDIA, 2020).

¹⁸ Autor desconhecido.

Com os anos, foi construído um *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2016) com algumas crianças do lugar, a formação em psicologia e os valores ensinados principalmente pela minha avó materna, me deram vontade de ficar mais naquela praia. As crianças foram as primeiras pessoas com quem tive contato. Era uma sensação boa de sair de casa para encontrá-las. Fiz amizades. Conheci os vários movimentos que formam alianças contra a relação de poder que o Estado impõe. Já se passaram 7 anos desde a primeira onda na qual remei e continuo no *dropbrisa* de seu corpo feito de mar.

2.3 Infâncias titânicas: táticas e modos de ser criança no Serviluz

As cartógrafas-guias da pesquisa são 5 crianças com faixa etária entre 07 a 13 anos, que fazem parte das ações do Projeto de Vida Titanzinho. Tais crianças são negras, tendo um número mais ou menos homogêneo de participantes dos dois gêneros. Algumas das crianças já tiveram um membro da família assassinado por rivalidades entre facções. Em outras situações, não é o(a) genitor(a) que cuida da criança, sendo outros parentes que assumiram a guarda/responsabilidade legal sobre a criança.

Essas infâncias titânicas tomaram o nome do gigante Guindaste Titan para si, como potência transformadora. Referência já citada na introdução, o Guindaste Titan habitou as areias do Serviluz muito antes dos pescadores com suas famílias fazerem morada. O gigante de ferro acabou sendo consumido pela maresia e desabando com o passar do tempo, permanecendo como uma jangada naufragada no fundo daquele mar. A força do guindaste agora faz parte dessas águas e também daqueles que nasceram ou moram ali. As crianças se banham na força dessas ondas, os pescadores tiram o sustento de suas vidas também desse mar e os surfistas flutuam com suas pranchas sobre a potência das águas.

As crianças que cartografaram o território, guiando as andanças foram¹⁹: Isaac, Ytalo, Julian, Kamila e Helena. Dessas, apenas Julian não participou das atividades virtuais por não possuir um aparelho celular disponível. Assim, farei uma breve apresentação das crianças e de suas relações familiares:

- ISAAC

É um menino de 11 anos, irmão mais velho de Ytalo. Os dois são criados por sua Tia materna, que se chama Silva. Na casa onde vivem também moram seu primo adolescente, João Victor, de 16 anos, seu tio e seu avô. Eles moram na entrada da Praia do Titanzinho, em

¹⁹ Os nomes das crianças foram modificados com o intuito de preservar a identidade das mesmas.

uma rua²⁰ na vertical que vai de encontro com o infinito do mar. À rua, se conectam várias ruazinhas que mais parecem rios que fluem em direção à praia. Ele cursa a 6ª série da Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Godofredo Castro Filho. Nas atividades promovidas pelo Projeto de Vida Titanzinho, essa escola aparece bastante nas narrativas de diferentes crianças, por conta de sua má fama.

Outro dia, enquanto aguardava Isaac e Ytalo se arrumarem para irmos a um encontro proposto pela XIII Bienal do Livro no Ceará ao Instituto Trêsmares, a ser realizado na areia da Praia do Titanzinho, fiquei sentada no degrau em frente à sua casa, conversando com sua tia que estava sentada em uma cadeira na calçada. Entre muitas conversas, Silva comentava que Isaac era uma criança danada, que muitas vezes ele saía de casa e não avisava para onde ia. Ela demonstrou que sentia medo que ele se envolvesse “com esses meninos que fazem coisa errada” (sic).

- YTALO

É o irmão mais novo de Isaac, tem 6 anos. Eles são irmãos pela mesma mãe, que é irmã da tia deles. A tia dos meninos é a responsável pela guarda legal dos dois irmãos. Ytalo está na 1ª série também no colégio Godofredo Castro Filho. A mãe biológica enfrenta dificuldades por conta do uso de drogas, como colocou Silva uma vez. Sendo assim, os dois foram criados e cuidados por ela desde pequenos. A tia das duas crianças trabalha descascando camarão em uma das ruas que deságua na Praia do Titanzinho. No mesmo dia do encontro da XIII Bienal do Livro no Ceará, ela falou de Ytalo como uma criança que escuta e obedece, sendo o oposto de Isaac. Os dois irmãos sempre estão juntos — Ytalo tenta acompanhar seu irmão mais velho para todos os cantos.

Os irmãos Isaac e Ytalo passaram a frequentar as atividades do Projeto de Vida Titanzinho no ano de 2018, sendo algumas das crianças que puderam transitar no território quando houve a mudança de espaço, saímos da Associação dos Moradores do Titanzinho por conta da reforma que já estava programada para acontecer no espaço e fomos para o Centro Comunitário Dona Luiza Távora em 2019.1.

Em 2019.2, o projeto se mudou para um espaço mais próximo ao farol, conhecido como Drink's bar, permanecendo até o momento da pandemia do Covid-19, no início de 2020. O Drink's bar é a moradia e comércio da moradora Meire, onde ela mora com a companheira e

²⁰ Av. Leite Barbosa.

duas crianças que são seus enteados. O bar só funciona durante o período noturno e, nas quartas pela manhã, a moradora cedia o espaço para que as atividades acontecessem. Os enteados de Meire também participavam das atividades. Desde o primeiro contato, os irmãos Isaac e Ytalo se tornaram participantes assíduos do projeto, das andanças, do grupo, por meio virtual, e outras experimentações.

- JULIAN

É uma criança de 9 anos, de cor preta retinta. Ele mora com sua mãe e com a irmã recém-nascida, o pai mora na Bahia (não é o mesmo pai que o de sua irmã). Ele é uma das poucas crianças que estuda em uma escola particular do território, que se chama colégio Ernesto Lima, e está na 3ª série. É uma criança cheia de alegria e se mantém atenta nas atividades propostas pelo projeto. A casa onde Julian mora já é mar, é só descer o batente do final da calçada e já estamos com os pés na areia úmida que invade por entre os dedos. É difícil se manter calçado todo tempo nesse trânsito pela praia. A porta de entrada de sua casa é impedida do vislumbre do mar por um pequeno muro que se torna uma espécie de convite para ir até a sua casa em vez de seguir o caminho. No último espaço da calçada é onde fica a Barraca do Nego, que é vizinha à casa de Julian. Ultrapassando esse limite já estamos na areia de novo.

Julian passou a participar das atividades em 2019, quando o projeto se mudou novamente para o Centro Comunitário Dona Luiza Távora por conta da reforma que já estava programada para acontecer no espaço. Devido a essa mudança passamos a realizar as atividades no espaço do Drink's bar. A primeira vez que Julian apareceu para participar das atividades, ele e Nana foram juntos e, em um outro momento, ficou perceptível que essa amizade entre os dois é também por conta da relação de amizade que suas mães mantêm. Em uma das andanças, quando fui convidar a Nana em sua casa, a mãe de Nana fez perguntas pessoais para Julian sobre a mãe dele, demonstrando mais sobre o vínculo de amizade que elas mantêm e consequentemente seus filhos.

- KAMILA (NANA)

Nana, como é carinhosamente apelidada, é uma menina de 8 anos. Ela é pequena e tem os cabelos longos, também é uma criança negra. Nana está na 3ª série do colégio Godofredo de Castro Filho. Na sua casa moram mais de cinco pessoas e somente um dos moradores possui um emprego. Nana é a caçula de sua família e sua casa fica em uma rua conhecida como

Travessa Titã, viela estreita que se inicia na rua General Titã e corre desaguando no mar da praia das Pedrinhas.

- HELENA

Helena fez 13 anos em março deste ano (2020). É uma menina esperta e adora desenhar. Sua mãe trabalha como autônomo vendendo pratinho em frente de casa. A sua casa fica no beco da Av. Leite Barbosa e mais 7 pessoas moram com ela. Nas atividades do projeto, Helena sempre demonstrou gostar de desenhar e também de realizar as atividades domésticas, aparentemente se trata de um hábito do seu cotidiano. Ela sempre mostrava interesse em cuidar das crianças mais novas e relatava o quanto gostava de crianças e, por morar vizinho a Isaac e Ytalo, eles mantêm uma amizade de cuidado.

A primeira vez que encontrei e falei com Helena foi na av. Leite Barbosa, ou seja, na rua da praia do titan. Lembro que Helena não gostou da blusa que eu usava e foi até mim indagar o porquê daqueles desenhos de mulheres nuas estamparem a minha blusa. Aquele ano era 2018 e o país estava em período eleitoral para a presidência, a blusa em questão tinha estampado o desenho de um grupo de mulheres de diferentes formatos e cabelos, lembro de uma mulher grávida também, elas carregavam juntas uma faixa escrita “Ele não!!²¹”. Expliquei para ela que aquela blusa tinha sido feita por uma artista cearense e que também era um modo de reivindicar contra o cenário político eleitoral. Durante essa aproximação, convidei Helena para participar das atividades do Projeto de Vida Titazinho e, assim, ela passou a frequentar as atividades.

Essa aproximação descritiva sobre as crianças que estão participando da pesquisa, foi fomentada por meio do vínculo de confiança forjado no compartilhamento de afetos. O *ethos* da confiança, como Sade, Ferraz e Rocha (2016) abordam, envolve afetos de vitalidade de modo disperso, composição essa assentada paulatinamente, dando sentido e integrando as experiências partilhadas. Essas expressões são entendidas a partir do plano da percepção amodal, envolvendo diferentes compreensões sensoriais, sendo de caráter pré-reflexivo envolvendo a comunicação das forças que pairam nos territórios - infância e Serviluz.

Distintas experiências emergiram dos eventos de modo cotidiano, a aproximação com as famílias das crianças também integrou o *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2016) que transborda as paredes do Projeto de Vida Titazinho. Transitar na rua, ir à

²¹ Nome do movimento criado por mulheres que ficou conhecido por ser contra a candidatura do candidato Bolsonaro.

casa das crianças para avisar que chegamos para o passeio ou para os encontros nos pontos de saída e chegada acordado com os responsáveis, a entrega de brinquedos, livros, cestas básicas, as conversas nos degraus e portões das casas, produziram uma comunhão sobre “tias do projeto”, como muitas vezes somos carinhosamente reconhecidas pelas crianças e seus responsáveis, preenchendo esse plano com confiança e proporcionando uma maior abertura para a compreensão das singularidades da realidade que cercam essas crianças.

2.4 Cartografando linhas azuis²² do Titanzinho: dispositivos metodológicos

Cartografar as linhas azuis do horizonte é poetizar os ritmos, os movimentos das práticas metodológicas, é analisar as ressonâncias que os dispositivos das andanças e das oficinas em grupo provocam, ou seja, os processos de subjetivação e enunciação de crianças em suas relações com/no Serviluz produzem cotidianamente nessas territorialidades. Como Deleuze (2013) coloca, “o importante nunca foi acompanhar o movimento do vizinho, mas fazer seu próprio movimento. Se ninguém começa, ninguém mexe. As interferências também são trocas: tudo acontece por dom ou captura” (p. 160).

Esses movimentos produzem e transformam as relações entre os “elementos/linhas/vetores afetivos, cognitivos, institucionais, micro e macropolíticos” (p. 80). Os processos de subjetivação, seus elementos, forças e linhas, se incorporam por meio dos dispositivos das andanças e também das oficinas (KASTRUP: BARROS, 2015). É um movimentar-se junto, assim como a prática dos surfistas nas ondas do mar no Serviluz, que para se movimentarem com a onda, encarnam seu corpo nas linhas azuis.

Para o exercício de análise dos processos de subjetivação que compõem eminentemente suas enunciações nas cenas dos seus cotidianos no Serviluz, dois dispositivos metodológicos emergiram.

O primeiro dispositivo foi o acompanhamento de algumas crianças cartógrafas-guias, participantes do Projeto de Vida Titanzinho em seus percursos cotidianos pelo bairro, na qual reconheci essa movimentação como andanças. Tal estratégia foi acolhida tendo em vista ampliar as possibilidades de acompanhamento dos processos de subjetivação de infâncias o Serviluz, relacionados à produção dos modos de ser criança neste contexto, resultando na produção de diários de campo/bordo. Cartografar tais processos implica compor um território existencial, se movimentar nele e mapear o plano coletivo de forças que constituem esses

²² Linha azul faz referência ao horizonte em Mar Morto, livro de Jorge Amado (2008).

territórios, sobretudo a relação das crianças com esses territórios e desses territórios com as infâncias (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015).

Como foi pontuado no problema de pesquisa, o território do Serviluz não é entendido apenas como o local onde as crianças vivem, mas também como um dos vetores de produção de seus modos de subjetivação. As experiências nas ruas do bairro, no farol do Mucuripe, as praças, a estiva, o paredão que divide a Praia do Titanzinho e do Vizinho, o mergulho nas pedrinhas, as escolas, o cotidiano nesses territórios produzem subjetividades das crianças sobre o Serviluz. O mar se torna intercessor nas andanças e oficinas. Deleuze (2013) chama a atenção para a importância de maquinarmos intercessores, podendo ser animais, coisas reais ou fictícias. Desse modo, conjuramos (pesquisadora e crianças) por meio dos afetos, banhos de mar e brincadeiras, um mar-intercessor.

Confabulando com as andanças, as oficinas em grupo foram tecidas como outra estratégia, tendo temáticas que colocassem em realce os cotidianos das crianças. As atividades foram elaboradas para que ocorressem semanalmente, porém, com o advento da pandemia causada pelo Covid-19, que se alastrou neste ano de 2020, e o distanciamento do campo, devido ao decreto estipulado pelo Estado de isolamento social. O dispositivo das oficinas em grupo passou a ser desenvolvido por meio de outras possibilidades que foram pensadas para manter o vínculo com as crianças mesmo que a distância. Ainda em parceria com o Instituto TrêsMares (Projeto de Vida Titanzinho), foram realizadas oficinas remotas por meio de ligações, videochamadas e vídeos orientando sobre o vírus do Covid-19 e também com brincadeiras que as crianças pudessem brincar dentro de casa.

2.4.1 Uma cartografia repleta de chão e sal: as andanças como dispositivo metodológico de acompanhamento de trajetos cotidianos com crianças cartógrafas-guias no Serviluz

O dispositivo das andanças no território surgiu com o intuito de que o olhar de pesquisadora se voltasse para um outro modo de acompanhar esses processos de subjetivação das crianças, no território do Serviluz. As andanças permitem a partilha de diferentes processos, evitando a representação da criança ou do seu cotidiano de modo naturalizado. “No mesmo ato, a partilha divide a realidade e cria domínios de participação. Partilhamos um domínio comum, do qual fazemos parte em função do modo como juntos habitamos um território, coexistimos em um tempo e compartilhamos um tipo de atividade, um modo de fazer” (KASTRUP; PASSOS, 2016).

Para descrever as cenas do cotidiano das crianças, se fez necessário participar em momentos com maior liberdade de atuação das crianças no território. Diante disso, os diários de campo cultivados, tendo como estratégia metodológica as andanças, deflagram de modo diferente a vivência anteriormente experimentada.

Os convites para as crianças experimentarem o território por meio da brincadeira, como guias do seu lugar favorito ou do banho de mar, transformam a experimentação do território como dispositivo para a produção recíproca de infâncias e de territorialidades periféricas como territórios existenciais. O encontro com as ruas e crianças proporcionaram uma cartografia dos movimentos no território e das infâncias, em que crianças se forjam como cartografãs-guias. E nos diferentes trajetos permitidos pelas andanças os fluxos se reinventam, as crianças nos guiam a partir dos seus sentidos e percepções sobre o território.

Entre as leituras de outras pesquisas sobre crianças e suas andanças pelas ruas, presenças essas que invadem esses territórios, a de Damião (2012) se destaca ao falar de uma infância que corporifica:

“Na rua, no beco, perambulam crianças curiosas que ao anexar tais espaços ao seu registro corpóreo e afetivo apropriam-se de si. ...a infância que se corporifica nas ruas do bairro...A rua em sua diversidade de funções - rua como ambiência de convívio, de brincadeira, de solidariedade, de trabalho, de descoberta, de aprendizagem, de sonho, de mudança e de transgressão - é possível quando a mesma se constitui numa ambiência matizada pelas apropriações e interações produzidas pela e na comunidade” (p. 45).

As andanças nas ruas conduzem e criam um corpo-infância-mar. São agenciamentos possíveis que invocam o fazer cartográfico. Desse modo, Alvarez e Passos (2015) propõe que o aprendiz cartógrafo habite o território com afetividade, não em um sentido passivo, mas como um fio condutor entre as problemáticas e entre o sujeito e objeto que vão se cultivando. Mantendo uma atração e uma abertura para as possibilidades que com as experiências em campo emergem para o que desconhecemos.

Sendo assim, é interessante que em uma pesquisa cartográfica não se inicie com um problema fechado ou até mesmo dentro de uma relação com reflexões e ideias predeterminadas. É preciso manter uma atenção fora do foco, aberto e receptivo para as experiências que surgem (KASTRUP, 2015). Exercitando uma atenção flutuante, partilhando do território existencial no Serviluz (KASTRUP, 2015). Ou seja, desterritorializando, implodindo os fluxos, um movimento desviante que retorna, sem se tornar um retorno ou reterritorializando-se, tecendo-se por uma linha dessa desterritorialização, que são maquinados no indo-e-vindo das andanças, como as ondas do mar e também no que é posto durante as oficinas (DELEUZE, GUATTARI, 1997).

O mar do titanzinho, o farol, o paredão, a estiva, o pontamar, o campo, ou seja, as vivências de quem mora e de quem está somente de passagem pelo bairro, constituem também as territorialidades do local, que vão para além dos espaços geográficos e dos discursos. Os espaços, ou seja, as territorialidades, subjetivam, constroem obstáculos e produzem potências, resistências (HUNING; CABRAL; RIBEIRO, 2018).

“O mapa exprime a identidade entre o percurso e o percorrido” (p. 83). A subjetividade das crianças produzidas no cotidiano desses territórios se desorientam e se transmutam com a subjetividade do meio (DELEUZE, 2011). Para Deleuze (2011), às ruas, seu ruído, o cheiro, as formas, seus transeuntes, são um meio de substanciar, as matérias, suas performances, os animais, ou seja, o percurso se entrelaça com a subjetividade dos que transitam, assim, o meio ecoa naqueles que transitam no território. A representação do trajeto, expressa as conexões entre o caminho e o caminhar. “O movimento de caminhar por um caminho é o objeto (DELEUZE, 2011, p. 83)”.

Nas palavras de Calvino (1990), podemos perceber esses processos de subjetivação ao falar da cidade de Zaíra:

Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas e o espaço e os acontecimentos do passado...(p. 14). Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras (p.15).

O cotidiano e o território são dispositivos que constituem também as infâncias e os modos de serem crianças de determinados espaços sociais. A transição da criança pelo território, a permite ressignificar as normas, como a invenção de um jogo na rua, um modo de brincar na comunidade, que na imaginação cria significados afetivos e histórias para aquele lugar que compõem o seu cotidiano. Esse jogo de subjetivação e subjetividade, permite à criança construir linhas de fuga e modos de subjetivação que revertem a lógica da disciplina ou da norma do dispositivo arquitetônico (SANTOS, 2009).

A psicologia tem interesse na perspectiva humana como constituinte do emaranhado que a relação território-subjetividade compõe. Esses territórios também são espaços de vida, afeto, cultura, de significações políticas e morais, de violações, proibições e exclusões. Do mesmo modo que as materialidades arquitetônicas produzem subjetivações e territorialidades, entre as crianças e as cidades, as políticas de vida e de morte produzem subjetivações (HÜNING, GOMES, 2019).

O caminho para a Praia do Titanzinho, no Serviluz, ou até a rotina de ir ao colégio, fazem parte do cotidiano de muitas crianças que moram no local. Para Deleuze (2011), esses percursos são carregados de imaginário e real, “é o devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir” (p. 88).

Desse modo, as andanças no cotidiano são entendidas como os trajetos metodológicos em uma cartografia repleta de chão e sal, por se exercer em ato, literalmente andando com as crianças e constituindo os trajetos percorridos nas estradas do mar (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17). A pesquisa em psicologia se interessa em pensar novos saberes, fazendo-se necessário analisar novas composições e novas demandas que surgem pelas constantes movimentações das dinâmicas sociais. “Cidades compõem-se por pessoas, coisas, movimentos, ruídos, cheiros, interdições, restos, passagens, permanências, memórias, sinais, cores, promessas de desenvolvimento, temporalidades, corpos, afetos, conflitos...” (HÜNING, GOMES, 2019, p. 103).

Colocando o corpo inteiro nas andanças com as crianças — corpo delas, meu corpo. Corpo delas marcado de memórias e pela presença policial, junto com o medo de serem abordadas e o meu de pesquisadora que não sofrerá a mesma violação, mas se afetará e problematizará com as crianças tais situações peculiares. “Pesquisar é experienciar afetos nos territórios e, como nossas ferramentas teóricas e analíticas, trazer essas experiências para o campo da problematização acadêmica” (HÜNING, GOMES, 2019, p. 104) O corpo provoca um desvio das forças e dos fluxos. São nessas criações-conexões dos fluxos com as crianças que as linhas de fuga se instauram. A reinvenção, a dessubjetivação e a desterritorialização aumentam a potência de ação e a capacidade de se reinventar em uma sociedade que marginaliza essas infâncias.

Esse ato é uma partilha do plano em comum, em que a realidade se fragmenta criando um domínio comum de participações do qual estamos nos banhando nesse ato coexistencial, como um mergulho nessas territorialidades junto com as crianças (KASTRUP, PASSOS, 2006). Por meio das inter(in)venções com crianças, as fronteiras entre o mar e os territórios ou entre pesquisadora e crianças participantes da pesquisa se borram, como uma onda em fúria que vem de modo repentino e transborda do mar.

2.4.2 Surfando nas ondas da internet: as estratégias no contexto de distanciamento social decorrente da Pandemia de Covid-19

As oficinas de brincadeiras em grupo aconteceram no meio virtual, através de um grupo no *whatsapp*, que foi feito com a autorização dos responsáveis das crianças. O funcionamento do grupo, por meio das oficinas, possibilita a invenção de outros dispositivos, como a gíria que os surfistas usam “ta vindo a série”, se referindo ao movimento ligado à primeira onda que parece puxar uma continuação, ou seja, uma série de ondas, um elo com as ondas que se formam posteriormente. As oficinas são como as “séries de ondas”, de dispositivos-dispositivos, esboçando o agenciamento concreto para o acompanhamento dos efeitos e das práticas de subjetivação, possibilitando analisar o funcionamento das relações coexistentes na produção dessas infâncias, das crianças sobre si mesmas e do território em contexto pandêmico (KASTRUP, BARROS, 2015).

O grupo teve como dinâmica a gravação de brincadeiras que fossem possíveis às crianças brincarem dentro de casa. O primeiro vídeo, foi um informativo sobre a pandemia. Explicamos como acontece o contágio do vírus covid-19, quais os cuidados necessários para não se contaminarem e o que eles deveriam fazer caso sentissem alguns dos sintomas.

Os outros vídeos produzidos abordavam diferentes brincadeiras, com tutorias — de um polvo de papel e caneta, de um jogo de dominó personalizado, de como transformar um nó no papel em um passarinho e de como fazer o brinquedo vai-e-vem com garrafas *pets* —, contação de história — dos livros: “Os Cabelos de Sara”, de Gisele Gama, e “A ditadura é assim”, texto de Equipo Plantel e Ilustração de Mikel Casal, que se desdobrou em um momento para que as crianças debatessem sobre a contação de história do livro “A ditadura é assim”—, vídeo-*tour* pelo Serviluz por meio do aplicativo TikTok, para incentivar as crianças a produzirem um vídeo, e, por último, o jogo *online* de desenho e adivinhação: Gartic.io.

Realizar um trabalho em grupo tem como interesse “seguir o caminho da lógica terceiro incluído”, ou seja, “naquele que maquina a dualização sujeito-objeto/teoria-prática” (p. 323), “onde não se buscam significados, mas se produzem outros sentidos” (p. 323). As intervenções no formato de grupo são guiadas por três trajetos: a problematização, a desindividualização e a experimentação, tendo como efeito uma relação totalizante e individualizante ao mesmo tempo. Essa relação é a mesma produzida entre indivíduo e sociedade, “justamente por estar no grupo gerido pelo modo-indivíduo é que ele vive os

impasses do indivíduo e com ele rivaliza” (p. 322). Sendo assim, o grupo também é um produtor de subjetividades (BARROS, 2007).

Diante do que foi debatido e realizado, três cenas em grupo foram analisadas: o primeiro momento, em que entramos em contato com os responsáveis e com as crianças para criarmos o grupo no *whatsapp*; o segundo, em que realizamos videochamadas com as crianças; e o terceiro, em que jogamos, de modo *online*, Gartic.io. A escolha dessas atividades se deu por percebermos uma formação mais coesa no formato de grupo.

Notou-se que as crianças apresentaram mais engajamento quando a videochamada foi realizada para o momento do jogo Gartic.io, que permite a participação simultânea de mais de uma criança. Em outras atividades, apesar de também terem sido expostas no grupo de *whatsapp*, acabavam sendo executadas de modo mais individual, uma vez que cada criança estava isolada em sua casa.

2.5 Análise de “Dados”

Organizamos em cenas analisadoras alguns elementos dos diários de campo em consonância com os objetivos do estudo de modo a permitir que sejam acionadas reflexões teóricas sobre o problema de pesquisa articuladamente ao campo. Assim, seguiremos com as descrições de cenas cotidianas das crianças, produzidas, a partir das enunciações durante as andanças e também dos encontros em rede virtual em resposta ao primeiro objetivo específico.

As descrições das andanças em cenas cotidianas foram analisadas no capítulo três, mais precisamente nos dois subtópicos “ ‘Vamo de pé dois’: andanças no bairro, passando pelo mercantil” e “Bienal (de) fora da Bienal: (in)visibilidade de crianças”; e no capítulo quatro, com os três subtópicos “Eu não posso ir lá para cima!”, “E essa polícia parada, o que eles querem?!” e “Do serviluz à Nova Canudos: o encontro com crianças entre os territórios”.

As cenas do meio virtual fazem referência às análises em grupo das crianças cartógrafas-guias que participaram nas andanças ou do projeto. Essa cena encontra-se no capítulo cinco, no subtópico “Mande notícias do mundo de lá: construindo uma ponte com as crianças por meio de oficinas virtuais”.

O percurso cartográfico por meio das andanças, experimentando o território e também do grupo por meio virtual, permitiu que as descrições sobre cenas cotidianas fossem desenvolvidas. Germinando também “compreensões” a respeito das singularidades dos

territórios, dos processos de subjetivação e da enunciação de infâncias titânicas, sendo o precursor para que a navegação fosse em direção ao segundo objetivo específico.

O segundo objetivo diz respeito às discussões sobre que infâncias têm sido produzidas nessas territorialidades periféricas, sendo esse o alicerce para um diálogo teórico sobre a construção de outros territórios existenciais, das crianças com o território e em relação a suas infâncias e de como emergem nesse território.

O terceiro e último objetivo tem como intuito problematizar que Serviluz as infâncias têm desenhado, sendo a última análise desenvolvida nesta pesquisa-inter(in)venção onde as discussões sobre os contornos desse desenho realizado se encontram, como também quais as continuidades possíveis para uma pesquisa-inter(in)venção na rua.

3 PRECARIZAÇÃO DA VIDA DE CRIANÇAS E MICROPOLÍTICAS DE RESISTÊNCIAS INFANTIS

O capítulo em questão aborda sobre a precarização da vida de crianças, as cenas-analisadoras do cotidiano de crianças cartógrafas-guias produzidas foram: ““Vamo de pé dois”: andanças no bairro, passando pelo mercantil” e “Bial (de) fora da Bial: invisibilidade de infâncias”. O acompanhamento de suas movimentações no território fomentou a discussão teórica-analítica sobre que infâncias têm sido produzidas em territorialidades periféricas, onde populações periféricas cuja subjetividade é produzida em condições de vida precária e a própria população é considerada descartável, pelo Estado e seus regimes de verdade e políticas de negação à vida que levam à morte. No caso das crianças pretas, pobres e periféricas, muitas vezes, essas políticas levam à morte antes do próximo aniversário.

As discussões sobre crianças periféricas têm como enfoque os processos de subjetivação e o cotidiano no território do Serviluz como produtor de práticas e táticas micropolíticas, estabelecendo deslocamentos a respeito das concepções hegemônicas de precarização da vida sobre determinadas infâncias e sendo o precursor da construção de novos conhecimentos sobre que infâncias têm se constituído nessas territorialidades periféricas.

Iniciarei as discussões retomando o subtópico introdutório “Uma breve percepção da sociedade brasileira sobre determinadas infâncias”, a problemática localizando historicamente como a infância pobre se engendrou no Brasil e também sobre as precarizações impostas. No Brasil, no que compete à infância pobre, sua produção foi marcada pela colonização e historicamente esteve diretamente influenciada pelo sistema econômico. A criança era uma vítima das tensões sociais, epidemias e crises econômicas, além disso, as desigualdades sociais colocavam em evidência o abismo entre ricos e pobres, e assim, a infância pobre se tornava uma das mais vulneráveis dessa estrutura sócio-econômica colonial (DEL PRIORE, 2009).

As crianças já transitavam pelo território da infância desde do período colonial, fossem filhos de brancos ou de negros escravos, as crianças sempre constituíram as relações sociais entre a casas-grandes e as senzalas. Essas crianças foram mantidas como parte do contexto social, tanto por meio da proteção e disciplinamento de adultos, quanto por trabalhos forçados junto aos pais, por compartilharem a mesma condição de escravo (CASTRO, 2013).

O primeiro registro na história do Brasil sobre algum tipo de atendimento voltado à infância foi o sistema da Roda dos Expostos, que teve duração do período colonial até metade

da República. A Roda dos Expostos tinha como finalidade entregar crianças em Santas Casas, locais que cuidavam de crianças abandonadas, sem que se pudesse identificar quem as deixava. Já na primeira metade do século XIX, as políticas legislativas eram voltadas para o recolhimento de crianças abandonadas nas ruas, incentivando estabelecimentos privados a abrigá-las. No final desse mesmo século, o termo “desvalido” era utilizado para nomear essa infância pobre, socialmente indesejada, ou seja, aquele que não tem valor (RIZZINI, 2008). Foi durante o século XIX, a partir da expansão urbana, que o modo de vida da família brasileira passou a ser arquitetado, direcionando-se a novos caminhos. As transformações urbanas facilitaram a disseminação dos discursos da medicina higienista e dos cuidados sobre as crianças. Diante dessa mudança espacial e social, as percepções sobre a infância mudaram e a criança passa a ser percebida, a partir da função social, como representação de esperança para a construção do futuro (CASTRO, 2013).

Desse modo, a missão de toda uma pátria passou a ser direcionada a engendrar a criança para, no futuro, se tornar um adulto útil para a sociedade. A infância passou a ser construída a partir desse pensamento, porém, as crianças pobres não foram incluídas nesse plano progressista de construção do futuro do país. A nossa herança histórica produziu profundas fissuras no tecido social por conta do período escravagista e isso fez com que as crianças pobres e negras não fossem incluídas na representação social de infância como cidadãos do futuro (CASTRO, 2013).

A teoria da antropometria, por exemplo, era bastante popular na época. A partir dessa perspectiva, várias teorias racistas e eugênicas consideradas “ciências” pregavam o aperfeiçoamento da raça. Estudos, nessa perspectiva, comparavam as medidas de ossos, crânios e cérebro entre sujeitos para comprovar a inferioridade racial de determinados grupos sociais. O educador Cesare Lombroso (1835-1909) ficou conhecido por sua teoria da Antropologia Criminal, com base na antropometria. Ele defendia que a identificação de indivíduos “potencialmente perigosos” para o meio social poderia ser realizada por meio de correlações com medições anatômicas (COIMBRA; NASCIMENTO, 2008).

Em meados do século XIX em Fortaleza, a infância pobre era considerada uma consequência das secas ocorridas no Ceará. Porém, no século XX, o discurso mudou sustentado por saberes tidos como científicos (MUNIZ NETO; MIRANDA, 2018), quando a degradação moral passou a ser considerada de ordem genética e conseqüentemente a pobreza passou a ser vista como portadora de degenerescências (COIMBRA; NASCIMENTO, 2008).

Para os fortalezenses do século XX, a infância pobre provocava medo. A criança desamparada era percebida como um delinquente em potencial. Os jornais destacavam qualquer acontecimento conflituoso que ocorria em terras alencarinhas. Diante disso, a infância pobre passou a ser veiculada e percebida como um perigo à sociedade (MUNIZ NETO; MIRANDA, 2018).

Esses conhecimentos científicos advêm do poder e tem como finalidade controlar e estigmatizar determinados grupos sociais. Essas relações de saber-poder produzem subjetividades no contexto dos modos capitalísticos de produção, reforçando funções de sujeição como o silenciamento, a segregação e a culpabilização (GUATTARI; ROLNIK, 2005).

Para Foucault (2015), o poder sobre a vida ou a gestão calculista da vida formaram duas tecnologias de controle. A primeira, conhecida como poder disciplinar, tem a finalidade de adestrar, aperfeiçoando a produtividade do corpo como a de uma máquina, aumentando sua utilidade e docilidade direcionada para a economia. A segunda, o biopoder, direciona-se para o controle dos processos biológicos como a procriação, a natalidade e a mortalidade, nível de saúde, a longevidade, entre outros. Essas técnicas de poder aparelham as instituições estatais²³ e constituem a biopolítica no corpo social, que é um elemento indispensável para o desenvolvimento do capitalismo (FOUCAULT, 2015), garantindo subjetivamente o controle produtivo dos corpos e também dos fenômenos sociais direcionados aos processos econômicos.

A partir dessas tecnologias de poder, o racismo se tornou um mecanismo para distinguir a espécie humana por meio do biológico. Essa distinção tem como finalidade classificar as raças entre boas e ruins, numa perspectiva evolucionista (seleção natural das espécies), étnico e biológico, como o exemplo supracitado sobre as degenerescências. As teorias biológicas raciais são usadas politicamente como justificativa para o genocídio. O racismo se tornou a permissão para matar em uma sociedade norteada pelo poder da gestão de vida — a biopolítica —, formando um Estado Racista, que utiliza o racismo com o intuito de eliminar a raça considerada inferior e purificar a raça dita como superior. A criminalidade também passa a ser desenhada por meio do racismo, se tornando uma justificativa para exercer o poder de morte (soberano) sobre determinado grupo social. Esse outro passa a ser percebido como uma ameaça à vida, sendo necessária a morte para a sobrevivência e segurança do indivíduo. (FOUCAULT, 2005).

O racismo abastece de sentido a produção de uma “lógica” e de tecnologias que constituem modos de desigualdades e diferentes violências que talham a realidade social. Sendo

²³A família, a escola, o exército, a polícia, a medicina individual e coletiva (FOUCAULT, 2015).

assim, o racismo é percebido como um acontecimento sempre de ordem estrutural, ou seja, organizado de modo a compor econômica e politicamente a sociedade. A raça como uma definição de que os humanos são de diferentes categorias é uma manifestação da modernidade que surgiu na metade do século XVI (ALMEIDA, 2019).

O colonialismo surgiu a partir da ideia de levar civilização para os povos que não eram considerados culturalmente civilizados, resultando em um movimento de aniquilação, furtos e rebaixamento de outras culturas em nome da razão. O racismo se tornou um modo de organização sistemática de discriminação onde a raça é o ponto central dessa lógica, sendo manifestada por práticas conscientes, ou não, que propagam desvantagens ou privilégios de forma desigual, a depender do grupo racial no qual o indivíduo está inserido (ALMEIDA, 2019).

A imprensa, em 1970, disseminava notícias no caderno policial que não condiziam com o cotidiano dos bairros periféricos. Bairros como o Serviluz eram enquadrados como territórios perigosos para a cidade (AGUIAR, 2017). Segundo Nogueira (2006), com a construção do novo Cais do Porto, o Serviluz passou por diversas transformações econômicas e sociais, como a crise na pesca, a seca da cidade e as mudanças na indústria. Essas transformações influenciam até hoje a história e a dinâmica do lugar e, como consequência, o bairro ficou conhecido na cidade como um espaço de miséria, medo e violência juvenil. A população do bairro na época era composta por trabalhadores do cais, prostitutas, pescadores e famílias da zona rural que fugiam da seca do sertão nordestino para buscar melhores oportunidades.

O espaço geográfico do local é determinado pela ação corrosiva da maresia, por pequenas habitações amontoadas, vielas estreitas e também pela invasão constante da areia da praia. O modo de viver do cotidiano da comunidade do Serviluz está associado à realidade de pessoas pobres de periferias urbanas, atravessadas pelo paradoxo criado pelas políticas públicas e pelo mercado imobiliário estabelecido pela cidade (NOGUEIRA, 2006).

3.1 “Vamo de pé dois”: andanças no bairro, passando pelo mercantil

No subtópico em questão, teremos como cena-analisadora as andanças pelo território do Serviluz, tensionando as precarizações encontradas nos percursos e também manifestando as criações-conexões dos fluxos com as crianças que as linhas de fugas se instauram, ou seja, evidenciaremos a produção de territórios existenciais a partir desses cenários

e também a respeito das práticas e tática micropolíticas de resistências elaboradas por crianças em seus cotidianos.

No dia 18 de fevereiro de 2020, pela manhã, ainda com uma sensação de presente, peguei o ônibus 077 - Parangaba/Mucuripe, com o objetivo de chegar ao final da linha, que é onde fica o Serviluz. O motorista era novato e, ao chegar na entrada do Farol, não sabia qual rua entrar. Uma moça jovem, que tinha subido há pouco tempo no ônibus, tentava explicar que ele tinha que entrar ali, onde estava havendo uma obra na rua. A construção interditou a mão da direita e a entrada de uma das únicas vias de acesso ao Serviluz. Essa rua corta o bairro ao meio. Ao descer na parada, senti um cheiro de esgoto misturado ao cheiro de maresia. Em dias de chuva se torna mais evidente a precariedade do saneamento de esgoto no território.

Por que os investimentos do Estado não são efetivos em melhorar a qualidade de vida e o tratamento de esgoto em territórios marginalizados como o Serviluz? Políticas públicas ineficazes e com baixo investimento financeiro em determinadas territorialidades fazem parte de um projeto político que promove uma precarização sistemática para com as vidas que habitam esses espaços, esse descaso atinge também a natureza e a infraestrutura em seu entorno. Estamos sustentando que a relação entre Estado, poder e capitalismo produz uma zona mortífera, que inviabiliza a vida em territórios periféricos (ALMEIDA, 2019). Não somente aumentam os riscos de adoecimentos, e consequentemente diminui a expectativa de vida, como também corroboram para o fortalecimento de tecnologias que destitui as existências desses locais de humanidades. Falamos aqui de vidas que não são tidas como vidas viventes (BUTLER, 2018). Portanto, o sistema econômico (necro)neoliberal incita uma racionalidade maquínica em que políticas sociais são substituídas por políticas de gestão de risco e punição preventiva, em que o Estado Penal exercita uma relação que perversa em prol de uma (necro)economia (MBEMBE, 2017). Essa dupla face do Estado coloca as pessoas que residem em zonas periféricas à mercê de uma economia sacrificial, na qual certas vidas têm mais valor do que outras (BARROS, 2019).

Andei até a casa de Isaac e Ytalo e, ao chegar em frente à porta, vi pela veneziana da porta alguém na rede. Chamei por Isaac e logo reconheci que na rede tinha uma criança deitada, que levantou a cabeça e disse “oi”. Outra cabeça também surge, e é a de Ytalo. Os dois estavam deitados na rede assistindo TV. Isaac se levantou e abriu a porta, Ytalo passou por baixo de Isaac e me deu um grande abraço, envolvendo minha cintura e encostando a sua cabeça na minha barriga. Perguntei o que estavam fazendo e Isaac respondeu que estavam assistindo

“A vizinha na banheira”, que passa no Youtube. Perguntei se Isaac e Ytalo gostariam de fazer alguma coisa no bairro, responderam que sim e foram se calçar.

Os dois entraram em casa e voltaram com um filhote de gato na mão. Perguntaram se gostaria de ver os filhotes e logo trouxeram outro. Eram quatro gatos: um branco, um preto e dois laranjas — antes tinha mais um branco, mas morreu. Isaac chama o Ytalo para ele se calçar logo, e assim irmos à rua.

Enquanto isso, lembrei a Isaac que estava devendo um chocolate para ele (de uma aposta que fizemos e acabei perdendo) e que devemos ir comprar. Depois disso, Ytalo chegou e eu disse para irmos chamar a Helena, que mora praticamente ao lado da casa dos dois. Ytalo saiu correndo na frente, e Isaac pediu para ele esperar, e ele parou na entrada do pequeno corredor que dá acesso à porta da casa de Helena. Chegando na porta, Isaac chamou por Helena, mas ninguém respondeu. Ele ficou tentando bisbilhotar o interior da casa por uma brecha da porta, e disse que dava para ver que Helena estava dormindo em uma rede. Então ele a chamou de novo, e pudemos escutar sua mãe, ainda com a voz sonolenta, falando para Israel deixá-la em paz e ir embora. Ainda eram 09h30 da manhã e não era a primeira vez que íamos à casa de Elen e encontrar todos — mãe e irmãos — ainda dormindo.

Falei aos meninos para irmos embora e que poderíamos ir na casa de Julian, que fica em frente à Praia do Titanzinho. Isaac comentou que a mãe de Julian já havia parido a menina de que estava grávida. Quando chegamos na entrada para a praia, vimos que Julian, sua mãe e a bebê estavam sentados aguardando alguém. Cheguei perto e cumprimentei a todos. Perguntei ao Julian se ele gostaria de ir passear e também sobre quanto tempo fazia desde que a bebê havia nascido. A mãe responde que fora há 17 dias. Disse também que estavam aguardando alguém para irem vaciná-la e que Julian iria lhe fazer companhia, portanto não poderia ir passear comigo.

Decidimos ir ao mercantil e então Julian falou para chamarmos por Nana (Carol), pois ela deveria se encontrar em casa. A mãe de Julian perguntou se iríamos passear de carro e respondi: “vamos de pé dois, andando mesmo pelo bairro”, ela sorriu e continuamos nossa andança. Em vez de voltarmos pela rua, decidimos ir pela praia mesmo, pois assim encurtamos o caminho. A casa de Nana fica em uma rua estreita que dá acesso ao lugar que os moradores chamam de “favelinha” e também fica em frente à Praia das Pedrinhas. Continuamos em direção à praia e quando estávamos para pisar na areia, Ytalo diz que não quer se molhar. Então falei que o levaria nos braços, ele dá um pulo em cima de mim e o seguro em meus braços. Andamos um pouco e sinto que Ytalo está pesando bastante, e também notei que a maré está

bem seca, ou seja, o mar se encontra bem recuado na areia. Falei para ele que a maré estava seca e que ele não iria se molhar, continuei dizendo que ele estava pesando muito e que iria colocá-lo no chão. Ele concordou e disse que não se molharia.

No trajeto pela praia perguntei se eles gostariam que eu aparecesse um dia na semana, que não fosse no dia do projeto, que ocorre nas quartas, e se eles fariam algo que gostassem comigo no território. Eles perguntaram o porquê disso, e disseram que gostariam sim que aparecesse em outro dia. Falei que estou fazendo uma pesquisa sobre infâncias e como eles são crianças gostaria de entender melhor o dia-a-dia deles no Serviluz. Antes deles me responderem perguntei se eles sabem o que é uma pesquisa, ambos responderam que não sabiam, tentei explicar que uma pesquisa é uma tentativa de entender um determinado assunto. Algumas coisas para mim são difíceis de explicar e acredito também que a compreensão do que é uma pesquisa para eles pode ser bastante diversa. Além disso, acho que tem o afeto de estarmos juntos, sinto uma sensação de felicidade quando estou com as crianças e também com o território. Existe *ethos* da confiança (SADE; FERRAZ; ROCHA, 2016) construída aos longos dos anos, não somente com as crianças, mas também com as famílias dessas crianças.

No meio da conversa percebi que já estávamos na entrada da casa de Nana, e a porta se encontrava entreaberta. Então, chamei por Nana e sua mãe abriu a porta, falando que ela não estava em casa no momento. Nana se encontrava em em outro projeto e como ela já havia faltado no dia anterior, devido à chuva, a tia do projeto havia ligado solicitando que ela comparecesse. Sua mãe explicou que ela é apadrinhada, por isso não pode ficar faltando. Encerrei a conversa falando que outro dia apareceria e que as atividades do projeto iriam retornar no dia 04 de março. Depois das três tentativas desistimos de nos encontrar com outras crianças e tomamos o rumo planejado inicialmente.

O cotidiano é permeado por dinâmicas de Organizações não-governamentais - ONGS, Institutos, Associações ou pequenos projetos organizados pela Sociedade Civil, também por apadrinhamentos que alguns desses movimentos costumam fazer para manter algumas crianças vinculadas de modo assíduo a esses espaços. Como manifesta Butler (2018), que a vida por si só é precária por estar condicionada a constante manutenção das condições sociais, econômicas e políticas para tornar uma vida vivível, a precarização da vida dessas crianças do Serviluz, portanto, está relacionada aos impulsos que não dizem respeito somente a potência interna de vida.

Sendo assim, quando o Estado não fornece suporte social, econômico e político, com compromissos positivos para acesso igualitário de alimentação, abrigo, trabalho, cuidados

médicos, educação, direito de ir e vir e direito de expressão, proteção contra os maus-tratos e opressão, minimizando as condições de precarização dessas vidas, outras alianças se formam na tentativa de reduzirem as desigualdades (BUTLER, 2018).

Fomos a um mercado que tem na rua principal para comprar o chocolate que havia prometido a Isaac. Durante o caminho, conversamos e o cheiro de esgoto — evidência das condições de precarização — sempre nos acompanhando. Chegando ao mercado, Ytalo me pede um real para colocar naquelas máquinas de bolinhas de gude. Falei para escolhermos primeiro o chocolate e depois pegarmos a bolinha. Passamos pelas prateleiras e Isaac resolveu escolher um biscoito recheado. Peguei na prateleira e logo em seguida dei um real para o Ytalo colocar na máquina. Fiquei aguardando na fila para pagar o biscoito e Isaac foi acompanhar Ytalo até a máquina para ajudá-lo a girar a alavanca.

A brincadeira, como conteúdo do imaginário, em que uma bolinha de borracha que quica de modo desordenado se transforma em diversão, ajuda-nos a compreender que as crianças não se constituem de modo isolado em relação a comunidade na qual transita, como por exemplo, o brinquedo e sua vinculação econômica/consumo (BENJAMIN, 2009).

Se Guattari (1992) apontava para a dobra do corpo sobre si mesmo, acompanhada de espaços da dimensão da imaginação, vemos no cotidiano dessas crianças, de forma simples e criativa, a interação entre brincadeira, experiência, espaço e corpo infantil na formulação de possibilidades inventivas que orbitam no plano das relações e dos modos de subjetivação. Essa experiência provocada pelos devaneios implodidos da brincadeira, atualizam a experiência de subjetividade do espaço. Assim, seria incorreto dizer que mesmo diante das precarizações que o território sofre, essas infâncias são existências menos inventivas.

Com o biscoito em mãos e a bolinha com os meninos, voltamos ao trajeto para a casa de Isaac e Ytalo. No caminho passou um homem carregando um carrinho de mão e falou: “Olha o Isaac”. Isaac o encarou sem dizer uma palavra, muitas vezes esse seu olhar diz bastante, notei que ele estava fazendo uma análise silenciosa da situação. Foi como se estivesse escolhendo com cuidado seu próximo passo. Andamos mais um pouco e o mesmo homem fala em um tom de reclamação: “Nem fala que sou seu pai né!”. Fiquei surpresa com o que tinha sido dito, não sabia que o pai de Isaac também morava no Serviluz. De um modo ainda meio incrédula perguntei a Isaac se aquele homem estava falando a verdade. Isaac me respondeu que sim, que ele era seu pai, mas que sua tia queria colocá-lo na justiça porque ele nunca ajudou financeiramente. Perguntei depois se ele aparecia para ficar um tempo com ele, e ele respondeu

que não. Notei que existe uma ausência paterna nas três casas que visitei, pois, em duas, fui recebida sempre pelas mães.

Continuamos andando e então perguntei o que faríamos, Isaac dá a sugestão de irmos tomar banho na praia e pede para perguntar à tia se eles poderiam ir à praia. Respondo dizendo que tinha levado meu maiô e que precisaria me trocar, ele diz que posso me trocar no banheiro da casa deles, nunca havia entrado na casa de Israel e Ytalo. Fomos até onde a sua tia se encontrava e a encontramos acompanhada com mais 5 pessoas, todos descascavam camarões.

A investigação participativa, em sua singularidade, permite-nos construir e transformar em conjunto micropolíticas no cotidiano, reinvenções de si e dos territórios em que habitam (ROCHA; AGUIAR, 2007). São momentos ímpares, a ida à casa das crianças, as conversas e as fotos com seus animais de estimação, os banhos de mar inundados de afetos, sobretudo no que diz respeito à emergência e propagação de bons encontros. São nessas criações-conexões dos fluxos com as crianças que as linhas de fugas se instauram. A reinvenção, a dessubjetivação e a desterritorialização aumentam a potência de ação e a capacidade de se reinventar, em uma sociedade que marginaliza essas infâncias. Nas palavras de Deleuze e Guattari (2012),

[...] há uma máquina abstrata de mutação que opera por descodificação e desterritorialização. É ela que traça as linhas de fuga: pilota os fluxos de quanta assegura a criação-conexão dos fluxos, emite novos quanta. Ela própria está em estado de fuga e erige máquinas de guerra sobre suas linhas” (p. 114).

Perguntei à tia se poderia levá-los para tomar um banho de mar e ela respondeu que sim. Sendo assim, voltamos um pouco o caminho para a casa deles para que assim eu pudesse trocar minha roupa. Chegando lá na casa de Isaac e Ytalo, vou entrando e eles dizem que vão se trocar, mas antes de entrarem no único cômodo que a casa tem, Isaac me mostrou onde ficava o banheiro. Vou seguindo sozinha até o banheiro e a porta na verdade é uma cortina de box bem velha, as pontas da cortina já tinham se perdido com o desgaste do tempo. Qualquer vento mais forte que invadisse a cozinha poderia fazer com que a cortina se soltasse, tornando possível enxergar todo o interior do banheiro. Vou entrando e reparo que a privada não tem tampa, senti um forte cheiro de urina, na parede, um cabide embutido e algumas roupas penduradas.

Às vezes, penso sobre como a minha posição de vida, cheia de privilégios, é muito distante dessa realidade, porém, muito próxima da minha vida pois tive acesso ao território. Quando saio, as crianças estavam brincando com os gatos e peço para fazer uma foto daquele momento. Todos os gatos se encontravam embaixo da mesa olhando para mim e os dois meninos sentados dividindo uma única cadeira (imagem 4).

Imagem 4: Crianças e felinos



Fonte: elaboração da pesquisadora (2020).

Uma vez todos prontos, finalmente fomos à praia e quando chegamos lá, Ytalo falou que gostaria de ir para as pedrinhas. As pedrinhas é um local onde tem corais e outros animais, como peixes palhaços, siris, polvos, moreias, entre outros. É visível a diversidade de outros seres no lugar e o banho de mar nas piscininhas se torna possível durante a maré seca. Isaac comentou que achava que a maré já está muito cheia e isso impossibilitaria o banho, digo que

a maré ainda está bem seca e Isaac acaba concordando comigo. Seguimos então para subir algumas pedras e finalmente chegarmos nas pedrinhas. Chegando lá, escolhemos um lugar e estendi a canga, deixei a mochila, e Ytalo sai à procura de um lugar para nosso banho e acha uma “banheira ideal”.

Com familiaridade em relação ao local, Ytalo sobe um pouco mais nas pedras e pula dentro de um buraco ainda cheio com a água da maré cheia. Logo em seguida entrei na água e Isaac ficou sentado na parte mais alta observando nos dois na água. Ytalo então começa a jogar água para molhá-lo e também faço a mesma brincadeira. Depois de um momento, Isaac também entra na água e ficamos ali conversando sobre os corais. Em alguns momentos, Ytalo se assustou com os siris.

Percebi um homem e duas crianças se aproximando. Ele estava carregando um balde, uma rede e usava luvas em suas mãos. Fiquei imaginando que ele iria pescar ou “caçar” alguma coisa, as meninas ficaram sentadas na areia brincando e o homem logo em seguida passou a jogar sua rede nas piscinas maiores formadas pelas pedras. Naquele momento, peguei o celular e tentei registrar uma foto das crianças, elas acabaram se empolgando e fizeram duas fotos e um vídeo, segue uma das fotos (imagem 5).

Imagem 5: Praia das Pedrinhas



Fonte: elaboração da pesquisadora (2020).

No vídeo, Isaac começou falando que estávamos na praia e eu completei dizendo que estávamos curtindo, Ytalo continuou falando que estávamos curtindo um show, que

estávamos de férias e que o mar era lindo e maravilhoso. Então, Isaac me chamou e disse para que deitasse minha cabeça no travesseiro natural da nossa banheira, fui e encostei nuca e cabeça no coral de pedras. Ficamos relaxando e ele encerrou o vídeo falando “fim”.

As infâncias são construídas socialmente, tendo também como componente nesse processo a cultura. É uma categoria social contínua, se modificando de acordo com as relações estabelecidas em um determinado tempo e espaço. Sendo assim, com o avanço de novas tecnologias de comunicação advindas da globalização, as crianças passam a utilizar essas novas ferramentas tecnológicas. A globalização transformou a sociedade contemporânea e os costumes, que passam a ser banhados por excessos de informações, imagens e objetos, criando assim uma uniformização também da cultura de diferentes sociedades. Desse modo, as crianças acompanham os avanços tecnológicos de diferentes perspectivas, principalmente para entretenimento, por meio de brincadeiras online ou vídeos para consumirem em seu tempo livre (ALCÂNTARA, 2017). As crianças do Serviluz muitas vezes fazem o uso de *smartphones* para bater fotos ou produzirem pequenos vídeos no aplicativo Tik Tok. O uso da internet também é constante para acessar vídeos no Youtube ou o jogo Freefire, um jogo de tiro muito popular. Apesar das profundas desigualdades de acesso à rede na realidade brasileira, 4,8 milhões de crianças e adolescentes com idades entre 9 a 17 anos de idade não tem acesso a internet em seus domicílios (UNICEF, 2020). É perceptível que quase todas as crianças que participaram do projeto têm acesso a um smartphone com internet.

Depois, Isaac se levantou e foi para uma parte das pedras onde a formação simula um escorregador natural e o lodo das pedras ajuda no deslizamento. Ele chamou por mim e por Ytalo, nos levantamos e fomos até lá. Passamos um tempo brincando na pedra-escorregador. Isaac estava inquieto e cheio de energia, sua curiosidade o levou para próximo do homem e Ytalo e eu o acompanhamos. Já ao lado do homem, Isaac pegou um tipo de crustáceo que é uma concha com um animalzinho dentro e deixou ele andando em sua mão. O homem também ficou curioso com a nossa presença e começou a me contar que estava pegando siris, nos mostrando o balde com algumas siris dentro. Contou que a chuva que deu nesses dias trouxeram os siris, fiquei pensando que a chuva também trouxe muito lixo. Observei que na água havia bastante lixo e peguei até algumas para jogar fora depois. Tinha também pedaços de animais mortos incomuns ao habitat, como pés de galinhas.

Ele puxou a rede de volta e aparentemente ela estava vazia, mas em suas extremidades ele mostrou os pequenos peixes e disse que eles eram comestíveis. Sobre os siris, ele comentou que colocava umas iscas e quando as iscas estavam mais submersas na água, era

porque tinha algum siris segurando. Quando isso aconteceu ele foi lá e pegou os siris com as mãos. Perguntei se aqueles pequenos siris tinham carne o suficiente, ele me respondeu que davam para fazer um caldo que era uma delícia e forte também. Dentro do balde tinham alguns peixes pequenos, o pescador de siris disse que se quisermos podemos devolvê-los à água. Eu e Isaac ficamos tentando pegar os peixes, mas eles deslizavam e tinha os siris que também queriam pegar nossos dedos.

O pescador de siris se chamava João Paulo e ele comentou que suas filhas estavam querendo tomar banho de mar, porém, elas estavam com medo de ter alguma moreia escondida nas pedras. Ele continuou a conversa falando que tem umas piscininhas com uma boa formação mais para o lado da Praia do Portão, então, me disponibilizei de ir com elas e os meninos, ele aceitou a ideia e falou que nós poderíamos ir sim. Chamei Isaac e Ytalo e eles foram me seguindo, expliquei que combinei de tomar um banho de mar junto com as duas meninas, filhas de João Paulo, e eles concordaram, assim todos foram até a areia.

As meninas estavam brincando e logo se mostraram simpáticas com a nossa chegada, explico que conversei com o pai delas e que dei a ideia de entrar no mar com elas. As duas meninas se alegraram e se levantaram para o nosso banho de mar. Perguntei o nome delas e responderam dizendo que era Lohana e Leticia. Em seguida, apresentei a mim e aos meninos. Caminhamos um pouco mais para a esquerda da praia, no sentido da Praia do Portão e dos ventiladores eólicos, que ficam no Porto de Passageiros. O mar estava mais agitado, a maré já tinha começado a subir. Fomos entrando e todos ficaram mais agitados, Isaac ficou de costas para o mar, as duas meninas se sentaram do meu lado e Ytalo ficou no meu colo. Isaac escutou o pai das meninas falando que elas estavam com medo da moreia, e isso fez com que ele não parasse um segundo de falar sobre as moreias e também ficou fingindo que tinha visto uma moreia na piscina onde estávamos.

Com o mar mais agitado, uma onda maior se formou e veio com força em nossa direção, ela bateu na pedra e rompeu, jogando seus pedaços de mar em cima da gente e depois nos empurrando. Está no território é como o mar, tem um grande efeito, são como milhões de ondas concêntricas surgindo ao mesmo tempo, uma atravessando a outra. Constituindo de energia a formação de outras ondas de modo mútuo e caótico. Os movimentos que constituem nossa percepção são vários, desterritorializando e fluindo como um rizoma em ruas, afetos, cheiros, barulhos, medos, encontros. Como para Lins (2008):

...uma onda é exatamente isso; é um caos determinista que atribui uma forma a uma massa informe d'água, mas que é feita de miríades de moléculas d'água...A própria onda é guiada por movimentos desterritorializados escritos em um alfabeto

estriado/liso: aqui, agora, já, provocando o tempo todo a anulação estabelecidas das próprias regras” (p. 60).

Depois dessa onda as crianças começaram a rir, mesmo sem se conhecerem, eles interagem como se não fosse uma obrigação social e sim porque parecem se entender de modo mais fluido. Mais algumas ondas se formaram e vieram com intensidade parecida, achei que talvez o mar estivesse agitado e alguém poderia bater em alguma pedra e se machucar. Chamei todos para saírem do mar e a hora de ir embora também já se aproximava, no retorno para onde deixamos nossas coisas fiz um convite às duas meninas para participarem das atividades nas quartas feiras de manhã, já que elas me falaram que estudam de tarde. Quando voltei nas pedras me aproximei de João Paulo e reforcei o convite, perguntei qual rua eles moravam e ele disse que era na brisa mar, falei que depois tentaria achá-los para entregar o panfleto com informações, como início, horário e local. Fomos embora e finalizamos nosso banho com água doce da mangueira da escolinha de *surf* do Duda, que fica na rua do titan. Os meninos brincaram até o último momento. Chamei-os para dizer que precisava ir pois já estava com fome e ainda pegaria um ônibus. Eles me acompanharam até a porta de suas casas. Na rua deles era possível ver o meu ônibus passar e parar na esquina, corri e gritei pedindo para alguém “segurar” o ônibus. Conseguindo, parti para casa.

Algo que reparei é que as crianças estavam tomando banho de roupa, tanto que os irmãos Isaac e Ytalo, como Lohana e Letícia, tomaram banho de mar de shorts e blusa.

3.2 Bienal (de) fora da bienal: (in)visibilidade de crianças

Neste subtópico, teremos como cena-analisadora do cotidiano a descrição das andanças pela memória do encontro de crianças que participam do Projeto de Vida Titanzinho e que também participaram da contação de histórias com o autor dos livros infantis Tino Freitas, por meio da XIII Bienal Internacional do Livro no Ceará, como parte da ação “Bienal Fora da Bienal”. A discussão desenvolvida diz respeito a que infâncias têm sido produzidas diante de regimes de (in)visibilidades e dos embaraços e das barreiras que crianças específicas passam para acessarem certos espaços e equipamentos.

A cena foi escolhida por manifestar o processo de subjetivação de crianças titânicas em seus encontros e desencontros e por ressaltar também como essas infâncias não são reconhecidas, sendo (in)visibilizadas por sujeitos que habitam outros territórios constituídos por um pensamento elitista e segregador, que são componentes da precarização desigual

abordada neste capítulo. Assim, essa cena foi escolhida por conta dos efeitos na produção de modos de ser crianças distintos e desiguais.

Os efeitos se tornam piores nos territórios da cidade que são reconhecidos pela gestão municipal como assentamentos precários. Apesar do Serviluz não ser reconhecido legalmente como um bairro produzindo uma relação de regimes de (in)visibilidade do território e também sobre as existências que o habitam (SCISLESKI; HÜNING, 2016).

O Serviluz ainda luta por reconhecimento e podemos perceber isso através da luta das ZEIS. Os espaços da cidade, que são iluminados por um pensamento ocidental, se estruturaram a partir de uma lógica urbana positivista, eugênica e também com base no higienismo social. A luta popular por reconhecimento do território, por meio da ZEIS, coloca em evidência o contraste do jogo de luz e sombra discutido por Scisleski e Hüning (2016), na produção do saber relacionado à cidade.

O território aqui discutido, ainda luta por reconhecimento para que o Município faça maiores investimentos na estruturação urbana fundiária, ou seja, da função social da propriedade. Ele se mantém em uma zona de invisibilidade dos interesses públicos, reforçando, assim, uma produção de marginalidade e de zona sombria. “Tais configurações urbanas fomentam formas objetivas e subjetivas de circulação e habitação nas cidades” (SCISLESKI; HÜNING, 2016, p. 4). Pensar na sombra, ou seja, no escuro, é se deslocar do conforto oferecido por um pensamento iluminado, é conhecer outros processos de subjetivação que atravessam existências perversamente invisibilizadas:

O excesso de luminosidade ofusca. Faz doer os olhos, que precisam descansar. Nos dão dor de cabeça. E também cegam. As sombras que sobram e o breu que obscurece – que foram propositalmente colocados fora daquilo que é contemplado como campo do saber – paradoxalmente deixam de existir e continuam presentes. Aprendemos a ter medo da escuridão e acender a luz para dissipá-la, no almejo por uma zona de conforto. Dessa forma, a escuridão nos interpela para enfrentarmos certos fantasmas. Fantasmas esses que são produzidos por uma clara racionalidade. (SCISLESKI; HÜNING, 2016, p. 3).

As luzes e sombras se movimentam em conformidade com o tempo e o espaço, elas não são estáticas, deturpando as fronteiras entre o visível e invisível. “A luz aqui, mesmo quando presente, não ilumina igualmente a tudo e a todos” (p. 5). “As luzes não são democráticas e possuem rígidos critérios sobre o que pode ou não se tornar visível” (SCISLESKI; HÜNING, 2016, p.6). Os lugares mantidos na escuridão têm também como efeito a invisibilização dos moradores desse território (SCISLESKI; HÜNING, 2016) e juntamente, como consequência, a de suas crianças e infâncias que já sofrem de outros modos de invisibilização decorrentes de práticas sociais adultocêntricas/geracionais.

Por isso, nos momentos em que esses sujeitos são colocados sob os refletores, as vidas projetadas são associadas à marginalidade, ao crime, assim considerados não-humanos. Potências e devires também são invisibilizadas nesse jogo de lusco-fusco (SCISLESKI; HÜNING, 2016). Quando estudamos o cotidiano de crianças, precisamos pensar nas categorias de gêneros e geracionais - ordem de gerações - que se interseccionam e estruturam a vida social que essas infâncias ocupam (ALANEN, 2001).

As invisibilidades que as crianças vivenciam nesse contexto são constituídas através das relações de poder hegemônico, tanto por meio de um pensamento adultocêntrico, como por serem moradoras de um território que é socioeconomicamente marginalizado. Como de costume, marcamos com as crianças o dia (19/08/2019) e horário (09h30) que aconteceria essa atividade. O lugar escolhido para a contação de histórias foi a praia do Titanzinho, pelo horário da manhã.

Uma vez estando no Serviluz, enquanto a mobilização para reunirmos as crianças estava em andamento, fiquei sentada na entrada da casa de Isaac e Ytalo, aguardando que se arrumassem, nessa espera sua tia Silva colocou uma cadeira ao meu lado e começamos a conversar. Entre os assuntos conversados, Silva falou da recuperação por parte do seu irmão que consumia de modo abusivo bebidas alcoólicas, do medo que tinha em relação ao sobrinho mais velho, pois ele era muito relutante em obedecê-la e, às vezes, ia para a rua sem avisar ou dizer seu destino, acreditando que o mesmo pudesse se envolver com outras crianças que fazem coisas erradas. Também relatou um pouco sobre a realidade da sua irmã que é usuária de crack e mãe dos seus dois sobrinhos. A tia das crianças comentou que o sobrinho mais novo era uma benção, pois sempre obedecia ao que lhe orientavam. Outra coisa que foi dita como um desabafo aliviado, porém carregado de cansaço, diz respeito à prosperidade do alimento que nunca faltara.

Enunciações como essas, sobre cenas do cotidiano, marcam diferentes invisibilidades que crianças, tias, mães e sobrinhos vivem. Como as luzes e as sombras da Bienal se movimentam? O que será iluminado pelos holofotes e o que será mantido ofuscado? O modo como essas forças hegemônicas e invisibilizadoras agem em territórios como o Serviluz, produzem também essas infâncias, moldando seus modos de ser crianças e suas existências. Provocado esse tensionamento com interrogativos, a experiência que a ação “Bienal Fora da Bienal” de “ampliar os horizontes, extrapolar os limites físicos da cidade em sua centralidade urbana”²⁴, se fez pertinente para o evento que se locomove por outras territorialidades, mas não

²⁴ Dizeres retirados do site do governo do ceará que informava sobre a XIII Bienal do Livro (CEARÁ, 2019).

rompem de modo revolucionário com as invisibilidades econômicas, territoriais e sociais, existentes no território.

Despertamos da conversa com Silva e Isaac e Ytalo já estavam prontos e animados para irmos à praia do titan. Como a casa das crianças é cerca de 10 metros de distância da praia, quando saímos, encontramos com outras crianças e tias do projeto, também avistamos o carro da bienal chegando com os organizadores, uma equipe de fotógrafos²⁵ e o autor do livro “Leila”.

A contação de história tinha como intuito divulgar o livro que fala sobre abuso sexual, assunto pertinente e necessário diante da escarcez de conversas elucidativas nas famílias, escolas ou postos de saúde. Falar sobre o corpo e a experiência desse corpo em movimento, tem se apresentado como uma proibição diante da onda conservadora e evangélica que paira no nosso contexto. A educação sexual ensina crianças e adolescentes a reconhecerem uma situação de abuso sexual, por exemplo, também orienta sobre relações afetivas saudáveis em diálogo com aspectos subjetivos. As informações sobre saúde sexual ajudam na prevenção de gravidez precoce e na diminuição de infecções sexualmente transmissíveis (PROVENZI, 2020).

Antes de chegarmos à cena-analisadora, apresentaremos mais recordações de como foi esse dia e de outro livro que despertou a alegria, além da importância desse encontro com outras possibilidades inventivas, devires e de micropolíticas de resistências. O autor Tino Freitas tem um carisma singular com as crianças. Enquanto um tapete circular era colocado no lugar mais confortável para as crianças e para todos nós que participamos também, as conversas e o entrosamento se iniciaram na sombra do deck onde vende peixe, café, cuscuz e tapioca, que tem na primeira entrada da praia do titanzinho. Algumas enunciações ouvidas, como “qual é o seu nome?”, “que praia bonita”, “vamos sentar na sombra da castanhola”, “o que você gosta”, “eu vou contar várias histórias”, pode-se dizer que criaram afinidades e que aproximaram aquele forasteiro engraçado e muito comunicativo.

Depois de alguns minutos, nos aproximamos do grande tapete estendido na sombra da castanhola. As crianças ficaram sentadas em volta do tapete e também de Tino, a maioria dos adultos sentaram no muro que a calçada forma porque algumas casas se estendem até o início da entrada da praia, inclusive, a entrada da casa de Julian está entre essas casas. Com todos reunidos, Tino começou a ler seus livros e todos pareciam mágicos. Os livros provocaram curiosidade e excitação. O modo como era possível interagir com as histórias encantou a todos. O livro “A tromba” que fala por meio de poesias, rimas e enigmas brincantes sobre o dia em

²⁵ Parte da Nigéria filmes eram da equipe de fotógrafos, eles também são amigos e já fizeram filmagens com as crianças em 2016.

que uma tromba gigante cresceu no rosto do tio Zé e se tornou uma das sensações. Na medida em que a contação por rimas, poesias e enigmas era contada/decifrada, a tromba, que também era o livro, crescia mais e mais, as crianças e adultos riam bastante.

Experimentar livros como esses, que não são somente um livro cruamente falando e sim são como acessos para as inventividades que também produzem singularizações, afetos, experiências, dobras, devires, revoluções, entre outras forças/potências. “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2015, p. 25).

Enquanto as luzes e sombras se movimentam, borrando fronteiras e iluminando infâncias titânicas, mesmo que de modo desigual, é possível a coexistência de movimentos contrários à invisibilidade. Insistimos em analisarmos as invisibilidades em detrimento da segregação provocada na XIII Bienal, mas ainda não chegamos ao momento em que isso ficou nítido. Então vamos direto à cena. O momento da contação de história foi bastante potente e inspirador, o que provocou desejo de interagirmos no Centro de Eventos, espaço onde o evento estava sendo sediado. Falamos com os organizadores que estavam presentes para que a Bienal disponibilizasse um transporte para que as crianças pudessem ter acesso a esse outro espaço, esse pedido foi negado e o que escutamos de um dos organizadores foi que os pais precisam levar e incentivar seus filhos.

Parte da cena-analisadora relatada mais cedo, enquanto duas crianças se arrumam para participarem da contação de história, diz bastante sobre a realidade cotidiana dos moradores do Serviluz. Enquanto muitos responsáveis e moradores estão preocupados em manter comida na mesa, em sobreviver, incentivos como passeios, eventos culturais, viagens e cinema, não se tornam prioridade, economicamente falando. A participação em eventos como a Bienal gera um custo com o transporte até o Centro de Eventos, com a alimentação, fazendo falta no orçamento financeiro familiar de territórios como o Serviluz, outro exemplo de custo é também a possibilidade de comprar os produtos/livros vendidos na XIII Bienal. A invisibilidade também se constitui na sutileza de eventos que não são inclusivos, em que eles fazem presença no território, mas não possibilitam o acesso das crianças ao negar a possibilidade de transporte/alimentação/acesso aos livros vendidos.

A presença da ação “Bienal Fora da Bienal” no território acaba iluminando os interesses da XIII Bienal do Livro e não propriamente de infâncias titânicas, ou seja, esse jogo de luz não tem como interesse o de implodir as invisibilidades impostas, tornando-se também produtora

de invisibilidades. A falta de mobilidade para que essas crianças tenham acesso a espaços como o da Bienal reforçam a invisibilidade sofrida por essas infâncias. A ausência dessas infâncias no principal espaço em que a Bienal ocorreu as tornam invisíveis por práticas como essa, transformando a ação em “Bienal (de) Fora da Bienal”. Como diz o ditado popular: “Quem não é visto, não é lembrado”.

Movimentações experimentadas na cena, constituem micropolíticas em ocupar e resistir, ocupação de espaços é resistir, a presença dessas crianças na sede do evento se constituiria como resistência. Crianças habitando um território que muitas vezes é um território bastante elitizado, o centro de eventos, é um empório da cultura, esse campo da leitura, da cultura. As crianças se movimentarem do Serviluz para esses territórios é ocupar e resistir a essa segregação socioespacial. É construir uma linha de fuga desse processo de segregação socioespacial que as crianças têm que ficar quase confinadas ao Serviluz porque a cidade não é para elas, por conta da elitização desses que reproduzem segregação socioespacial e a elitização dos espaços.

4 DEVIR-CRIANÇA E A PRODUÇÃO DE LINHAS DE FUGA ÀS DINÂMICAS DA VIOLÊNCIA NO SERVILUZ

Neste capítulo, será contextualizado, inicialmente, sobre o devir-criança e a produção de linhas de fuga diante das dinâmicas de violência que repercutem no território. Para uma maior compreensão das relações de poder que orbitam no Serviluz as cenas das andanças: “Eu não posso ir lá para cima!”, “E essa polícia parada, o que eles querem?!” e “Do serviluz à Nova Canudos: o encontro com crianças entre os territórios”, foram analisadas pautando os processos de subjetivação, de educação das crianças e as descrições de cenas do cotidiano, assim, possibilitando uma maior compreensão sobre que infâncias são produzidas em territorialidades como o Serviluz.

As favelas, localizadas a beira-mar, possuem um longo percurso de lutas contra a segregação socioespacial imposta pelos padrões normativos de habitação das classes privilegiadas da cidade. Os moradores do Serviluz, mais especificamente as crianças e os adolescentes, são expostas a disputas entre traficantes de drogas e abuso policial, vivenciando um cotidiano com violência letal e com intensificação de homicídios na realidade do Ceará (AGUIAR; SÁ, 2015).

O índice de homicídios no Serviluz chega a quase o dobro quando comparado com outras comunidades da cidade. O homicídio por arma de fogo é o mais frequente (AGUIAR; SÁ, 2015). De acordo com dados, Vicente Pinzón, em 2015, foi o bairro que apresentou o quarto maior índice de homicídios na adolescência (COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA - CCPHA, 2016).

Para as autoras Coimbra e Nascimento (2008), somos chamados a atribuir problemas que envolvem características de crianças pobres apreendidas como naturais, irrefutáveis. Algumas produções de subjetividades estabelecidas no Brasil, no século XX, corroboram para que essa população seja caracterizada como não-humana.

Essas interações de poder entre instituições são agenciamentos que desenvolvem os processos psicossociais, são as relações sociais em um movimento de mútua influência/construção, a qual mantém a estrutura das relações sociais (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Guattari e Rolnik (2005) sugerem a ideia de uma subjetividade elaborada por meio da natureza industrial, maquina. Sendo assim, os modos de subjetivação são sustentados através do Capitalismo Mundial Integrado (CMI), em que “uma imensa máquina produtiva de uma

subjetividade industrializada e nivelada em escala mundial se tornou dado de base na formação da força coletiva de trabalho e da força de controle social coletivo” (p. 48).

A produção da subjetividade capitalista se estabelece ainda na infância, por meio da linguagem verbal e não verbal (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Segundo Coimbra (2001), a produção de uma infância percebida como de periferia, marginal e pobre é construída pelos meios de comunicação em massa. A mídia produz saberes, “verdades”, fantasias e o modo de se perceber o outro, estereotipando muitas vezes o jovem pobre como inimigo, o criminoso, o “menor infrator” (COIMBRA; NASCIMENTO, 2003). No paradigma contemporâneo, essa produção de saber desencadeia a exclusão das classes sociais estigmatizadas, como infâncias ditas periféricas, marcadas por pobreza e raça.

O que estou denominando como infâncias periféricas? O que constitui uma infância com marcadores periféricos? O território onde essas crianças vivem, por exemplo, se torna um marcador devido às violações de direitos? O que é o periférico? No dicionário do *google*, quando coloco a palavra periferia, entre os sete diferentes significados, dois me chamam a atenção: a terceira definição do verbete, que diz que, para geometria, é uma linha imaginária que delimita qualquer corpo ou qualquer superfície; e o quinto, que condiz com o significado cultural do brasileiro, uma região afastada do centro urbano e que geralmente abriga população de baixa renda. Um território torna essas infâncias extensão dele ou é a infância quem produz o território?

Ao pensar no território como produtor de subjetividade e de infâncias perifezizadas, compartilhamos do pensamento de Milton Santos (2020), sobre território do dinheiro e da fragmentação. O autor explica que os territórios propendem a uma fragmentação do espaço geográfico, idealizada por lógicas do mundo globalizado. Outros movimentos singulares, micropolíticos e pertinentes a cada fração, território, regional ou local, da sociedade nacional, colidem em direção e interesse contrários ao movimento globalizado. O processo que movimenta e fragmenta esses espaços furta dos movimentos contrários às coletividades e passam a conduzir a partir de seus interesses o destino desses espaços e seus atores.

O território não é percebido como um conjunto de sistemas naturais ou como um sistema criado pelo homem, mas sim como o espaço geográfico somado à população que habita o lugar em questão, ou seja, é produzido uma identidade, com expressões e o sentimento de pertencimento. Ele se torna âmago “do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre os quais ele influi” (p. 96). Ao se falar em território é necessário compreender que se o território é usado, também inclui a população que o utiliza (SANTOS, 2020).

A produção de um território específico, como o Serviluz, também diz respeito aos moradores e ocupantes daquele espaço, também produz subjetividades e singularizações. Se um território é compreendido e constituído por suas dinâmicas de violências, por uma periferização socioespacial, há interferência nos modos de existir de crianças moradoras daquele espaço, ou seja, a produção de subjetividade dessas crianças acontecerá a partir dessas expressões.

A segregação socioespacial, o alto índice de homicídios no território (AGUIAR; SÁ, 2015), os modos de subjetivação sustentados através do CMI (GUATTARI; ROLNIK, 2005) e os marcadores que esses agenciamentos também constituem determinadas crianças como não-humana, não passíveis de luto (BUTLER, 2018), todas essas expressões do território estão diretamente relacionadas com o dinheiro.

Santos (2020) descreveu como o território funciona em um primeiro momento e, assim, em sua continuidade, o dinheiro surge como necessidade, ou seja, o dinheiro, enquanto manifestação da vida social, se transforma em um elemento que se sobrepõe em relação ao território e tudo aquilo que o constitui, assim como às relações sociais. "Hoje, sob influência do dinheiro global, o conteúdo do território escapa a toda regulação interna, objeto, que ele é de uma permanente instabilidade, da qual os diversos agentes apenas constituem testemunhas passivas" (p. 101).

A influência global do dinheiro em ação no território transborda com um mar revolto e escorre pelas ruas, becos e por todo o tecido social. Em fúria, destrói e ignora as estruturas e tudo aquilo construído pelos nativos/locais, assim como a areia nos meses conhecidos como época de vento. A força da natureza deixa marcas nas casas, nos móveis, nas roupas e em seus moradores, mas a força do dinheiro, do capital e da globalização deixam marcas nas subjetividades e no modo como essas infâncias são percebidas e tratadas. A regra imposta recai sobre todos, "e exerce pela existência das pessoas, das empresas, das instituições, criando perplexidades e sugerindo interpretações que podem conduzir à ampliação da consciência" (p. 101).

A subjetividade se constitui em multiplicidades, diferentes movimentos produzem as partes, memórias, subjetivam em coexistência (GUATTARI, 1992). Para Guattari (1992), assim como a concepção desenvolvida pelo psicanalista e etólogo Daniel Stern, as subjetividades que constroem o eu/self, uma vez geradas, coexistirão com outras subjetividades já existentes e com as que ainda estão por serem produzidas. Estás, de acordo com as

circunstâncias ou experiências, emergirão à superfície, permanecendo no primeiro plano da subjetividade, “existe verdadeiramente polifonia das formações subjetivas” (p. 155).

Sendo assim, as dinâmicas do território, bem como o dinheiro e outras incursões, como a presença ostensiva de policiamento e a violência encenada por ataques provocados por facções, também são componentes para a produção de subjetividade, assim como o devir-criança e as linhas de fuga construídas diante da realidade cotidiana dessas crianças.

“Quer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afetivo...os edifícios e construções de todos os tipos são máquinas enunciadoras. Elas produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação. Um bairro pobre ou uma favela fornecem-nos um outro discurso e manipula em nós outros impulsos cognitivos e afetivos” (GUATTARI, 1992, p. 157).

Essas dinâmicas também se constituem por meio do aparelho ideológico do estado, que criam estruturas ideológicas de sentido único, elaborando uma série de representações inconscientes, moldando nosso ego, a partir das infâncias e seus modos de ser criança. O inconsciente se constrói com um arsenal de segmentos rígidos, linha dura, engessando a noção de infância. A tensão entre as linhas duras e as linhas de fuga são permanentes. As linhas de fuga, por sua vez, são revoluções que implodem nessas diferentes estruturas dos modos de ser criança (GUATTARI, 1985).

O devir-criança é revolução. É construir linhas de fuga diante das dinâmicas de violências e opressões. É fazer o inconsciente sair da estrutura repressiva dando vazão ao desejo que por sua vez se manifesta no campo social. É fazer uma revolução. A revolução por meio do devir-criança está atravessada pelo afeto inerente às experiências na/da infância, a recordação acompanha e emerge à superfície através da criação (GUATTARI, 1992). Desse modo, nas andanças, acompanhamos o cotidiano com as crianças observando e analisando como essas construções se dão e os fatores que desencadeiam essas forças e fluxos produtores de subjetividade.

4.1 “Eu não posso ir lá para cima!”

No subtópico de discussões sobre as dinâmicas de violências, que fragmentam o território e as linhas de fuga, por meio do devir-criança, serão descritas e analisadas nesta cena em um momento sensível para os moradores, pois a Polícia Militar do estado se encontrava em greve. Com a greve instaurada pelo território do estado, as tensões, os medos e os ataques, por parte de facções, a ônibus, trabalhadores e também moradores desses territórios, em que existem maior força e controle por parte desses grupos criminosos, se tornam um agravante.

Saí de casa em um dia de chuva. O céu estava “fechado”, cheio de nuvens, me preparei mesmo assim para pegar o ônibus 77, linha que leva ao Serviluz. A ideia de ir ao território era para fazer uma caminhada e não só convidar as crianças que já participavam do projeto, mas também outras que quisessem participar. A rua se torna trajeto desviante, fugindo de uma lógica introduzida por dispositivos sociais, assim como as instituições, à exemplo, temos a escola, a família, entre outras, que são produtoras de “laços quase invisíveis que as prendem mais eficientemente ao modo de produção capitalista” (p. 64). Pensar a rua como desvio das instituições é abrir minúsculas linhas de fuga. A intervenção proporcionada pelas andanças no Serviluz pode desencadear uma saída das territorialidades que cercam a criança (GUATTARI, 1985).

Quando cheguei ao Serviluz, às 09h10 da manhã desta segunda-feira, o mesmo cheiro familiar me recebeu, um odor que misturava esgoto e maresia. Naquele dia, desci na parada antes de entrar na Av. Zezé Diogo, pois queria começar a caminhada pela Rua Amâncio Filomeno, que fica atrás do Farol. Fui andando até o farol e fiquei em frente à casa da Meire, que é o espaço cedido para as atividades do Projeto de Vida Titanzinho. A casa também funciona de noite como um bar, chamado Drink’s Bar.

Logo que cheguei tinha uma criança sentada em uma cadeira na calçada (imagem 5), em frente a sua casa. Ela me olhou e me cumprimentou como se já me conhecesse. Fui me aproximando e ela sorrindo. Então, disparei perguntando se ela sabia o que eu estava fazendo ali. Ela me respondeu que sim. Continuei perguntando se ela já me conhecia. O que ela também me confirmou como resposta

Imagem 6: Rua: Amâncio Filomeno



Fonte: Elaboração da pesquisadora (2020).

Como sua casa era praticamente ao lado da casa de Meire, fiquei intrigada imaginando que talvez tivéssemos nos encontrado em uma outra ocasião. Mas confesso que

não me lembrava e nem achava seu rosto familiar. Assim, perguntei qual era o seu nome e ele respondeu que se chamava Sebastião²⁶. Questionei se ele sabia o meu nome e ele disse que não. Me apresentei e aproveitei para convidá-lo para participar das atividades que iriam começar naquela mesma semana (04/02/2020) nas quartas no período da manhã. Com prontidão ele me respondeu que estudava pelo turno da manhã e por isso não participaria. Questionei porque ele não estava na escola e ele me respondeu que não tinha tido aula naquele dia.

Depois disso, encerramos a conversa e fui sentar embaixo de uma árvore, em frente à casa da Meire. Fiquei esperando o estagiário do projeto chegar, sentada na parte da calçada que fazia sombra.

Após um breve momento, Sebastião foi até onde me encontrava e sentou ao meu lado. Voltei a conversar com ele e perguntei o que gostava de fazer pelo Serviluz. Ele respondeu que gostava de brincar no parquinho²⁷ que estava na nossa frente e fiquei reparando que os balanços não estavam mais lá. Continuei a conversa questionando se ele sabia o que tinha acontecido com os balanços, ele explicou que os balanços haviam sido quebrados²⁸. No breve tempo de silêncio, ele me pediu mais dos panfletos que carregava, contendo o horário, dia e local que acontecem as atividades. Nas caminhadas levamos pequenos panfletos para serem entregues para as crianças e os responsáveis. Entreguei mais três panfletos para ele, na condição de que ele entregasse a outras crianças, o que ele concordou, afirmando que entregaria.

Sebastião continuou conversando e falando que conseguia subir na casinha do parquinho e ir descendo pelas barras que tem. Nos levantamos, fomos até o parquinho e ficamos brincando enquanto o estagiário, que me auxiliaria na caminhada, não chegava. Enquanto ele se pendurava, perguntei se poderia bater algumas fotos e ele disse que sim. Tirei várias fotos, mas o celular não me ajudou e não salvou a maioria das fotos. Deixei o celular de lado e entrei na brincadeira também, pendurando-me entre as barras. Ele me olhava admirado, talvez por achar que não conseguiria brincar e me pendurar também.

O tempo chuvoso havia mudado bastante durante o trajeto de ônibus até a comunidade e o sol já se encontrava bem forte. Percebi que ele estava um pouco gripado e eu também, então propus atravessarmos a pequena rua que estava na sombra, a rua fica entre a Meire e sua casa, para olharmos o mar e assim sairíamos do sol. O cheiro de urina nessa rua estava bem forte, mas mesmo assim atravessamos. Ele me desafiou a me pendurar no degrau

²⁶ O nome da criança foi alterado para Sebastião por uma questão de cuidado e de ética.

²⁷ O parquinho foi construído pelo projeto Estar Urbano.

²⁸ Em um outro momento conversando com a Meire, fiquei sabendo que quem quebrou os balanços tinham sido os adultos, muitas vezes sentando e sobrecarregando o peso das cordas, até que elas romperam.

do muro como ele estava fazendo, tentei imitá-lo, mas por meu pé ser maior não consegui ficar muito tempo pendurada, já que o degrau era bem pequeno. Fomos até o mar e ele perguntou se meu celular já estava batendo fotos de novo, disse que tentaria usar a câmera e registrei uma foto dele, logo em seguida mostrei-o.

Voltamos para a árvore, pois fiquei com receio de que Lucas já tivesse chegado. Ele me perguntou onde eu morava e disse que muito longe, ele persistiu e perguntou onde. Perguntei se ele sabia onde ficava a universidade e ele me disse que não. Depois falei do Bairro Benfica, perguntei se ele já tinha ouvido falar, me respondeu que também não. Já na árvore, disse que estava esperando meu amigo e que ele se chamava Lucas, ele disse que conhecia o Lucas e que morava logo ali perto. Eu disse que estava esperando por outro Lucas e ele disse que não era. Quase que no mesmo instante, Lucas apareceu e desceu do carro, apresentei Sebastião à Lucas e convidei Sebastião para caminhar com a gente à procura de outras crianças. Perguntei se ele sabia onde algumas crianças moravam, respondeu-me que sim.

Fomos andando e Sebastião disse que seu tio morava ao lado da casa dele e que lá tinha crianças, notamos pelo cerca de madeira que tinha um homem lavando a louça em um tanque improvisado e nos aproximamos. Nos apresentamos entre as frestas e fui falando que fazíamos atividades com crianças nas quartas pela manhã e se as crianças que moravam lá quisessem participar era só aparecer no horário combinado. Ele disse para que eu deixasse o papel, mas que suas mãos estavam molhadas. Então passei minha mão entre as frestas e deixei o panfleto em cima de um escorredor de macarrão que estava seco, nos despedimos e continuamos.

Sebastião disse que conhecia outras crianças e nos conduziu para a rua Tv. Titã, aquele dia estava estranho, as ruas estavam vazias²⁹. Pensei que o motivo era por conta da paralisação dos policiais militares, escutei rumores de um colega do doutorado que os assaltos dentro das comunidades voltaram a acontecer. Mesmo assim, seguimos Sebastião e começamos a estranhar a rua em que entramos, ao final da rua tinham vários homens reunidos e fiquei nervosa. Ele não seguiu até o final da rua, mas bateu na porta de uma casa onde tinha um adolescente, o jovem apareceu e notamos que ele estava fumando maconha e ficou constrangido com a nossa presença. Tentamos nos manter do modo mais “natural” possível e fizemos o convite ao adolescente para que ele avisasse aos seus irmãos menores sobre as atividades. Logo que saímos da rua chamei Sebastião para continuarmos e ele disse “Eu não posso ir lá para

²⁹ Ruas cheias dizem do cotidiano do Bairro e o impacto da paralisação no esvaziamento do bairro também, nem todas as localidades da cidade ficaram com ruas vazias por conta da greve.

cima!”. Ele estava se referindo que não poderia ir em direção à praia do Titanzinho. No momento, quis perguntar o porquê, mas acho que meu medo e a vontade de me afastar mais daquela rua me impediram de fazer isso, fiquei pensando em questioná-lo na volta.

No início de 2020, mais especificamente durante 13 dias do mês de fevereiro, a paralisação, o motim organizado por policiais militares, proporcionou um contexto que teve como consequência o aumento da violência letal em todo o Ceará. No mesmo ano, o estado ocupou a posição entre os estados com maior aumento de violência letal. Esse aumento crescente de homicídios continuou mesmo durante o período de contenção social, causado pela pandemia a qual o país foi submetido, por conta da contaminação ocorrida pelo vírus Covid-19. Essa realidade produziu um aumento contra a vida de crianças menores de seis anos, provocando um crescimento de 3,7 vezes na média mensal nos homicídios de crianças (CCPHA, 2020).

No bairro, algumas crianças já nascem apreendidas por questões dos territórios, seja pela área do bairro onde mora ou porque algum familiar faz parte de alguma facção rival. As facções determinam fronteiras de acesso, fragmentando o local e restringindo o trânsito dos moradores por determinadas regiões (Jornal O Povo, 6 de outubro de 2007 apud SÁ, 2010). Caminhar na rua durante a infância, jogar bola, ir para a praia surfar ou somente dar um mergulho, ir ver o pôr do sol no antigo Farol do Mucuripe, brincar com outras crianças da vizinhança e percorrer de forma livre toda a comunidade, é o modo como uma criança traça mapas psíquicos no território. Todos esses arranjos de trajetos são organizados espacialmente de acordo com normas territoriais. Transitar possibilita proibições - quando o acesso de determinado local é proibido ou quando o acesso se torna limitado por alguma rua que se encontra interdita -, os percursos produzem mudanças em cada significante espacial nesse trânsito. O encontro com a rua vai proporcionar outros caminhos, seja por acidente ou por escolha própria de percorrer determinado território que lhe interessa mais (CERTEAU, 1990).

O enclausuramento, a corrosão ou qualquer ameaça imposta a essas crianças, podem fazer com que aquele território limitado provoque outras experiências, criações e inventividades experimentadas na infância, tendo como guia o devir (SCHERER, 2009). O devir acontece espontaneamente diante da dimensão da potência afirmativa dos encontros e não somente dos encontros despotencializadores, do que se passa entre, da constituição de outras temporalidades, do devir-criança, do que pode compor outras imagens da infância (KOHAN, 2007).

No poema “Aventura”, de Manoel de Barros (2018), percebemos as potências dos encontros gerados no meio, nesse entre:

“Nas enchentes nem quase que não entravam as águas para dentro do pote. Por forma que o pote era seco e aberto aos ventos. Os bons ventos da tarde que entravam com areia e cisco pelo ventre aberto do pote....As chuvas e os ventos deram à gravidez do pote forças de parir. E o pote pariu rosas” (p. 47).

O entre dos encontros ou o entre “areia e cisco, chuvas e ventos”, produziram energia inventiva dando forças ao pote para parir rosas. As rosas inspiram a pensar no devir e no seu funcionamento, ou seja, no encontro entre duas pessoas, nos meios, nos trajetos, produz-se um acidente, algo não estático, sem temporalidade. Uma intensidade com vontade própria, que entra sem ser convidada, um pote parindo uma rosa, uma transgressão criadora (COSTA *et al*, 2021). O encontro que aconteceu com Sebastião resultou nas primeiras idas dele às atividades do projeto, um pouco antes da pandemia interromper as andanças no território.

Continuamos a caminhada sem Sebastião e decidimos ir às casas das crianças que já participavam das atividades, que ficam na rua³⁰ por detrás do farol. Fomos na casa de Laura e Letícia e sua mãe Rubenise nos recebeu na porta, fizemos o convite das atividades que iriam voltar e ela explicou que a Laura esse ano não participaria, pois estava estudando em tempo integral, mas que Letícia ainda participaria. Perguntei se estava tudo bem e ela respondeu que Letícia estava doente, andou tendo febre e vomitando, mas que melhorou nos últimos dias. Conversamos um pouco mais sobre o tempo e nos despedimos para continuar as caminhadas e os convites. Entregamos os panfletos para as poucas crianças que estavam na rua ou em casas em que as portas se encontravam abertas.

Passamos também na casa dos irmãos Davi e Gabriela, chamei os dois e somente Davi apareceu na janela com uma cara de sono, falei para ele descer - sua casa fica no andar de cima de outra casa -, ele falou que já estava indo e ficamos aguardando. Davi desceu e disse que o projeto retornaria na quarta-feira, ele respondeu que já estava sabendo. Perguntamos como ele já estava sabendo e ele contou que sua irmã havia falado. Perguntamos por sua irmã e ele explicou que ela havia saído. Em seguida, pedimos que ele comparecesse.

Continuamos nossa caminhada, de porta em porta, por onde notávamos a presença de crianças. Vimos duas mulheres na porta de uma casa em que um bebê, com cerca de um ano ou dois, tomava banho em frente a casa e uma outra criança assistia. Fomos até elas e fizemos o convite. Uma das mulheres aparentava estar bêbada. Decidimos ir à casa de Isaac e Ytalo, pois já estávamos bem próximos. Ao chegarmos lá, bati na porta e notei pela veneziana que

³⁰Rua: Amâncio Filomeno.

alguma das crianças estava deitada na rede, ele não se levantou logo para abrir a porta. Esperamos um pouco e então o tio deles veio abrir e falamos que as atividades voltariam naquela quarta, o tio nos recebeu com um sorriso e demonstrou bastante interesse das crianças continuarem participando, talvez porque as crianças já participaram a mais de um ano das atividades.

Fomos, logo em seguida, ao comércio vizinho à casa de Isaac e Ytalo, pois a mãe de um dos participantes é dona desse comércio. Quando ela nos viu foi logo sorrindo. Falamos que as atividades retornariam e que gostaríamos da presença de Ytalo, ela disse que entregaria o panfleto para ele. Decidimos ir na casa de Julian, Lucas foi durante o caminho todo comentando o quanto gostava dele. Gosto bastante do Julian. Ele sempre demonstrou uma maturidade diferente para sua idade e mantém interesse nas atividades propostas pelo projeto. Chegamos em sua porta e chamamos por ele, em seguida ele apareceu com um pirulito na boca. Perguntei onde estava sua mãe e ele explicou que ela havia saído com sua irmã, que nasceu há pouco tempo. Falei que iríamos na casa da Kamila e perguntei se ele gostaria de nos acompanhar, respondeu que sim.

Caminhamos pela praia até a viela que dá acesso à casa de Kamila. Quando estávamos passando pelas casas, uma senhora chamou por Julian e perguntou onde estava a mãe dele. Ele respondeu a senhora dizendo que sua mãe havia saído para comprar um sapato para a bebezinha, esperamos ele terminar a conversa e voltamos a caminhar para a casa de Kamila. Chegando lá sua mãe nos recebeu e avisou que Kamila não estava, mas mesmo assim entregamos o panfleto para ela que comentou que iria avisá-la que estivemos por lá.

Voltamos andando para a rua de onde tínhamos iniciado a caminhada. Decidimos finalizar a andança porque as outras integrantes do projeto fariam de noite a outra parte da caminhada, convidando o restante das crianças. Então, nos despedimos de Julian.

Quando estávamos caminhando de volta pelo trajeto que fizemos, um homem nos chamou e perguntou sobre as atividades. Nos aproximamos, ele se encontrava em frente a uma mercearia na companhia de uma mulher mais jovem e também de uma senhora. Falei que fazíamos brincadeiras tendo como tema direitos humanos. Complementei falando que era psicóloga. A senhora mais velha falou de modo agressivo “Isso é coisa de quem não tem o que fazer. Na minha época, as crianças obedeciam na chibata”.

A fala dessa senhora pode evidenciar traços dessa violência, possivelmente vivida por ela, por meio de experiências de controle e opressão. Historicamente, a infância era e é percebida como uma não racionalidade, compreendendo, dentro dessa lógica, uma fase em que

as crianças não possuem arsenal suficiente de experiências de vida tidas como válidas para opinar ou se posicionar contra práticas sociais adultocêntricas violentas, como os castigos físicos. Esses pensamentos e ações anulam as percepções e os sentidos de crianças, como se não tivessem permissão para existir, experimentar e viver outras possibilidades. Eu e Lucas fomos nos afastando, meio sem jeito, diante da mudança do tom da conversa. Ao chegarmos, de novo, ao local de onde havíamos partido, chamei por Sebastião, que não apareceu. Outro dia perguntarei por que ele não pode ir lá para cima.

Imagem 7: Titan não se vende.



Fonte: Elaboração da pesquisadora (2020).

4.2 “E essa polícia parada, o que eles querem?!”

Cheguei no Serviluz e fui direto a casa do Isaac. Na noite anterior, pelo *instagram*, ele me cobrou uma visita. Me mandou mensagem dizendo que gostaria que repetíssemos o banho de mar que fizemos no dia 02 de março. Expliquei por mensagem que apareceria no dia seguinte e, como combinamos, fui em sua casa chamá-lo. Ao chegar, pergunto por Isaac, e sua Tia fala pela janela que ele está tomando banho. Digo que vou na casa de Julian e que em seguida voltarei. Então fui andando para pegar um café no caminho para seguir em direção à casa de Julian.

Em frente à casa de Julian, bati na porta e chamei por seu nome. Escutei a pergunta “quem é”. Como resposta, falei que era eu, de modo que sua reação foi abrir a parte de cima da porta holandesa³¹, permanecendo parte da porta de baixo fechada enquanto conversamos. A conversa começou quando perguntei o que ele estava fazendo. Ele respondeu que estava “assistindo música”. Em seguida, perguntei se ele não gostaria de fazer alguma coisa pelo bairro. Ele, por sua vez, gostaria de saber o que era essa “alguma coisa”. Questionei se ele não gostava de brincar pelo Serviluz. Julian disse que gostava de “poucas coisas”. Brinco perguntando se ele não abrirá a porta toda para mim e o que ele respondeu dizendo que estava trancado, pois sua mãe havia ido comprar pão, mas que não demoraria para voltar.

Continuamos conversando e comentei que antes havia chamado o Isaac também, mas ele estava no banho. Disse para Julian escolher o que faríamos. Então ele comentou que gostaria de tomar banho também, manifestando de modo ininterrupto uma preocupação com sua irmã que estava dormindo. “Se essa menina acordar estou enrascado, pois vou ter que balançar ela, mas eu já estou acostumado. Minha mãe é que não está acostumada, ela não tem jeito” (SIC). Expliquei que talvez a falta de jeito fosse porque ela tinha tido ele há muito tempo e perdeu um pouco a prática, pois antes ele era filho único. Ele sorriu e disse que iria tomar banho.

Falei que ficaria esperando na frente de sua casa que é na beira do mar da praia do Titanzinho. Enquanto aguardava, tomava o que havia sobrado do café que tinha comprado. Depois de um tempo me levantei e fui ver se Julian já estava saindo do banho e quando fui até a porta, sua mãe estava sentada na frente com a bebezinha nos braços.

³¹ Também conhecida como porta estável, é uma porta dividida em duas partes, sendo a parte de cima possível de abrir para dentro e a parte inferior permanecendo fechada ou trancada. Esse tipo de porta é comum nas cidades do interior do Estado do Ceará.

Começamos a conversar. Ela comentou que a bebê estava a quase uma semana sem obrar e que já havia levado na Unidade de Pronto Atendimento - UPA, mas estava demorando demais o que fez com que ela desistisse e fosse embora. Perguntei se ela e o pai da criança ainda estavam juntos e ela respondeu que não. Continuou falando que o pai não queria assumir a criança, uma menina, mesmo tendo registrado na certidão. Posteriormente, comentou também que o pai de Julian parou de mandar a pensão e que terá que tirá-lo do colégio particular em que estudava, já que estava com três mensalidades atrasadas. Por conta disso ele ficará um semestre sem estudar, o colégio está se negando a entregar a declaração comprovando em que série ele se encontra, explicou. Naquele momento da conversa chegou outra senhora e elas ficaram conversando.

Assim como no cotidiano da vida de Isaac e Ytalo, descritos no capítulo 03, também percebemos a ausência do pai de Julian, e possivelmente de sua irmã que nasceu. As famílias das crianças que participam do projeto, em sua maioria, são compostas por matriarcas. Elas assumem a responsabilidade de filhos(as), sobrinhos(as), irmãs(o)s e netos(as) para si, além disso, também são as lideranças nas articulações sociais que acontecem no território.

A escola, por sua vez, retém os documentos de uma criança, provocando uma interdição do corpo de Julian ao restringir seu acesso à educação, o que nos remete a análise política e econômica que Ana Maria Araújo Freire (1989) fez sobre as ideologias produzidas a partir de 1534 a 1930 e a respeito do analfabetismo no Brasil. A interdição do corpo, para a autora, é produzida por aspectos nacionais que historicamente excluem a maior parte da população, formando uma sociedade não igualitária em que os excluídos, marginalizados e analfabetos recebem somente aquilo que é referente a sua condição. Ideologias ainda advindas da época colonial deram início durante o processo educacional transmitido pelos jesuítas.

Diferentes preocupações em torno do processo educacional provocaram interdições do corpo, como o medo da devassidão, com o intuito de inibir a sexualidade, a não-cidadania da pessoa escravizada, por meio do analfabetismo, privando-as do direito/acesso à escola e até mesmo a possibilidade de uma escolarização tardia, na idade adulta. Todas essas questões provocaram a interdição e exclusão dos negros, índios (povos tradicionais) e, na maioria das vezes, de mulheres. Essas preocupações foram construídas a partir de ideologias de um estado autoritário, discriminatório e elitista (FREIRE, 1985).

Quando uma escola retém os documentos de um aluno por motivo de inadimplência, como diplomas e históricos, a mesma estará provocando a interdição desse corpo, dessa criança e sua existência. Sua educação interrompida, atrasando o processo de

alfabetização e dificultando seu ingresso em outra instituição de ensino, pode provocar danos irreparáveis na vida dessa criança, além de ser uma conduta ilegal por parte da escola.

Voltando para as andanças aproveitei a deixa da mãe de Julian conversando com a senhora e fui jogar meu copo no lixo, quando estava perto da entrada para a praia de novo, avistei Isaac vindo em minha direção. Perguntei onde estava seu irmão. Na mesma hora ele se virou e voltou para casa sem falar nada. Fiquei imaginando que ele havia voltado para casa com o intuito de chamá-lo.

Quando voltei para a casa de Julian ele já estava pronto, então digo para esperarmos por Isaac e Ytalo, que logo em seguida apareceram. Desse modo, seguimos para chamar Kamila (carinhosamente chamada de Nana). Escolhemos o trajeto pela praia e no caminho encontramos Matias³², que passeava com sua cachorra. Lhe convidei, explicando que estávamos indo fazer algo junto e se ele quisesse poderia participar também. Ele sorriu e continuou passeando com a cachorra.

Prosseguimos e logo em seguida já estávamos na porta da casa de Kamila. No degrau da porta, bem na entrada, encontramos sua irmã sentada, perguntei por Kamila, o que fez com que ela chamasse sua mãe dizendo que tinha uma moça querendo falar com Nana. A mãe delas apareceu e me cumprimentou sorrindo, perguntei se Nana poderia brincar com a gente e ela me respondeu que sim e iria acordá-la. Quase que imediatamente, Kamila apareceu na porta usando somente shorts. Chamei ela para fazer algo comigo e as outras crianças, digo que Julian escolherá o que faremos, então ela vai entrando de novo para casa falando que vai colocar uma blusa.

Nesse meio tempo, perguntei de novo para Julian o que ele gostaria de fazer e ele ficou respondendo que não sabia. Isaac então propôs brincarmos de pega-pega. Kamila logo em seguida apareceu e falou para brincarmos de carimba³³. Perguntei a Julian se não tinha um lugar específico que gostasse de ir. Ele me respondeu com um tom de voz bem baixo que gostava de ir ao farol. A discussão foi mudando e as crianças deram a ideia para brincarmos de carimba no farol. Outra questão surgiu, pois não tinha levado uma bola para brincarmos. Então Kamila lembrou que tinha uma bola e que a pegaria. Com um lugar em vista fomos todos caminhando em direção ao antigo farol.

³² Uma criança que passou a participar do projeto naquele semestre.

³³ A brincadeira consiste em dividir dois grupos, onde o objetivo é tentar acertar a pessoa do outro time com a bola e assim “carimba-lo”, então ele sai do jogo e assim os times tentam fazer sucessivamente até que sobre somente um jogador.

No caminho até o farol, Julian me perguntou porque eu estava sozinha, quis saber onde estavam as outras tias, que não estavam me acompanhando nesse encontro. Comecei a explicar que estava fazendo uma pesquisa para o meu mestrado e perguntei se eles saberiam explicar ou entendiam o que era uma pesquisa. Kamila respondeu que sim, que era só colocar no *google* para descobrir. Já Julian falou que sabia o que era e finalizou e perguntou o que eu estava pesquisando. Expliquei que estava pesquisando sobre o dia a dia deles e que gostaria de saber se eles topavam participar. Os dois concordam, tive essa conversa com Isaac e Ytalo em um momento anterior e por isso eles não se manifestaram se concordavam ou não em participar. Julian questionou porque eu queria fazer uma pesquisa com eles. E fui explicando que eles são muito importantes para mim e que os achava brilhantes e maravilhosos. Julian então ficou em silêncio, achei que minha resposta tinha sido suficiente por hora.

No trajeto para o farol uma mulher me chamou e me aproximei, ela perguntou que tipo de atividades fazemos. Acredito que ela tenha me chamado porque meu rosto se tornou um tanto familiar para alguns moradores por conta das andanças/movimentações que fazemos pelo Serviluz. Quando o Projeto de Vida Titanzinho está próximo de retornar às atividades, nós vamos de casa em casa convidando as crianças e explicando que fazemos brincadeiras relacionadas a direitos humanos. Também realizamos passeios externos, mas expliquei que era necessário que a criança esteja frequentando as atividades semanais, para assim poder ir aos passeios. Então ela perguntou se era preciso apresentar algum documento ou algo do tipo, pois tinha interesse em levar sua filha. Respondi explicando que era necessário a filha dela somente ir nas atividades e informei o horário que começa, dia da semana e o local onde ocorrem as atividades, ela agradece e continuamos seguindo nosso caminho.

Quando estávamos chegando perto do Farol, avistamos vários jovens descendo de alguns carros e indo também em direção às escadas do Farol. Começamos a ir subindo e uma moça puxou assunto e se identificou como sendo aluna de uma faculdade e que eles estavam no Farol para simular um projeto para uma disciplina prática da faculdade de arquitetura. Tendo como objetivo revitalizar o lugar. Fiquei com pensamentos críticos, pois muitas vezes esses estudantes e outros profissionais desenvolvem projetos priorizando o que é importante de acordo com sua perspectiva e ideal de adequado, se manter um diálogo com a comunidade e seus interesses. O significado de revitalizar é trazer nova vida, penetrar um ambiente novo e moderno, podendo afetar a vida daqueles que moram naquele território. De algum modo é negada a vida que existe naquele espaço, como se aquela vida não fosse vida. Como se os cuidados e valorização afetiva que os moradores, coletivos e crianças mantêm e usufruem do

farol de diferentes modos, com saraus, sessões de cinemas promovidas pelo cineclube Ser Ver Luz, ou até mesmo, a noite das estrelas e as duas rodas de tambor de crioulas promovidas pelo projeto em parceria com outros movimentos do território, não fossem o suficiente ou adequado. Talvez seja exagero meu, mas percebi um discurso com sentimento de pena pelo bairro. “Pobres coitados, eles são pobres, merecem a nossa pena e benevolência para salvarmos essas pessoas da pobreza”.

No que fomos subindo, notei que as crianças não estavam mais tão interessadas em brincar ali, a presença daquelas pessoas estranhas inibiu seus desejos. Todas as crianças começaram a subir a escada caracol que está tombada dentro do farol e fiquei lá embaixo observando. Fiz algumas fotos (imagem 6), um dos jovens que estavam com o grupo da faculdade quis subir também, mas alertei para que ele esperasse as crianças descerem antes com segurança. Logo chamei as crianças para descerem para a gente ir brincar, elas foram descendo de uma a uma e quando todos estavam lá embaixo fomos para o lado de trás do farol para ficarmos mais isolados mesmo assim a presença daquelas pessoas atrapalhava nossos planos. Por trás do Farol é possível ver o horizonte oceânico e praticamente tendo o alcance de todo o Serviluz.

Imagem 8: Escada para o mirante do farol do Mucuripe



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Kamila avistou lá de cima seu pai que estava trabalhando em um terreno ao lado dos ventiladores de energia eólica, que ficam para a esquerda de onde estávamos, na praia do

portão. Ela começou a acenar para ele que acenou de volta. O que fez com que saísse correndo e falando que ia. As outras crianças se contagiaram com essa ideia e todos fomos juntos em direção ao trabalho do pai dela. Julian na descida da escada comentou: “E essa polícia parada, o que eles querem?!”. Um carro da polícia estava parado na parte de baixo do farol. Julian é uma criança negra retinta. Percebemos que eles estavam conversando com dois senhores e passamos do lado sem problema.

Essa cena cotidiana não faz parte do acaso ou de mero efeito colateral do capitalismo, mas sim de um projeto de produção de corpos matáveis. As estruturas repressivas são perpetuadas pela contínua relação de poder por estruturas e relações vigentes que tem como efeito o aparelhamento inconsciente ideológico do Estado (GUATTARI, 1985).

Na perspectiva de Mbembe (2017), evoca-se essa relação de poder que muitas vezes a presença policial exerce e que passa a fazer um recorte do outro como inimigo, estabelecendo uma política de morte sobre essas pessoas, a necropolítica. A necropolítica é uma tecnologia de poder que incide na gestão e regulação de mortes, uma política de aniquilação do outro. Assim, a política de raça do biopoder, ou seja, o racismo, se mescla com a política de morte. Seriam crianças pobres exemplos de corpos supérfluos que a necropolítica em um contexto neoliberal produz de forma cada vez mais massiva?

Essa tecnologia emergiu do regime colonial e a raça se tornou um marcador crucial para a prática do sistema escravagista. Nas colônias, a condição de escravo resultou em uma tripla perda: de um lar, dos direitos do corpo e de um estatuto político. O escravo era percebido como uma ferramenta de trabalho, uma propriedade, um selvagem e, por isso, as garantias dos direitos legais foram suspensas, vivendo em um Estado de Exceção. Essa representação enquadrava os escravos em uma categoria diferente, sendo eles considerados como selvagens sem caráter humano. O bairro do negro, a casa do pobre, a favela, se tornam um espaço estigmatizado pela má fama, onde os moradores desses já nascem maus (MBEMBE, 2017). As perspectivas das crianças sobre seus corpos e o território são produzidas também dentro e a partir dessas lógicas micropolíticas (SOUZA, 2017).

Os agenciamentos sociais ao entorno do corpo negro informam o lugar social em relação ao outro, que muitas vezes são construídos no estigma, no racismo e na discriminação. A identidade da criança passa a ser construída também a partir do trânsito de seu corpo e do que os espaços e territórios dizem sobre esse corpo. Como um campo de significação, o corpo adeja as sensações de um ambiente, como as pressões e as condutas de julgamento. No caso de uma criança negra, uma pessoa, um corpo negro, as percepções são implicadas pela

inferiorização e pela rejeição. Essas percepções, ou esse conjunto de representações sociais negativas direcionadas a um corpo negro, escoa do processo histórico escravagista do passado brasileiro, que sustentam e disseminam ideias de que o sujeito negro não possui alma, sendo visto como imoral, promiscuo, sujo e possuidor de características animais (SOUZA, 2017).

Imagem 9: Crianças brincando



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Continuamos e já atravessando o asfalto, as crianças começaram a reclamar que estava muito quente e quando nos aproximamos do pai de Kamila falou logo que estava com sede. O pai dela nos convida para entrarmos e bebermos água no bebedouro que tem no terreno. O lugar onde ele trabalha é uma espécie de terreno que serve como suporte para a empresa

responsável pela energia eólica. As crianças e eu fomos até o bebedouro e sentamos um pouco na sombra.

Isaac foi falando que tínhamos que ir à praia e que o combinado era tomar banho depois da brincadeira. Concordei e comentei que poderíamos ir porque levei o meu maiô, as crianças perguntaram onde estava o meu maiô e respondi que estava guardado na bolsa. As crianças ficaram curiosas e pediram para olhar o meu maiô, então tirei da bolsa e eles passaram de mão em mão até por fim chegar em Julian. Ele ficou brincando com o maiô e Isaac comentou que não era o mesmo que usei quando tomei banho de mar com ele e Ytalo. Confirmei que era um maiô diferente. Bebemos mais água e ficamos um tempo aproveitando a sombra para, em seguida, continuarmos com a nossa sede de mar. Na saída do trabalho do pai de Carol, fomos passando de novo pela parte debaixo do farol e mais uma vez Julian fez comentários sobre a presença da polícia. Ficou questionando em tom de resmungo se eles, os policiais, não tinham o que fazer para estarem ali observando eles. Não sei o que eles estavam fazendo ali, mas logo em seguida a viatura começou a se movimentar para ir embora.

Essas crianças e suas andanças, mesmo diante do medo e risco iminente de serem abordados pela polícia, situação essa que constrange e muitas vezes lhe tiram a vida, habitam as ruas no território, onde suas presenças são um modo de resistir cotidiano (PEREIRA, 2014). Andanças agenciadas por um grupo de crianças, que se transformam em linhas de fuga diante das dinâmicas de violência do território e de perpetuação da colonialidade descritos acima (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Por mais que o lugar seja o mesmo, o modo como a territorialidade de um grupo social habita o espaço não se mantém para sempre a mesma. Além dos fatores causados por mudanças históricas sobre uso de recursos e ocupação do território, as tecnologias de poder também modificam essas dinâmicas (PEREIRA, 2014). Em algumas situações, resistir é de modo cotidiano, seja por meio de uma reclamação, por sentir raiva com a presença da polícia ou até mesmo desviando-se por um outro caminho por notar a presença desses agentes do Estado (polícia). Desse modo, as crianças também criam “táticas de enfrentamento direto ou desobediência explícita, e mais a pequenas fugas, desvios, deserções, ironias, recusas parciais, conformação simulada etc” (SCOTT, 2002 *apud* PEREIRA, 2014, p. 27).

As crianças queriam tomar banho de mar e eu ainda precisava me trocar. Julian falou que todos precisavam pedir autorização. Isaac respondeu que a tia dele deixava porque ele estava sobre a minha companhia. Na volta, descemos pela ruela que tem ao lado da casa da Meire que flui até a praia. Seguimos todo o caminho de volta para a praia do Titanzinho, andando pela praia das Pedrinhas. Eles disseram que precisávamos tomar banho no mar do

Titanzinho porque a maré estava cheia³⁴. Ainda na orla avistamos a mãe de Ytalo, que passava naquele momento, na mesma hora ele gritou por sua mãe perguntando se poderia tomar banho de mar, por vez, sua mãe respondeu que sim. Vejo também a mulher que me perguntou sobre as atividades com sua filha, a menina estava em frente ao mar aparentemente brincava e conversava sozinha nessa brincadeira. As crianças começaram a rir e comentaram que a menina estava falando sozinha. Comentei que talvez porque ela estava brincando sozinha, quando a menina percebeu nossa presença se aproximando correu para sua mãe que estava em cima de uma espécie de varanda descamando alguns peixes. Sua mãe sorriu olhando para mim e retribuí o sorriso.

Caminhamos para a praia do Titan e, como Julian mora em frente, ele e Kamila foram pedir permissão para a mãe dele. Isaac e Ytalo vão para casa, pois Ytalo precisava trocar a bermuda, aquela não era de banhar. Fui acompanhando Isaac pela rua e pedi para me trocar na lanchonete ao lado, que fica vizinha à casa deles. A dona de lá é a mãe de uma criança que participava do projeto, ela sempre é muito simpática comigo e falou que eu poderia me trocar no banheiro da lanchonete. Me troquei bem rápido e logo em seguida fomos para a praia.

Como de costume, as crianças tomaram banho de mar de roupa e eu de maiô. Ficamos na beira do mar e sempre próximos uns dos outros. Em determinado momento estávamos todos juntos. Duas crianças se penduraram em mim e as outras duas seguraram as minhas mãos. Nos tornamos momentaneamente como um mergulhando nas ondas. Sentir a presença das crianças trouxe um sentimento de felicidade e amor enorme.

A alegria que o mar traz, sempre é contagiosa, como a união no território. Em determinado momento saí do mar e Isaac me acompanhou. Seu Nego, dono da Barraca do Nego, que fica em frente a praia, estava com a porta aberta. Ele estava deixando parte da mercadoria que comprou no estoque do fim de semana. Isaac foi até a barraca e saiu com um coco na mão. Kamila, sem que tivesse percebido, acompanhou Isaac e saiu de lá com outro coco na mão. Em seguida, eles voltaram para dentro do estabelecimento e os segui. Quando entrei, me deparei com Isaac e Kamila tentando abrir o coco e vi eles tentando abrir o coco com um abridor. Nego que estava dentro da barraca comentou que não ajudava porque estava com as mãos sujas de peixe. Pedi para as crianças terem calma que abriria o coco. Confesso que fiquei com medo das crianças se machucarem com a ponta afiada do abridor. Com os cocos já abertos, pedi que as

³⁴ Quando a maré está cheia o mar da praia das Pedrinhas cobre os corais e pedras, sendo maior a probabilidade de se machucar ao pisar em moreias.

quatro crianças se dividissem entre si, já que estávamos em grupo. Sentamos na areia e permanecemos um tempo assim, dividindo o coco.

Começava a preparar psicologicamente as crianças para a minha partida. A hora do almoço se aproximava e em breve teria que ir embora. Sempre é difícil ir embora. As crianças insistem para eu ficar mais e acabam me enrolando, colocando dificuldades para irem para suas casas. Tentei ser firme falando que vamos dar mais um mergulho e, depois, tomamos um banho de água doce em alguma escolinha de *surf* para que ninguém voltasse salgado para casa. Foram necessárias três a quatro tentativas para que todas as crianças saíssem do mar. Quando estava saindo, Julian se agarrou em um dos meus tornozelos e continuei andando arrastando-o, até quase a beira do mar. Fui saindo e ameaçando que iria deixá-los no mar. Lógico que não iria deixá-los, eles estavam na minha responsabilidade, mas às vezes preciso me manter firme e dizer que vou embora, pois isso funciona para as crianças obedecerem. Depois de uma insistência da minha parte, as crianças foram saindo do mar e fomos subindo em direção das escolinhas de *surf*. Tomamos um banho de água doce e solicitei que as crianças ficassem comigo na parada de ônibus, mas elas disseram que não e se dividiram cada uma tomando o caminho de casa.

A invenção constante de novas regras, não escritas, atribui às regras fixas uma desterritorialização que pode funcionar como bóia de salvação, inclusive quando não há “perigo aparente”: mar liso, água transparente, sem nenhum vento...Na água, não é apenas o bom surfista que brinca, cativa as ondas e a fúria do mar, em uma escuta que supõe prudência, interação, mas a incerteza das regras. O mar é o lugar, por excelência, da escrita móvel: sua única verdade é a efemeridade da verdade (LINS, 2008, p. 60 e 61)

Por fim, o contexto e a realidade constituem infâncias e diz também sobre que Serviluz as crianças têm desenhado no território, para além das dinâmicas de violência do lugar e da produção de infância pobre. Temos como exemplo a aliança feita entre os moradores da comunidade, fazendo com que as associações daquele território se ampliassem depois dos anos 90 produzindo uma melhoria social ao lugar (AGUIAR, 2017). No território, foram produzidos certos dispositivos de resistência dessas vidas, contrárias às relações sociais e econômicas que precarizam a vida dessas crianças por meio do descaso do Estado em determinado espaço urbano. Para Butler (2018), os corpos que refutam essa realidade e se unem, formam alianças, com o objetivo de transformar e lutar contra as violações sofridas, produzindo atividades com o intuito de potencializar a vida dessas crianças. Temos como exemplo de trabalho desenvolvido a Associação de Moradores do Titanzinho, que sedia o espaço para as atividades do Projeto de Vida Titanzinho e outras também, como: o Surf das Manas, o Cine Ser Ver Luz.

Produzindo, assim, modos de participação nesse contexto que tecem uma outra percepção da criança em relação ao seu cotidiano e o território da periferia.

4.3 Do Serviluz à Nova Canudos: o encontro com crianças entre os territórios

Nas andanças pelas memórias, o percurso para encontro do dia 05 de outubro de 2019 foi o mais distante, aproximadamente 23 quilômetros percorridos até o nosso destino: o território do Bom Jardim. No período de outubro, o Festival Internacional de Teatro do Ceará (TIC) promoveu várias ações e espetáculos por todo o estado e também em Fortaleza. Dentre esses espetáculos, houve o encontro com o “Maquinarias: infâncias em invenção”, projeto de extensão que mantém uma pesquisa-inter(in)venção no bairro Bom Jardim, mais especificamente na comunidade conhecida como Nova Canudos.

As crianças do Projeto de Vida Titanzinho sempre participaram de passeios externos ao Serviluz. Já aconteceram idas ao cinema, às exposições de arte na Unifor, à Caixa Cultural Fortaleza, às Dunas da Sabiaguaba, entre muitas outras idas e vindas. No confabular desses passeios, o encontro com as crianças de Nova Canudos foi singular. Os planos para que esse encontro acontecesse já existiam com o Maquinarias, mas a ocasião ainda não tinha se concretizado por várias razões, dentre elas, como seria a locomoção, para que território iríamos, se seria um banho de mar na praia do Titanzinho ou um encontro em um lugar imparcial, se todas as crianças poderiam participar, se se sentiam seguras para irem a outro território.

O Maquinarias: Infâncias em Invenção mantém parceria com o Centro de Defesa da Vida Herbert de Souza (CDVHS), que é uma Organização Não-Governamental (ONG) que atua com base nos direitos humanos. O projeto de extensão tem como objetivo criar dispositivos que tensionam os territórios das infâncias em conjunturas periféricas, tendo como panorama ético o fazer COM crianças, a partir dos locais em que elas experimentam sua infância. O projeto é composto por 15 meninas e meninos, entre 5 e 12 anos, residentes no território e que moram nas proximidades do Centro de Cidadania e Valorização Humana (CCVH), espaço do CDVHS onde as atividades acontecem (COSTA *et al*, 2021).

Sendo assim, o agenciamento, que permitiu esse encontro entre Projeto de Vida Titanzinho e Maquinarias: Infâncias em Invenção, emergiu da parceria com o Instituto TrêsMares. Porém, a cumplicidade no desenvolvimento de ferramentas, a produção de conhecimentos que tensionam os territórios das infâncias e também as reflexões teóricas confabuladas nesse entre dos territórios, por conta da colaboração dessa pesquisas de

dissertação no projeto de extensão e do Maquinarias na pesquisa-inter(in)venção cartografada no território do Serviluz, foi primordial para a realização desse momento entre crianças de diferentes espaços-geográficos de Fortaleza.

Diante desse encontro, a questão de ir em outro território invoca os temores de possíveis retaliações por parte das facções que comandam o território. Como há familiares das crianças que trabalham para essas organizações criminosas, algumas crianças são proibidas de irem para determinada localidade da cidade ou até mesmo do próprio território onde moram. Tem também as famílias que não colaboram com as facções, mas temem que seus descendentes transitem por territórios distantes por terem conhecimento sobre as dinâmicas de violências que acontecem entre as facções e moradores de territórios rivais.

Nova Canudos é um território que têm marcadores em comum com o Serviluz, ambos são considerados ZEIS prioritárias, apresentando um alto índice de homicídios na adolescência e possuindo articulações entre as ONGS, projetos, organizações da sociedade civil e lideranças locais para diminuir os efeitos violentos que essas disputas por territórios produzem (COSTA *et al*, 2021).

Esses territórios não são constituídos somente por marcadores que despotencializam. As crianças e suas inventividades ocupam as ruas em um trânsito cotidiano entre a escola, como em uma ida ao mercadinho a pedido da mãe ou em uma brincadeira em frente de casa com os amigos-vizinhos, nas inter(in)venções participando em projetos, produzindo movimentos micropolíticos que potencializam, criam políticas de amizade dentro de um contexto de fortalecimento das políticas de inimizade. Mais interessante seria que a criança experimentasse toda a potencialidade da infância, de existir, das novas descobertas a respeito do mundo, da natureza, dos outros animais, das relações sociais, sobre si e sobre sua comunidade e cultura, sem que passasse por processos de violência e opressão. As resistências que se forjam nesses territórios tornam-se também um movimento comum entre eles, não é à toa que a comunidade no Bom Jardim é reconhecida como Nova Canudos, o nome foi dado em referência à resistência provocada na guerra de Canudos (COSTA *et al*, 2021).

Infelizmente, a realidade é contrária. Um passeio por territórios novos, ou até mesmo um convite para experimentar a cidade, desperta inquietações, medo e também é aludido pela dificuldade de transporte. Realizar esses passeios externos sempre coloca em evidência a dificuldade do transporte. A maioria desses eventos, como já foi apresentado anteriormente na cena sobre a XIII Bienal do livro, não disponibiliza transporte às organizações de sociedades civis ou ONGs, colaborando com a acessibilidades de determinadas crianças ao evento. No

evento TIC foi diferente, a ajuda para realizarmos esse trajeto de maneira mais confortável e segura veio por meio de um contato com a Casa Civil. Eles disponibilizaram dois ônibus para os diferentes trajetos, o da Nova Canudos e o do Serviluz até o Centro Cultural do Bom Jardim (CCBJ).

O ponto de encontro marcado para sairmos, dessa vez, foi no Farol do Mucuripe. O motorista explicou que o ônibus era muito grande e teria dificuldades de trafegar nas ruas estreitas do Serviluz, então, sugeriu que esperássemos sua chegada em frente ao Porto de Passageiros, que por sua vez é em frente ao Farol. Essas andanças por territórios estrangeiros exigem uma maior burocracia, responsabilidade e ética com as crianças e seus responsáveis. Para a criança participar, o projeto fornece uma autorização para o responsável legal da criança assinar, solicitando também a xerox da identidade do responsável que autorizou e a da criança. No ato da saída recolhemos todas as autorizações.

Na via de mão dupla, na entrada do Serviluz, as crianças aguardavam reunidas em uma sombra o imponente ônibus que vinha ao horizonte. As crianças começaram a ferver de euforia. Aquele ônibus enorme só para nós possivelmente era o motivo de tamanha exaltação. O ônibus era realmente grande, até achamos exagero quando o motorista pediu para que ficássemos esperando na avenida Vicente de Castro. Quando o ônibus estacionou as crianças foram logo se aproximando, quando sua porta abriu os comentários atravessados sobre a refrigeração, sobre como o ônibus parecia com uma nave e sobre o banheiro, lá atrás, eram escutados.

As crianças foram entrando e os voluntários também. Com o longo trajeto e o possível trânsito no caminho até o CCBJ, o ônibus chegou uma hora mais cedo que o início do espetáculo. Todas as crianças se acomodaram e escolheram com quem se sentariam ao seu lado, as crianças que são irmãos têm o hábito de sentarem juntos. O estado de euforia das crianças exige maior organização do projeto e também cuidados necessários na travessia, assim, a quantidade de voluntários encaminhados para a ação é pertinente.

Como todas as crianças estavam organizadas no ônibus, ficamos aguardando uma quarta voluntária chegar. Ao todo éramos três voluntários. A voluntária estava no terminal do Papicu aguardando a linha de ônibus que tinha o Serviluz como rota, mas infelizmente o ônibus estava demorando muito e tivemos que partir. Algumas crianças participaram do projeto e de uma ação externa pela primeira vez, tornando o passeio mais intenso nos cuidados e no entretenimento durante o trajeto. Uma voluntária começou a cantar uma música na qual as

crianças precisavam bater palmas e responder alguns comandos. Por um tempo isso manteve as crianças distraídas e comportadas.

Porém, as crianças se agitaram e pequenos conflitos emergiram, por diferentes motivos, porque uma criança não queria dar um bombom que tinha ou porque o outro não parava de chutar a cadeira da frente e incomodava a criança que estava sentada. Queriam se levantar a todo instante e usar o banheiro, quando a primeira criança pediu as outras também quiseram. O banheiro do ônibus foi um atrativo, a ideia de entrar em um banheiro em movimento, o balanço do ônibus lembra o movimento de um barco, ou nos lembra os surfistas de trem³⁵, e a sensação fluida de trafegar pelas ruas da cidade, como um surfe terrestre, provoca um frio na barriga de animação e inventividades. Algumas crianças foram ao banheiro por ordem, outras ficaram se divertindo e brincando sentadas no ônibus.

O trajeto foi bastante longo e as crianças falaram que nunca tinham ido para o bairro Bom Jardim e conseqüentemente para o CCBJ. Quando finalmente o ônibus parou e as crianças desceram, identificamos logo a turma do Maquinarias. Além desses dois grupos de crianças, outras crianças de algumas escolas e projetos que existem nos entornos do bairro faziam presença para assistir ao espetáculo.

Avistamos a professora Érica Atem e algumas crianças que já havia conhecido em um outro momento em que me fiz presente em uma atividade do projeto de extensão em Nova Canudos. Como os organizadores já estavam colocando os grupos em ordem de fila para quando as portas do espetáculo abrissem, nos mantivemos na fila encostados no muro. Ali nos muros da entrada do CCBJ vários grafites pintados e as crianças empolgadas queriam fotos, um grafite bem grande com asas foi o mais disputado entre os registros que as crianças fotografaram. Outro atrativo foi uma geladeira inativada para conservar alimentos, mas ativada para alimentar a cultura e a imaginação. Em seu interior havia livros a disposição para quem quisesse pegar um livro ou deixar um livro para um próximo leitor.

³⁵ Surfistas de trem são aquelas pessoas que praticam uma espécie de surf no teto dos vagões de um trem, quando o mesmo se encontra em movimento. A prática é de alto risco e provoca uma explosão de adrenalina. O Serviluz possui uma linha de trem que atravessa parte da Av. Vicente de Castro e também da Av. José Sabóia, o surfe de trem é uma prática disseminada entre os moradores e locais.

Imagem 10: Juanjo



Fonte: Instagram @institutosmares (2019).

A peça a que assistimos se chamava "Paraíso", uma criação e produção cearense do grupo de teatro "Máquina". O festival tinha como tema a preservação ambiental e os prejuízos irreversíveis que a destruição dos meios naturais/ambientais podem causar no futuro. Quando os portões abriram e começamos a entrar, tentamos ficar próximos das crianças de Nova Canudos. O espaço onde o espetáculo iria acontecer apresentava improvisos. O espaço não era propriamente um teatro e foi necessário o CCBJ reorganizar, colocando cadeiras para que as crianças e os acompanhantes pudessem se acomodar.

Quando as luzes se apagaram, um clima de ansiedade e curiosidade surgiu e um silêncio generalizado pode ser percebido. O enredo da peça se passa em uma realidade futura, em que alguns cientistas do futuro tentam catalogar todo o lixo e as novas espécies de lixo que ganharam vida e parece que produzem mais lixo. O lixo que ganha vida é um urso de pelúcia que captura esses cientistas e faz com que eles imaginem uma praia do futuro, fazendo alusão à praia do futuro que é a continuidade da praia do vizinho e da boca do golfinho no território do Serviluz.

A alusão a novas possibilidades de futuro em um território como a praia do futuro, localidade tão próxima da realidade e cotidiano das crianças, despertou mais empolgação e interesse por parte delas. Quando o espetáculo acabou, as crianças dos dois territórios fizeram questão de tirar fotos com os atores e atrizes que fizeram essa peça possível. As crianças do Serviluz também falaram das experiências que tiveram durante algumas atividades do Projeto de Vida Titanzinho, a respeito das atividades que tinham como temática educação ambiental. Passeios pelas dunas da Sabiaguaba para discussões e reflexões sobre meio ambiente e sua composição com tudo.

Depois desse momento, o Maquinarias saíram para uma cozinha improvisada e prepararam um lanche para as crianças, com pipoca, bolo e sucos. O lanche foi organizado de modo coletivo com o projeto de extensão, então eles levaram comida suficiente pensando nos dois grupos de crianças. Porém, ao organizarmos o lanche percebemos que os outros projetos não tinham se antecipado para oferecer o lanche para as crianças, então ficou complicado e as crianças que conseguiram lanchar, foram aquelas que se mantiveram próxima, como o Franklin, criança de Nova Canudos/Maquinarias que ajudou na distribuição dos lanches.

Durante a organização e a distribuição do lanche, no pátio do CCBJ, em uma área coberta, mas semi-aberta, uma banda tocava músicas típicas do Nordeste, como um bom forró e as cantigas do velho São João podiam ser escutadas. Algumas crianças mais novas permaneceram comigo depois do lanche. Ficamos dançando e rodopiando na animação do espaço. As crianças mais velhas simplesmente sumiram entre as outras crianças que corriam e brincavam no parquinho próximo ao palco e os outros voluntários, em passos rápidos, andavam como vultos, para lá e para cá, tentando acompanhar a velocidade que aquele tipo de liberdade e segurança do CCBJ lhes proporcionaram. Apesar dos temores, as crianças interagiram e se sentiram à vontade entre as outras crianças, como se elas fossem amigas/vizinhas do território delas.

Quando o som acabou, ainda demoramos um tempo para reunir todas as crianças de volta. O motorista de ônibus já nos aguardava para o embarque no mesmo lugar em que desembarcamos. A fragmentação desses territórios, seja por dificuldades nos trânsitos, das modalidades disponíveis, ou por conta também das dinâmicas de violências impossibilita o acesso a outras periferias - policial por uma ideologia de combate a guerra às drogas ou por facções que disputam por esses espaços. E quando essa movimentação foi possível, políticas de amizades foram criadas, um encontro em que as crianças se misturaram, cartografaram outros

territórios, antes percebidos como perigosos ou como território inimigo, por meio do afeto, da brincadeira.

As crianças do Serviluz se despediram das de Nova Canudos com o convite para elas irem tomar banho de mar nas águas do Titanzinho em uma outra oportunidade animou as crianças de Nova Canudos, pois, mesmo eles morando em uma cidade praiana, a distância até a praia se torna mais longa do que somente os quilômetros a percorrer para esse mergulho.

Já no caminho de volta, as crianças ficaram quietas. A correria depois da peça provavelmente desacelerou a animação e a euforia da ida. No meio do caminho, duas crianças ganharam energia de novo e começaram a trocar de lugar, indo para o fundo do ônibus, e às vezes voltando. Nessa brincadeira, uma delas ficou brincando com a porta do banheiro e trancou outra criança dentro do banheiro, de modo que não conseguimos mais abrir a porta com nenhuma tentativa. O motorista demonstrou sua indignação. O mesmo teve que parar o ônibus no acostamento para desemperrar a porta do banheiro. Com a porta desemperrada e depois do motorista ter chamado a atenção das crianças, o restante do percurso de volta foi tranquilo, já estava de noite e, quando as crianças desceram daquele enorme ônibus, quase uma nave, desapareceram entre a rua, correndo no sentido de suas casas.

5 TECENDO UMA REDE DE PESCA VIRTUAL: INFÂNCIAS DO SERVILUZ EM TEMPOS DE PANDEMIA

No capítulo em questão, continuaremos fazendo as análises, por meio das descrições do cotidiano e do dispositivo em grupo. Devido a pandemia, que se instaurou por conta do vírus Covid-19, as atividades em grupo foram realizadas por meio virtual. Foram realizadas três atividades diferentes (fazendo conexão; videochamada com as crianças; jogando Gartic.io. de modo online), que compõem a cena-analisadora do subtópico “Mande notícias do mundo de lá”³⁶: construindo uma ponte com as crianças por meio de oficinas virtuais. Antes de chegarmos às atividades em grupo por meio virtual, a descrição de uma ida ao território durante a primeira onda da crise sanitária será desenvolvida.

No dia 16 de abril de 2020, fui para o Serviluz com o intuito de montar *kits* com produtos de higiene. O mundo estava vivendo uma paralisia social causada pelo COVID-19, uma pandemia por conta de uma doença infecciosa. O que fez com que as atividades de pesquisa no território fossem suspensas, o Governo do Estado decretou o isolamento social, entre outras medidas sanitárias para diminuir a contaminação do vírus entre a população. Este acontecimento impacta diretamente o cotidiano e a vida das pessoas, inclusive das crianças. A minha ida ao território foi motivada para ajudar a Associação de Moradores do Titanzinho (AMT) na distribuição das doações que foram recebidas, neste período de maior recessão diante da realidade econômica e social em lugares vulnerabilizados.

Nesse dia fiquei dentro da AMT, o espaço se encontrava em processo de reforma que começou em 2018 quando foi arrecadado dinheiro por meio do Catarse³⁷, também da promoção de festas, como na Praia do Titanzinho ou no Farol, tendo alguns artistas cearenses e movimentos sociais como parceiros. Fiquei cerca de 3 horas com mais outros cinco voluntários da AMT montando as cestas com produtos de higiene pessoal e desinfetantes, entre outros materiais de limpeza. Durante esse período, duas mulheres e uma criança apareceram na porta da Associação, querendo uma cesta que não tinha sido entregue por alguma razão de desencontro. As crianças, principalmente as meninas, são presença no cotidiano dos afazeres de casa, acompanham a mãe ou responsável, elas também vão sozinhas ao mercado para comprar algo que se fez ausente para o preparo de comidas ou das necessidades de casa. Quando

³⁶Trecho da música Encontros e Desencontros, autoria: Milton Nascimento e Fernando Brant.

³⁷ É uma plataforma de financiamento coletivo no Brasil.

finalizamos algumas cestas, fomos entregá-las de casa em casa na parte do território conhecido como Estiva.

Passei de carro em frente da casa de Helena e logo em seguida de Isaac e Ytalo. Quando vou passando de dentro do carro vejo Helena atravessando a pequena rua Titan e cumprimentando uma amiga que aguardava sentada no batente do pequeno quiosque³⁸ que tem na entrada da praia, do outro lado da rua. A caminho da Estiva, ainda na rua Titan, vejo Isaac sentado em uma cadeira na calçada em frente a sua casa. Com ele também se encontrava sua tia Silva, seu irmão mais novo Ytalo, uma mulher que não conhecia e outra criança. Todos estavam sem a proteção recomendada, sem as máscaras de tecido que precisam cobrir boca e nariz para diminuir a disseminação do vírus. Foi um momento muito breve e rápido, achei melhor não cumprimentá-los, pois não achei interessante fazer alarde com a minha presença em um momento em que permanecemos afastados fisicamente uns dos outros.

Chegando na Estiva e com as informações residenciais de algumas famílias que estavam cadastradas na AMT para receberem as doações, os olhos se concentraram nas numerações das casas que estavam anotadas numa planilha improvisada. A primeira casa que parei e desci para entregar, tentando manter o máximo de distância possível, uma anciã apareceu à porta. Entrego a cesta e ela em um impulso de êxtase por receber aqueles produtos, se aproximou de mim e ensaiou um abraço. Minha reação também ensaiou receber esse abraço, mas tudo não passou de um grande ensaio de afetos. Foi como se naquele momento a terra e o tempo estivessem parados e nós duas recuamos das nossas vontades de demonstrar gratidão por meio de um abraço. Recolhi meu corpo e falei que não poderia abraçá-la por conta das circunstâncias pandêmicas.

Seguimos procurando as outras numerações das casas nas ruas da Estiva, uma movimentação como essa atraem olhares e a presença das crianças. Mesmo encontrando alguns moradores nas ruas foi perceptível as mudanças que ocorreram nos fluxos de pessoas pelo território, mas ainda assim uma quantidade de moradores considerável mantiveram o hábito de colocar suas cadeiras na calçada em frente à suas casas para ficarem conversando e interagindo com seus vizinhos, porém o uso de máscaras era mais efetivo entre os mais idosos.

³⁸ É uma espécie de barraquinha onde vende coco, tapioca, caldo de caranguejo, entre outros itens.

Imagem 11: Comadres na calçada em tempos pandêmicos.



Fonte: elaborada pela autora (2020).

Já realizando as últimas entregas, as informações residenciais ficaram confusas e não conseguimos achar algumas casas, foi assim que uma menina que acompanhava a movimentação se aproximou da janela do carro e disse que sabia as numerações e também conheciam os moradores por nome, podendo indicar qual era a casa que as cestas deveriam ser entregues. Naquele momento fiquei pensativa por ela estar andando de modo livre pelas ruas do Serviluz, sem o uso de proteção e talvez sem saber exatamente o que estava ocorrendo. Mas aceitamos a ajuda, a menina parecia bem empolgada em ajudar e indicou algumas casas dos nomes que foram perguntados. Conversei um pouco com ela e fiquei surpresa com a pergunta que fizera, me perguntou se conhecia a Iara³⁹ do Projeto de Vida Titanzinho. No primeiro momento tentei resgatar na minha memória se aquela criança já havia participado do Projeto, mas em pouco tempo concluí que não. Então questionei de onde ela conhecia Iara e ela respondeu dizendo que também tinha ajudado ela naquela semana a procurar as casas. Perguntei

³⁹ Uma das psicólogas do Instituto Trêsmares e também do Projeto de Vida Titanzinho, Iara havia estado no Serviluz no começo daquela mesma semana com a missão de entregar parte das cestas.

se ela sabia do que estava acontecendo e ela me sorriu afirmando que sim, não quis continuar o assunto ou insistir nisso para não ser chata, parecendo uma juíza da moralidade. Essa atitude moralizante só iria afastar a criança que queria ajudar e participar de algum modo dessa ação para ajudar seus vizinhos, familiares, comadres e amigos. Quando todas as cestas daquele dia foram entregues, fui embora.

Com a pandemia, o grande mar que é o Serviluz entra em estado de tempestade, com muitas perdas, mas também muita movimentação diante dessa tempestade para diminuir os impactos dessa população já vulnerabilizada. Como é possível observarmos no Serviluz, mesmo diante da situação, os moradores reorganizam os fluxos para dentro da comunidade com o intuito de suprir as demandas de vulnerabilização. Temos como exemplos dessas movimentações o caso da jovem moradora Rubenia Santos, que é integrante do Coletivo Servilost e da Associação de Moradores do Titanzinho. A mesma criou uma rede de conexões para receber e distribuir as doações alcançadas (DIÁRIO DO NORDESTE, 2020).

5.1 “Mande notícias do mundo de lá”⁴⁰: construindo uma ponte com as crianças por meio de oficinas virtuais

As atividades, por meio remoto, em grupo foram desenvolvidas para manter algum contato com as crianças e mapear como se (re)configuram seus cotidianos no contexto da pandemia. Nesse subtópico, apresentamos um pouco de como a pandemia (re)configurou o cotidiano dessas crianças no Serviluz, segundo suas enunciações nas oficinas.

Diante da realidade pandêmica, se fez necessário o uso de outras tecnologias para que as atividades do projeto tivessem uma continuidade. Desse modo, o primeiro contato com as crianças foi realizado por meio de ligações, quando o isolamento social se tornou vigente. Fizemos diferentes contatos com as crianças, muitas vezes para propormos brincadeiras ou a produção de vídeos — as videochamadas e o jogo Gartic.io serão analisados mais a seguir.

Com a globalização e a expansão das tecnologias nas realidades sociais de diferentes lugares, assim como no Brasil, as crianças passaram a experimentar também essas ferramentas tecnológicas. A princípio, esses instrumentos tecnológicos não foram pensados para o uso de crianças, mas, como são sujeitos sociais e experimentam as relações cotidianas na sociedade,

⁴⁰Trecho da música Encontros e Desencontros, autoria: Milton Nascimento e Fernando Brant.

elas passaram a incorporar o uso de aparelhos, como *smartphones*, computadores, entre outras tecnologias, em suas experiências (ALCÂNTARA, 2017).

5.1.1 Fazendo conexão

Com o intuito de manter a proximidade com as crianças e responsáveis, formamos um grupo do *whatsapp*, tornando o meio remoto uma ponte de afeto para manter nosso movimento mesmo sem a presença física. Julian⁴¹, foi uma das crianças que não teve acesso ao grupo no *whatsapp*, pois sua mãe estava sem aparelho celular a já algum tempo.

As conversas descritas a seguir foram escolhidas tendo como critério a participação dessas crianças nas andanças que foram realizadas, para manter uma análise em volta do cotidiano dessas crianças já apresentadas anteriormente:

- **Isaac: O que sabe?** Sabem que tem o COVID-19 e que não podem sair de casa, além de terem que ficar tomando banho e lavando bem muito as mãos; **O que andava fazendo?** Respondeu que andava brincando com o irmão, brincando na casa dos colegas e assistindo televisão; **Como estava se sentindo?** Estava se sentindo bem, sentia falta apenas das atividades do projeto e dos amigos da escola; **Dúvida?** Porque o coronavírus veio aqui pra gente?

- **Ytalo: O que sabe?** Respondeu que sabia que o COVID-19 existia e que não podia sair de casa; **O que anda fazendo?** Andava assistindo tv e brincando em casa e lavando bem muito a mão com shampoo, sabonete e álcool gel; **Como estava se sentindo?** Estava se sentindo normal, mas sentia saudade de brincar com os amigos e brincar na escola; **Dúvidas?** Não tinha nenhuma.

- **Helena - O que sabe?** Disse que não tinha dúvidas, pois passava direto na televisão tudo sobre o COVID-19; **O que andava fazendo?** Passava a maior parte do tempo assistindo televisão e limpando a casa também; **Como estava se sentindo?** Estava se sentindo bem.

O constante acesso às informações por modo televisionado trouxe algumas percepções da realidade a respeito da pandemia, como a restrição para ocuparem as ruas e também participarem das atividades do projeto. Outro ponto apresentado no cotidiano em meio

⁴¹ Porém, em todas as entregas de cestas e outros materiais foram entregues à sua família.

a realidade de isolamento social, é a atribuição dos cuidados domésticos para a Helena que é do gênero feminino, que relatou continuar com essas obrigações, enquanto os irmãos Isaac e Ytalo, ocupam os seus dias exclusivamente com brincadeira e assistindo à televisão.

As obrigações domésticas de Helena se assemelham com “A história inacabada de Maria Rapunzel”, livro do escritor Júlio Lira (2002). Assim como Helena, Maria Rapunzel, como era conhecida, é uma criança que acaba trancafiada dentro de casa para cumprir com as obrigações domésticas e cuidar do seu irmão mais novo.

“...havia se mudado para um dos quartos do 42 uma mãe com seus dois filhos, uma menina e um bebê. A mãe, sem marido para ajudar, suava em dois empregos para poder pagar o aluguel e dar de comer às crianças. Saía cedo e chegava tarde. Preocupada com o que pudesse acontecer de ruim, fechava a porta, passava cadeado e entregava os filhos a Deus” (p.5).

A realidade e o efeito das precarizações, como a falta de creches, refletem as promessas vazias, em diferentes campanhas eleitorais, por parte dos candidatos a vereador. Lembro-me de uma atividade, sobre “liberdade de expressão na prática”, realizada em 28 de abril de 2018⁴², em que stencils, um tipo de arte urbana, foram produzidos pelas crianças e também por outros moradores que participavam das atividades do Surf das Manas. Os participantes escreveram frases sobre o modo de exercer o direito à liberdade de expressão, seja por meio de reivindicações dos seus direitos ou por meio de mensagens positivas para os moradores do território. Dentre essas frases, é possível ver “Cadê a creche?”, em referência à promessa feita em período eleitoral.

⁴² As atividades de 2018 aconteceram no espaço da Associação dos Moradores do Titanzinho.

Imagem 12: Stencil: Cade a creche?.



Fonte: Instagram @institutosmares (2018).

A pandemia afeta diferencialmente em função de gênero, raça, classe e geração. Com as escolas fechadas, e também os comércios, as crianças e os responsáveis passam mais tempo dentro de casa, aumentando, assim, as atividades domésticas e o cuidado com os mais novos. Dentro dessa “nova” dinâmica cotidiana, crianças como Helena e Maria Rapunzel acabam assumindo mais responsabilidades dentro de casa e no cuidado com os irmãos mais novos.

Com as ligações realizadas em outro momento aconteceu um encontro por meio remoto entre os voluntários do Projeto de Vida. Assim, foram debatidos assuntos sobre a pandemia no Serviluz e elaboradas novas estratégias para dar continuidade às atividades com

as crianças. Dentre essas estratégias, produziu-se um vídeo caseiro com informações sobre modos de contaminação, sintomas e prevenção. A ideia desse vídeo surgiu com o intuito de trazer informação para as crianças de modo fácil e por pessoas que elas sentem afeto, também para nos mantermos próximos e pensarmos como poderíamos continuar as atividades mesmo fisicamente se mantendo longe. O vídeo foi compartilhado no grupo de *whatsapp* das crianças e também na rede social do *instagram* do Instituto no final do mês de abril (Instagram do @InstitutoTresMares; 28 de abril de 2020).

Essa mudança na dinâmica de funcionamento do projeto, evidenciou uma outra vulnerabilização, que está relacionada ao acesso à internet. De acordo com dados preliminares da pesquisa desenvolvida pelo TIC KIDS, cerca de 17% das crianças e adolescentes entre os 9 e 17 anos não têm acesso à internet. Na situação de isolamento social a internet se mostrou uma ferramenta essencial para dar continuidade aos processos educacionais e informativos sobre os cuidados com o covid-19, como também na participação de outras atividades de capacitação e lazer.

Pensando também na dificuldade do acesso a internet por parte de algumas crianças, no primeiro fim de semana do mês de maio foram incluídas e distribuídas pela Associação dos Moradores do Titanzinho (AMT) juntos com as cestas básicas, caderninhos de desenhos e poesias disponibilizados por artistas como Daniel Inae, que em maio de 2019⁴³ fez uma parceria com o Projeto de Vida Titanzinho. Os desenhos foram impressos e entregues juntamente com lápis de colorir, as cestas também continham máscaras que foram confeccionadas por duas costureiras locais, uma das costureiras é mãe de duas crianças que participam do projeto.

5.1.2 Videochamadas com as crianças

No mês de julho, realizamos um segundo contato, mas dessa vez fizemos videochamadas com as crianças. Foram formados pequenos grupos com 4 integrantes, sendo dois facilitadores, ou tias como as crianças costumam nos chamar, e as crianças participantes do Projeto de Vida Titanzinho, quando irmãos, eles compartilham o uso do aparelho celular. Por conta das dificuldades provocadas por falhas nas conexões das internet, o contato mais efetivo se estendeu pelos irmãos Isaac e Ytalo.

O diálogo perpassou pelas perguntas e respostas que seguem:

⁴³ A atividade consistiu em um atravessamento por meio de desenhos de auto retrato e produzindo percepção de si nas crianças (*Instagram @institutotresmares*, 09 de maio 2019).

Como foi a quarentena? Pela videochamada escutamos a voz de Silva⁴⁴ respondendo que estava tudo bem. Perguntei se alguém tinha adoecido e Isaac respondeu que não. Isaac ficava com o celular e Ytalo se mantinha ao lado dele durante a ligação que fizemos. Como está o bairro? O Isaac respondeu que estava tudo bem no bairro.

Como está o colégio? o que está mais sentindo falta? Em relação à escola, Isaac falou que estavam fazendo as aulas de modo online. A escola criou um grupo no *whatsapp* onde estão os alunos e professores para que as atividades sejam passadas para as crianças. Ytalo respondeu que não estavam tendo aula por causa do coronavírus. Então questionei se para as turmas da primeira série do Ytalo não foi criado um grupo no *whatsapp* para que as atividades continuassem. Isaac respondeu que a turma dele também tinha um grupo da escola por meio do *whatsapp*.

O que achou das atividades e proposta de atividades que mandamos? Os dois disseram que estavam com saudades, Ytalo comentou que gostou da brincadeira do polvo. Por fim, comentei que também estava com muita saudade e que sempre lembrava das nossas idas a praia

5.1.3 Jogando Gartic.io. de modo online

O projeto propôs às crianças uma brincadeira *online* que todos participassem ao mesmo tempo. A elaboração dos vídeos não proporcionou uma interação entre o grupo mais aliada, percebemos isso durante a prática das outras brincadeiras e propostas. Dessa vez, foi combinado com as crianças de jogarmos Gartic.io às 10 horas da manhã. O jogo consiste nos participantes tentarem adivinhar o desenho do jogador da rodada e assim a cada rodada o jogador que desenha vai mudando.

Antes do horário combinado, Isaac já estava muito empolgado e falando comigo pelo *whatsapp* na conversa privada, ele queria que eu respondesse no grupo do *whatsapp* do Projeto de Vida. No grupo do *whatsapp* ele estava bem ativo e convocando a todos que ainda não tinham começado a responder ao chamado da organização para que a brincadeira acontecesse. Fizemos pequenas equipes com quatro pessoas, sendo integrado por duas tias e duas crianças, durante a brincadeira entramos em contato por videochamada com as crianças. Na minha equipe as crianças que participaram foram o Isaac, o Ytalo e a Helena, a outra tia integrou foi a Thaisa.

⁴⁴ Responsável legal e Tia de Isaac e Ytalo.

Dando o horário e com o *link* do jogo compartilhado no grupo do Projeto, comecei a ligar para Isaac e Ytalo, depois adicionei Thaisa e Helena na ligação. Helena demorou bastante para atender a ligação, algumas vezes ela recusou as minhas tentativas até que atendeu. Ela parecia bem cansada e comentou que estava com sono, pois não havia dormido na noite anterior. O grupo ainda estava tentando se organizar, aguardávamos algumas crianças que ainda não tinham conseguido acessar o *link* do jogo. Nesse meio tempo a mãe de Helena começou a reclamar, a voz ao fundo na ligação reclamava por ela ficar no celular por muito tempo. Ela respondeu dizendo que estava participando de uma brincadeira com outras crianças, a voz persistiu e disse que era para ela sair do celular.

Passando um curto tempo a mãe de Helena reclamou novamente, mas dessa vez sobre a louça que estava suja e que ela precisava lavá-la. Helena então falou que precisava desligar e saiu da videochamada. Ainda estávamos nos organizando quando Helena desligou a videochamada e Isaac quase que instantaneamente caiu da chamada. Fiquei tentando colocá-lo na chamada novamente, mas ele demorou um tempo para aceitar. Quando Isaac voltou para a ligação ele disse um tanto indignado que tinha ido na casa de Helena e que ela estava lavando a louça. Expliquei que não tinha problema e que se ela precisasse lavar a louça naquele momento, em um outro dia ela participaria da brincadeira. Helena e Isaac são praticamente vizinhos e ela sempre gostou de brincar e cuidar de Ytalo e de seu irmão mais novo, também de realizar as tarefas domésticas para ajudar sua mãe.

Neste outro momento, é evidenciado novamente o cotidiano de Helena e a sua ausência em algumas atividades do projeto impulsionada por conta do seu gênero. Como é perceptível, as responsabilidades domésticas não recaem sobre Isaac e Ytalo, que são duas crianças do gênero masculino, enquanto que, na realidade de Helena, uma criança do gênero feminino, as responsabilidades domésticas são cobradas e assumidas por ela em diferentes momentos.

A experiência das mulheres, seja na infância, na adolescência ou na juventude são construídas socialmente e durante muito tempo na história essas experiências ganharam conotações de uma não racionalidade ou não civilidade, devido a uma suposta natureza do gênero feminino e à atribuição de atividades de cunho doméstico às mulheres. A partir disso, reflexos desses pensamentos direcionados à mulher trouxeram como consequências para essas crianças, jovens e adultas, a noção de que seriam sujeitos incompletos. As lutas feministas, suas críticas e reivindicações em torno de como a mulher era percebida e tratada, como sujeitos incompletos, provocou o reconhecimento e o entendimento por direitos que reconhecessem as mulheres e aqueles que se percebem no gênero feminino de sua condição enquanto sujeitos de

direitos. Esse reconhecimento da mulher enquanto sujeito de direito produz um efeito de maior equidade nas relações (MAYORGA, 2019).

Porém, a luta ainda não terminou. Como podemos compreender, a realidade não se caracteriza como um campo homogêneo. O gênero não é compreendido de modo isolado, assim, existem marcadores que quando interseccionados podem produzir maiores vulnerabilizações, como é o caso de Helena, que experimenta sua infância misturada com o início de uma adolescência. Neste caso, observa-se que há marcadores como os de geração, raça, sexualidade, classe social e território também interagindo com seu cotidiano (MAYORGA, 2019). A exemplo, as classes sociais economicamente privilegiadas possuem empregados ou funcionários domésticos que são responsáveis pelo cuidado da casa e das crianças, sem precisarem delegar essas atividades para as crianças do gênero feminino ou mais velha da família.

Com quase todas as crianças conectadas de modo *online* no jogo e também nas linhas de chamada, que as outras voluntárias ficaram responsáveis, começamos a brincadeira. O *link* foi criado pelo projeto para que as opções de desenhos realizadas e adivinhados fossem referências de locais e expressões existentes no território do Serviluz. Muitos lugares como o Farol do Mucuripe, Praia das Pedrinhas, Surf, Surfistas, Mar, Ondas, as Tias (voluntárias) do projeto, entre outros, foram os desenhos feitos.

O jogo começou e todos ficaram bastante empolgados, tentando adivinhar o que estava sendo desenhado. É perceptível a euforia das crianças e dos voluntários também, a saudade faz com que esses encontros virtuais transbordem alegria. Durante a brincadeira, escuto a voz do Tio de Isaac e Ytalo perguntando o que eles estavam fazendo e com quem falavam. Isaac não respondeu a indagação do seu tio, o que fez com que ele perguntasse novamente. Foi quando Isaac respondeu que estava com o Projeto de Vida e seu tio compreendeu respondendo “Ah!”. Isso demonstrou o entendimento sobre a participação das crianças nas atividades do projeto por parte de seus familiares e responsáveis.

Todos se empolgaram bastante com a brincadeira e no total brincamos três rodadas completas, ou seja, todos tiveram a oportunidade de desenhar. Ficamos com as crianças até o horário próximo do almoço, foi quando Isaac começou a reclamar que estava com fome e Ytalo falando que a brincadeira era chata. Como Isaac é mais velho que Ytalo, ele detém o manuseio e controle do celular, o que muitas vezes acaba sendo tedioso para Ytalo realizar algumas atividades por meio remoto. Já na terceira rodada, fomos avisando às crianças que aquela seria

a última vez e que encerraríamos. Ao fim, todos se despediram e desligaram, algumas crianças ficaram comentando no grupo do *whatsapp* o quanto tinha sido divertido.

Neste período de isolamento social, as crianças enunciaram (re)configurações dos seus cotidianos. Percebemos que algumas crianças passaram a usar o celular com maior intensidade no cotidiano, já que as saídas habituais foram restringidas. Muitas vezes, mensagens durante a madrugada eram enviadas por algumas crianças no grupo do *whatsapp*. Durante as oficinas, as enunciações também apresentaram que o processo educacional das escolas permaneceu de modo remoto, o que muitas crianças demonstraram insatisfação e maior desinteresse pelas aulas. As famílias precisaram de outros apoios relacionados a produtos de alimentação e outras necessidades. O Instituto TrêsMares desenvolveu diferentes suportes, como o Ser Ponte Serviluz e o Ei budegá⁴⁵, para diminuir os impactos provocados pela pandemia.

A continuação e os esforços das crianças para permanecerem conectadas com o Projeto foram das mais diversas. Algumas crianças iam para a casa da amiga, que também participava, para compartilharem do celular e da internet e pudessem participar das atividades propostas. No grupo do *whatsapp*, as crianças enviaram fotos usando máscara e relataram que estavam mais tempo em casa; às vezes, se encontravam com algum amigo vizinho. Algumas pias foram instaladas também pelo território do Serviluz para a higienização das mãos, juntamente com faixas com orientações para os moradores permanecerem em casa, para sempre lavarem as mãos e manterem o uso de máscaras ao circularem pelas ruas e outros espaços.

⁴⁵ Parceria com o consulado da Suíça, Instituto Esporte Mais e Gerando Falcões.

6 QUE SERVILUZ AS INFÂNCIAS TÊM DESENHADO? REVISITANDO O PROCESSO CARTOGRÁFICO

Enfim, que Serviluz as infâncias têm desenhado? Desenho esse feito das experiências, afetos, fluxos, micropolíticas e cotidianos. Um desenho coletivo com muitas mãos, maresias, cores e dores. A pesquisa chega ao fim, mas as infâncias titânicas continuam existindo e resistindo a diferentes opressões, desvalias e dinâmicas de violências. Esta pesquisa nasceu e operou no meio de um rizoma constituído de muitas travessias infantis que estavam/estão acontecendo e que continuarão em movimento mesmo com o fim desta investigação inter(in)ventiva.

O território do Serviluz, ao longo de sua existência e de suas histórias, mostrou, por diferentes ocasiões, a força e resistência dos seus moradores diante de outros interesses de intervenções hegemônicas, como exemplos, temos a luta das ZEIS, a luta contra a instalação do estaleiro, a luta contra o projeto de remoção aldeia da praia, que tinha como interesse remover moradores para construir uma praça. Não somente essas lutas como outras, por melhorias nos postos de saúde e nas escolas, por acesso a direitos negligenciados, por alimentação adequada, por infraestrutura habitacional, entre outras.

Talvez, nesse desenho das crianças cartografadas-guias, os primeiros traçados se dariam no mar, terra de pescador. A sintonia e o desejo unânime das crianças com quem fizemos esta pesquisa é fazer parte do mar. Somos tão pequenos e, dentro da imensidão do mar, em uma espécie de simbiose, é confuso sentir a nossa própria completude. Sair desse banho e permanecer na areia, escalar as pedras do paredão, voar de novo para dentro do mar em um mergulho constituíram, ainda antes da pandemia, parte importante da nossa cartografia com as crianças sobre seus cotidianos e modos de subjetivação no Serviluz. Não só por diversão, mas percebendo o percurso e desenhando esse cotidiano do mar. Do interior dessa massa azul sai muito alimento e saíram muitas das potências de resistir, persistir e re-existir que buscamos trazer nesta pesquisa. Sai do trabalho também, porque, se não for pela pesca, é descascando camarão e vendendo peixe. As crianças aprendem os nomes dos peixes e de outros animais, aprendem sobre a vegetação marinha e as tartarugas. As crianças mais velhas, que estão no em vias de serem socialmente reconhecidas como “adolescentes”, também trabalham vendendo ovos de codorna nas areias da praia do futuro.

Esses trajetos se confundem com as memórias. Quantas vezes passaram pela praça Tiago Dias; quantas vezes foram para a parada de ônibus na praça São Francisco; quantas

subidas nas escadas do antigo Farol do Mucuripe; quantos mergulhos mar adentro. As andanças pela memória trazem lembranças de diferentes encontros que foram feitos no Farol com as crianças. Por vezes, as saias rodaram ao som do marulho aos tambores de crioula⁴⁶. As meninas e os meninos vestiram as saias, montaram o seu turbante e foram brincar de girar. Uma mãe subiu para assistir. Disse que a princípio ficou com medo, escutou alguns moradores falando que o som dos tambores era macumba, mas, quando sobe, depara-se com a alegria e algazarra das crianças dançando.

O desenho do Farol como resistência vai surgindo com os compassos dos pés. Uma dança que continua com a ocupação dos saraus organizados pelos diferentes movimentos (Coletivo Servilost, o Projeto de Vida e o Coletivo Audiovisual do Titanzinho) que ocupam coletivamente a Associação dos Moradores do Titanzinho. O farol é desenhado como uma muralha. É resistência contra o descaso do Estado. Nos últimos anos, quem cuidou e ocupou, dentro das possibilidades, dando outros sentidos, promovendo ações para fruição do espaço, foram os moradores. Por sua vez, o estado envia seu braço armado, a Polícia Militar, para conter e oprimir aqueles que se divertem.

Um desenho por cima do outro. Difícil de apagar os traços do desenho anterior, também com traços da força policial, dos conflitos entre facções. Por cima da muralha do farol, é desenhada uma ponte para um lugar distante. Em cima dessa ponte, com um telescópio, observamos mais de perto outras estrelas e planetas. A noite das estrelas⁴⁷, ocupação no Farol realizada coletivamente também entre os movimentos, transforma a ponte de muralha em um cinema a céu aberto. Um projetor é direcionado com suas luzes para o farol. As animações que são apresentadas⁴⁸ falam sobre as estrelas, outras terras e possibilidades. Lá de cima, por de trás de toda aquela estrutura, o mar na vastidão do olhar se movimenta constantemente, fazendo a terra se mover vagarosamente, de modo imperceptível. O telescópio ficou à disposição de quem desejasse se aventurar entre as estrelas.

São nesses movimentos micropolíticos em que as infâncias co-engendram modos inventivos de ser criança, a despeito das forças de homogeneização que operam (in)visibilizando existências e territorialidades periferizadas. É nesse desenhar com outras crianças, juntas, por cima do desenho da outra, em comunhão, afeto e também na dor e luta. Esses movimentos subjetivam, desfazem/tensionam linhas de sujeição, singularizam existências, maquinam novas

⁴⁶ Oficina de Tambor de Crioula (2018).

⁴⁷ Um homem foi executado na praia do Titanzinho durante a organização desse evento, do farol. Foi possível escutar os disparos da arma de fogo.

⁴⁸ Curtas: La Luna (2011); Viagem à lua (1902).

possibilidades, linhas de fuga e potência de vida. As forças de dominação e subalternização coexistem com as forças de criação e invenção. Às vezes, as forças que oprimem são como o mar em ressaca; por outras vezes, as forças do mar em ressaca se transformam em forças (re)inventivas.

Os desenhos dessas andanças só foram e são possíveis por uma aliança entre todas as infâncias que se fizeram presentes, não só as infâncias titânicas, que ainda experimentam e constroem no presente seu modo de ser criança, mas todos aqueles jovens e adultos que ajudaram, possibilitando que muitas ações voltadas para elas fossem possíveis. Parte da música “bola de meia, bola de gude”, de Milton Nascimento (1988), descreve essa experiência do devir-criança:

“Há um menino; Há um moleque; Morando sempre no meu coração; Toda vez que o adulto balança; Ele vem pra me dar a mão; Há um passado no meu presente; O sol bem quente lá no meu quintal; Toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão; E fala de coisas bonitas; Que eu acredito que não deixarão de existir; Amizade, palavra respeito, caráter, bondade, alegria e amor”.

Essas experiências atravessam o tempo, são ancestrais, continuam existindo por meio de outras infâncias e outros modos de ser criança. Nessa multiplicidade de linhas e traços, o desenho continua em construção e, mais uma vez, suas andanças pelo território do Serviluz nos levam ao mar. Quando criança, escutei, por muitas vezes, minha avó falando sobre o mar e Iemanjá. Na minha imaginação, ela surgia dentro do mar, como uma cobra, se levantava e mostrava toda sua fúria e potência. Os ensinamentos construídos/aprendidos ainda na infância, sobre o coletivo, o cuidar do próximo, a paixão pelo mar e a sua natureza em pluralidade, extensa, profunda, foram agenciamentos que me impulsionaram a almejar uma revolução.

No mar em fúria, ondas de afeto e ódio se formam. Ondas gigantes em metamorfose se chocam contra o quebra-mar, molhando o asfalto, as ruas e as crianças. As infâncias titânicas possuem coração de mar, alma salgada que transborda provocando resistências e desestruturando modos que oprimem suas existências. As infâncias que seguram minha mão gritam por justiça e pedem revolução por todas as crianças assassinadas pelo Estado, até mesmo antes de nascerem, por todas as crianças que não alcançaram a adolescência ou a vida adulta e todas aquelas que, em vida, são torturadas, negligenciadas, oprimidas, com a infame desculpa criada por um sistema econômico pautado no extermínio por serem quem elas são.

O Serviluz desenhado e seus modos de criança intervém, constroem, criticam, sonham e materializam por meio de um movimento de insurgências, resistências e invenções micropolíticas um presente mais possível para elas e para todas as outras infâncias que estão por vir no território. Essas infâncias desaguardam como um rio na imensidão macropolítica do

mar, desconstruindo um modo de existir único e reconstruindo múltiplas possibilidades de existência.

Desse modo, dentre as potencialidades achadas nas cenas-analisadoras desta dissertação, os processos de subjetivação de infâncias titânicas são construídas em consonância com os agenciamentos sociais do território, assim, as infâncias também fazem parte e compõe os processos que nascem e (re)nascem das linhas moleculares de resistências, elaborando também sua máquina de guerra.

As andanças nas ruas, praias e as memórias, cultivadas em outras andanças, foram o dispositivo essencial para uma imersão no território e também para descrever as infâncias titânicas, observando como os modos de ser criança desenham o Serviluz. O grupo, mantido por meio remoto, permitiu que as crianças continuassem conectadas no cotidiano com as atividades, como um suporte maior para as ações criadas mediante a pandemia. Diante desta dissertação, outros possíveis desdobramentos seriam, a partir das trajetórias das infâncias que participaram do Projeto de Vida Titanzinho e hoje são adultos jovens, entender os processos de subjetividade construídos no território da infância em outro tempo-espaço.

Imagem 13: Tambor de Crioula no Farol.



Fonte: Coletivo Servilost - Priscilla Souza (2019).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Deiziane Pinheiro. **Marcado para morrer:** moralidades e socialidades das crianças na comunidade do Serviluz (Fortaleza-CE) 2017. Orientador: Leonardo Damasceno de Sá. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia, Centro Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/24474/3/2017_dis_dpagliari.pdf. Acesso em: 05 de mai. de 2019.
- ALANEN, L. Estudos feministas/Estudos da infância: paralelos, ligações e perspectivas. *In: Crianças e Jovens na construção social*. 1. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001.
- ALCÂNTARA, A. O Brincar em ambiente virtual. *In: ALCÂNTARA, A.; GUEDES, B. (org.). Comunicação infância: processos em perspectiva*. São Paulo: Pimenta Cultural. 2017. cap. 6, 151 - 175 p.
- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.
- AMADO, J. **Mar Morto**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 285 p.
- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. *In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre, Sulina, 2015. cap. 7, 131 - 149 p.
- AGUIAR, Deiziane Pinheiro; SÁ, Leonardo Damasceno de. A dimensão do urbano no Serviluz e a configuração das guerras e suas fronteiras simbólicas: a perspectiva das crianças. *In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, REUNIÃO DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE*, 5., 14., 2015, Maceió. **Anais eletrônicos [...]** Maceió: EDUFAL, 2015, p. 1-26. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21711>. Acesso em: 21 de abr. de 2019.
- BARBOSA, A. H. N. **Se essa rua fosse minha:** as crianças e suas narrativas verbais e visuais do bairro Vicente Pinzón. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018. 132 p.
- BARROS, J.P. P. Juventudes desimportantes: a produção psicossocial do “envolvido” como emblema de uma necropolítica no Brasil. *In: COLAÇO, V.; GERMANO, I.; MIRANDA, L.; BARROS, J.P.P (org.). Juventudes em Movimento: experiências, redes e afetos*. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2019. cap. 9, p. 209 - 238.
- BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. *In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (org.). Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. cap. 3, p .52 - 75.
- BARROS, M. D. Aventura. *In: Memórias Inventadas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018. p. 17.
- BARROS, R. B. **Grupo:** a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina/Editora UFRGS, 2007. 350 p.

BENICIO, Fernando Luis de Souza *et al.* Necropolítica e Pesquisa-Intervenção sobre Homicídios de adolescentes e jovens em Fortaleza, CE. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 38, n. 2, p. 192 -207, 2018.

BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução: Marcus Vinicius Mazzari. 2. ed. São Paulo: Duas caras; Editora 34, 2009. 176 p.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a Política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembléia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 266 p.

BUTLER, J. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. 288 p.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diego Mainardi. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150 p.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução: Ingrid Muller Xavier. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 480 p.

CASTRO, J. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

CASTRO, L. R. **O futuro da infância e outros escritos**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2013. 225 p.

CEARÁ. Bienal fora da Bienal promete encontros diversos e marcantes. Ascon Secult, 2019. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2019/08/16/bienal-fora-da-bienal-promete-encontros-diversos-e-marcantes/>. Acesso em 18 de maio de 2021

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 18. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA - CCPHA. Cada vida importa: relatório final do comitê cearense pela prevenção de homicídios na adolescência. Disponível em: https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_final.pdf. Fortaleza, 2016.

COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA. Nota Técnica (03/2020) - Homicídios contra crianças menores de seis anos no Ceará: média mensal cresce 3,7 vezes em 2020. Disponível em: <https://cadavidaimporta.com.br/wp-content/uploads/2020/10/2020-10-09-nota3.pdf>, acesso em outubro de 2020. Fortaleza, 2020.

COIMBRA, C. M. B; NASCIMENTO, M. L. A produção de crianças e jovens perigosos: a quem interessa?. *In: Direitos Humanos não têm idade*. CEDECA/São Martinho 2008.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 59 p.

COSTA, Érica Atem Gonçalves de Araújo *et al.* Do Serviluz à Nova Canudos: (com)passos de uma pesquisa-inter(in)venção nos territórios das infâncias periféricas. *In: Violências, Desigualdades e (Re)existências: cartográficas Psicossociais*, BARROS, J. P. P; RODRIGUES, J. S.; BENICIO, L. F. (org.). Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021. 317 - 336 p.

DAMIÃO, F. J. **Primeira infância, afrodescendência e educação no Arraial do Retiro**. 1. ed.; Salvador: EDUFBA, 2012. 156 p.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução: Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013. 240 p.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. Tradução: Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 208 p.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. vol. 3. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. 144 p.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 4. Tradução: Suely Rolnik. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1997. 176 p.

DEL PRIORE, M. D. O cotidiano da Criança Livre no Brasil entre a Colônia e o Império. *In*: PRIORE, M. D. (Org.). **História das Crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018. cap. 3, p. 84 – 106.

SOLIDARIEDADE nas comunidades de Fortaleza busca diminuir problemas deixados pelo coronavírus: Moradores se mobilizam para ajudar vizinhos durante a pandemia e diminuir vulnerabilidades com doações e compartilhamento de informações sobre o vírus. Moradores se mobilizam para ajudar vizinhos durante a pandemia e diminuir vulnerabilidades com doações e compartilhamento de informações sobre o vírus. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, p. 1-6. 13 abr. 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/solidariedade-nas-comunidades-de-fortaleza-busca-diminuir-problemas-deixados-pelo-coronavirus-1.2233722/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ESPÍNOLA, R. **Caravelas Jangadas e Navios uma História Portuária**. 2. ed. Fortaleza: Editora Omni, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. 432 p.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FRANCO, M. **UPP a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do Rio de Janeiro**. 1. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 159 p.

FREIRE, A. M. A. **Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as CATARINAS (Paraguaçu), FILIPAS, MADALENAS, ANAS, GENEGRAS, APOLÔNIAS e GRÁCIAS até os SEVERINOS**. São Paulo: Cortez: Brasília, INEP, 1989.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lucia Cláudia Leão. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsa políticas do desejo**. Tradução: Suely Belinha Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HUNING, S. M; CABRAL, R. J; RIBEIRO, M. A. T. Nas Margens: psicologia, política de Assistência Social e Territorialidades. **Rev Polis e Psique**. v. 8, n. 3, p. 52 - 69, 2018.

HÜNING, S.M; GOMES, C. A. R. A Pesquisa-experiência na Psicologia: Corpos, Afetos e Experiências em Territórios Urbanos. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v 39, n. 2, p. 100 - 111, 2019.

JOVINO, Ione da Silva. **Entre o sentimento da infância e a invisibilidade das crianças negras: ambiguidade no século XIX**. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 2008, Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPED/GT 21, 2008. p. 1 - 17. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/entre-o-sentimento-da-infancia-e-invisibilidade-das-criancas-negras-ambiguidade-no>.

KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. 76 - 91 p.

KASTRUP, V; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; TEDESCO, S. (org.). **Pistas do Método da Cartografia: a experiência e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016. cap. 4, 15 - 41 p.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. cap. 2, p. 32 - 21.

KIRST, P. G; GIACOMEL, A. E; RIBEIRO, C. J. S; COSTA, L. A; ANDREOLI, G. S. Conhecimentos e Cartografia: Tempestade de Possíveis. In: FONSECA, T. M. G; KIRST, P. G. (org.). **Cartografias e devires: A construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. cap. 8, 91 - 101 p.

KOHAN, Walter. A infância da educação: o conceito devir-criança”. In: **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. cap. 1. 207 - 236 p.

LARROSA, J. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LIMA, Patrício. **Efeitos da Corrosão afetam moradores da praia do futuro: só em 2016, a Enel trocou 125 postes e 28 transformadores, devido aos danos causados no local**. **Diário do Nordeste**. Fortaleza, 10 jan. 2017. Metro, p. 1-10. Disponível em: https://more.ufsc.br/artigo_jornal/inserir_artigo_jornal. Acesso em: 06 abr. 2020.

LINS, D. Deleuze: o surfista da imanência. *In*: LINS, D.; GIL, J. (org.). **Nietzsche/Deleuze: jogo e música**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, Fortaleza, Ce: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2008. cap. 4, 53 - 75 p.

LIRA, J. **A história inacabada de Maria Rapunzel**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

MACHADO, A. M. **Sinais do Mar**. São Paulo: Cosac Naify, 2019. 56 p.

MAYORGA, C. Algumas palavras de uma feminista sobre o campo de estudos sobre juventude. *In*: COLAÇO, V.; GERMANO, I.; MIRANDA, L. L.; BARROS, J. P. (org.). **Juventudes em movimento: experiências, redes e afetos**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2019. cap. 5, 132 - 141 p.

MENDES, G. N.; PASSOS, M. C. P.; CAPUTO, S. Imagens e deslocamentos: fotografias como enunciação de saberes, culturas e afetos. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 54 - 79, jan./jun. 2016.

MBEMBE, A. **Políticas da Inimizade**. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2017.

MUNIZ NETO, J. S.; MIRANDA, L. L. Em defesa da sociedade: a assistência à infância nas primeiras décadas do século XX em Fortaleza, Ce. *In*: LOBO, L. F.; FRANCO, D. A. (org.). **Infâncias em Devir: Ensaios e Pesquisas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2018. cap. 7, 91 - 117 p.

NOGUEIRA, A. A. Da Pesca ao Surf: natureza, cultura e resistência na praia do Titanzinho em Fortaleza. *In*: GORCZEVSKI, D. **Arte que inventa afetos**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015. cap. 9, p. 143 - 154.

NOGUEIRA, A. A. **Fogo, Vento, Terra e Mar: Migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006)**. Orientador: Maurício Broinizi Pereira. Dissertação (Mestrado em História Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Centro de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12965>. Acesso em: jun. de 2018.

NUNES, Míghian D. F. Cadê as crianças negras que estão aqui? O racismo (não) comeu. **Latitude**, Alagoas, v. 10, p. 383 - 424, 2016.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. cap. 1, p. 17 - 31

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. Sobre a formação do cartógrafo e o problema das políticas cognitivas. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. cap. 10, p. 201 - 205.

PAULON, S. M.; ROMAGNOLI, R. Quando a vulnerabilidade se faz potência. **Interação em Psicologia**, Palmas, v. 22, n. 3, p. 178 -187, 2018.

PEREIRA, E. Resistência Descolonial: Estratégias e Táticas Territoriais. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n, 43, p. 17 - 55, 2014.

PEREIRA, Lilian Souza. **Petroquímica - Química e Petróleo**. In: Infoescola: navegando e aprendendo. 2018. Disponível em: <https://www.infoescola.com/quimica/petroquimica/>, Acesso: em 6 de abr. de 2020.

PINHEIRO, A. **Criança e Adolescente no Brasil**: Porque o Abismo entre a Lei e a Realidade. 1. ed. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

PREFEITURA DE FORTALEZA. **Curso de formação dos conselhos gestores das ZEIS**. In: Instituto de Planejamento de Fortaleza - IPLANFOR, 2018. p. 1- 25.

PROVENZI, J. Educação Sexual é fundamental para combater o abuso infantil. *Jornal da Universidade*. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. (UFRGS). 2020. Disponível em: <://www.ufrgs.br/coronavirus/base/educacao-sexual-e-fundamental-para-combater-o-abuso-infantil/>. Acesso em 18 de mai. de 2021.

RIZZINI, I. **O Século Perdido**: Raízes Históricas para a Infância no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ROCHA, M. L; AGUIAR, K. F. Micropolítica e o Exercício da Pesquisa-intervenção: Referenciais e Dispositivos em Análise. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n .4, p. 648 - 663, 2007.

SADE, C; FERRAZ, G. C; ROCHA, J. M. O Ethos da Confiança na Pesquisa Cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; TEDESCO, S. (org.). **Pistas do Método da Cartografia: a experiência e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2016. cap. 3, 66- 91 p.

SÁ, Leonardo Damasceno de. **Guerra, Mundão e Consideração**: Uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. Orientador: César Barreira. Tese (Doutorado em Sociologia), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2010. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/1284/1/2010_TESE_LDSA.pdf

SANTIAGO, F. “Não é nenê, ela é preta”: educação infantil e o pensamento interseccional. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, p. 1 - 25, 2020.

SANTOS; M. M.; ARAÚJO, D. V. A Importância da Regulamentação das ZEIS nas Políticas de Prevenção de Homicídios. In: **COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA**. Cada Vida Importa: Relatório do primeiro semestre de 2018a. Fortaleza, 2018. 45 p.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SANTOS, N. S. Quando os saberes sobre infância, subjetividade e espaço sentam-se à mesa. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 125 - 138, set. 2018/fev. 2009.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. *In*: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A.B. (org.). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. 1. ed. Porto: Asa, 2004, p. 9 - 34.

SARMENTO, M. J.; FERNANDES, N.; TOMÁS, C. Políticas Públicas e Participação Infantil. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, n. 25, p. 183 - 206, 2007.

SCHÉRER, R. **Infantis**: Charles Fourier e a infância para além das crianças. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SCISLESKI; A. C. C; HÜNING, S. M. Imagens do escuro: reflexões sobre subjetividades invisíveis. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 6, p. 1 - 9, jan. 2016.

SOUZA, M. L. A. “A perspectiva das crianças”: corpo e território na identidade quilombola infantil. **Revista Humanidades e Inovações**, Palmas, v. 4, n. 3, p. 187 - 201. 2017.

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *In*: PASSOS, E; KASTRUP, V; TEDESCO, S. (org.). **Pistas do Método da Cartografia**: a experiência e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016. cap. 4, 66- 91 p.

TEDESCO, S. As práticas do dizer e os processos de subjetivação. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 357 - 362, jul./dez. 2006.

PENSAR com os pés. Realização de François Tosquelles. São Paulo: Laboratório de Sensibilidades, 2020. (01 min.), Online, son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=plR9t3fA3QQ&t=26s>. Acesso em: 10 abr. 2020.

UNICEF. **UNICEF alerta**: garantir acesso livre à internet para famílias e crianças vulneráveis é essencial na resposta à Covid-19. 2020. Brasília (DF): Escritório da Representação do UNICEF no Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/unicef-alerta-essencial-garantir-acesso-livre-a-internet-para-familias-e-criancas-vulneraveis>. Acesso em: mai. de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Cinema que inventa o bairro: cine ser ver luz**. Deisimer Gorczewski; Maria Fabiola Gomes; Pedro Fernandes e Sabrina Araújo (org.) 1. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2019.

FAROL do Mucuripe. Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Farol_do_Mucuripe. Acesso em: 01 ago. 2019.

LARVA migrans cutânea. Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Larva_migrans_cut%C3%A2nea#:~:text=A%20larva%20migrans%20cut%C3%A2nea%20\(LMC,que%20eventualmente%20atingem%20o%20homem](https://pt.wikipedia.org/wiki/Larva_migrans_cut%C3%A2nea#:~:text=A%20larva%20migrans%20cut%C3%A2nea%20(LMC,que%20eventualmente%20atingem%20o%20homem). Acesso em: 1 de ago. de 2020.

ANEXO A - PARECER PLATAFORMA BRASIL

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 2.675.116

2015. Os dados produzidos por essa primeira etapa servirão de mote para a deflagração da segunda etapa.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa é cartografar processos de subjetivação constituídos na articulação de práticas sociais relacionadas à problemática da violência urbana envolvendo segmentos juvenis, em territórios da cidade de Fortaleza-CE com elevados índices de homicídios.

Secundariamente, os objetivos são: a) Analisar dados relacionados à violência letal na cidade de Fortaleza produzidos pela pesquisa qualitativo-descritiva do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, finalizada em 2016; b) Discutir, sob o ponto de vista psicossocial, a problemática dos homicídios de jovens na capital do Ceará; c) Problematizar práticas institucionais em territórios da cidade de Fortaleza que estejam relacionadas à problemática da violência urbana envolvendo jovens; d) Problematizar práticas discursivas sobre a relação dos segmentos juvenis com a violência urbana, junto a jovens moradores de territórios da cidade de Fortaleza e trabalhadores sociais que atuam nesses contextos; e) Discutir implicações da violência urbana e das práticas sociais concernentes a tal problemática nos modos de subjetivação juvenis que se estabelecem em territórios da cidade de Fortaleza identificados sob o signo da “vulnerabilidade/risco social”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Pesquisa com risco mínimo, ao envolver entrevistas e grupos de discussão, que podem incorrer em algum constrangimento que possa emergir durante a coleta. O pesquisador garante a livre desistência o participante poderá se recusar a continuar na discussão ou a qualquer momento desistir de integrar o grupo formado. Nenhum dos procedimentos utilizados oferecerão riscos à dignidade dos participantes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa em Conformidade com os parâmetros éticos da Resolução 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos e documentos estão adequados às exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

CEP: 60.430-275

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 2.675.116

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1117815.pdf	30/04/2018 13:24:13		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PAIS.docx	30/04/2018 13:21:07	João Paulo Pereira Barros	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PROFISSIONAIS.docx	30/04/2018 13:19:32	João Paulo Pereira Barros	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_JOVENS.docx	30/04/2018 13:19:18	João Paulo Pereira Barros	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.docx	19/04/2018 17:36:47	João Paulo Pereira Barros	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMODEASSENTIMENTO.docx	19/04/2018 17:28:56	João Paulo Pereira Barros	Aceito
Outros	TERMODECOMPROMISSO.docx	19/04/2018 17:19:55	João Paulo Pereira Barros	Aceito
Outros	APRECIACAO.docx	19/04/2018 16:54:00	João Paulo Pereira Barros	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	19/04/2018 16:45:32	João Paulo Pereira Barros	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_PESQUISADORES.docx	19/04/2018 16:42:08	João Paulo Pereira Barros	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	CUCA.pdf	19/04/2018 16:39:19	João Paulo Pereira Barros	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	19/04/2018 16:33:21	João Paulo Pereira Barros	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	19/04/2018 16:17:40	João Paulo Pereira Barros	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000
Bairro: Rodolfo Teófilo **CEP:** 60.430-275
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3366-8344 **E-mail:** comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



Continuação do Parecer: 2.675.116

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 25 de Maio de 2018

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador)

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UFC - UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ /



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: JUVENTUDE E VIOLÊNCIA URBANA: CARTOGRAFIA DE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA CIDADE DE FORTALEZA-CE.

Pesquisador: João Paulo Pereira Barros

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 88857718.9.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.675.116

Apresentação do Projeto:

A pesquisa "Juventude e Violência Urbana: cartografia de processos de subjetivação na cidade de Fortaleza -Ce" será conduzida por pesquisador psicólogo com vasta experiência em pesquisa no tema e participante de Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFC. Neste projeto, o pesquisador irá, através da abordagem da cartografia, produzir conhecimento sobre os processos de subjetivação constituídos na articulação de práticas sociais em torno da violência urbana envolvendo segmentos juvenis, em territórios da cidade de Fortaleza com elevados índices de homicídios. Tal pesquisa é empreendida a partir de dados sobre levantamento da realidade de criminalização e extermínio de segmentos juvenis nos contextos urbanos, em especial, na cidade de Fortaleza. O lócus da pesquisa-intervenção serão os CUCAs de Fortaleza, dos bairros Barra do Ceará, Jangurussu e Mondubim. Os sujeitos serão os jovens que participam das atividades do CUCA e seus profissionais, totalizando 60 sujeitos. A metodologia será de pesquisa-intervenção, com os seguintes procedimentos: observação de atividades dirigidas a jovens relacionadas à questão da violência urbana nos territórios onde se situam os CUCAs; entrevistas semiestruturadas com jovens que os frequentam sobre relações entre juventude e violência urbana e sobre práticas de enfrentamento à violência letal envolvendo jovens; e grupos de discussão com jovens dessas três regiões e que integrem as atividades do equipamento. Anteriormente a esta etapa, será feita uma análise quantitativa sobre o relatório institucional feito pela UNICEF e Assembleia Legislativa do CE, que tras dados relativos ao homicídio de adolescentes e jovens em Fortaleza no ano de

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br